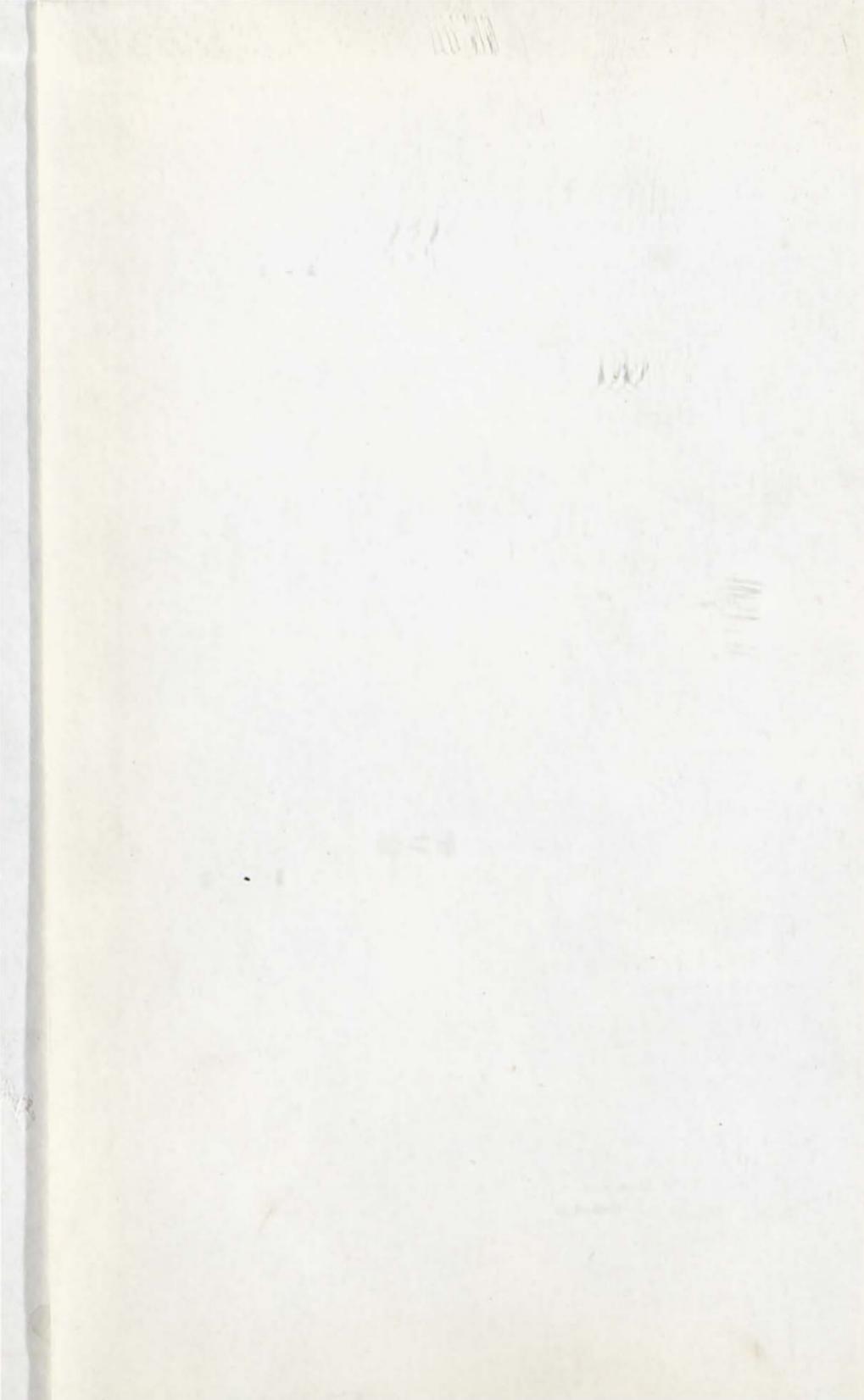




190



M



A CADEIA VELHA

30-1-8.

JOSE VIEIRA

18

A Cadeia Velha

(Memoria da Camara dos Deputados)



*Seria para desejar que todos
vissem claramente em que se trans-
formou a verdadeira função do
Parlamento, n'estes tempos novos
de reporters e reis imaginarios.*

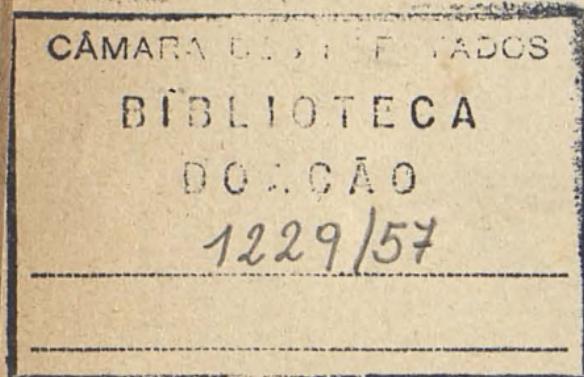
TH. CARLYLE



Rio de Janeiro
JACINTHO SILVA — EDITOR
7—Rua Rodrigo Silva—7

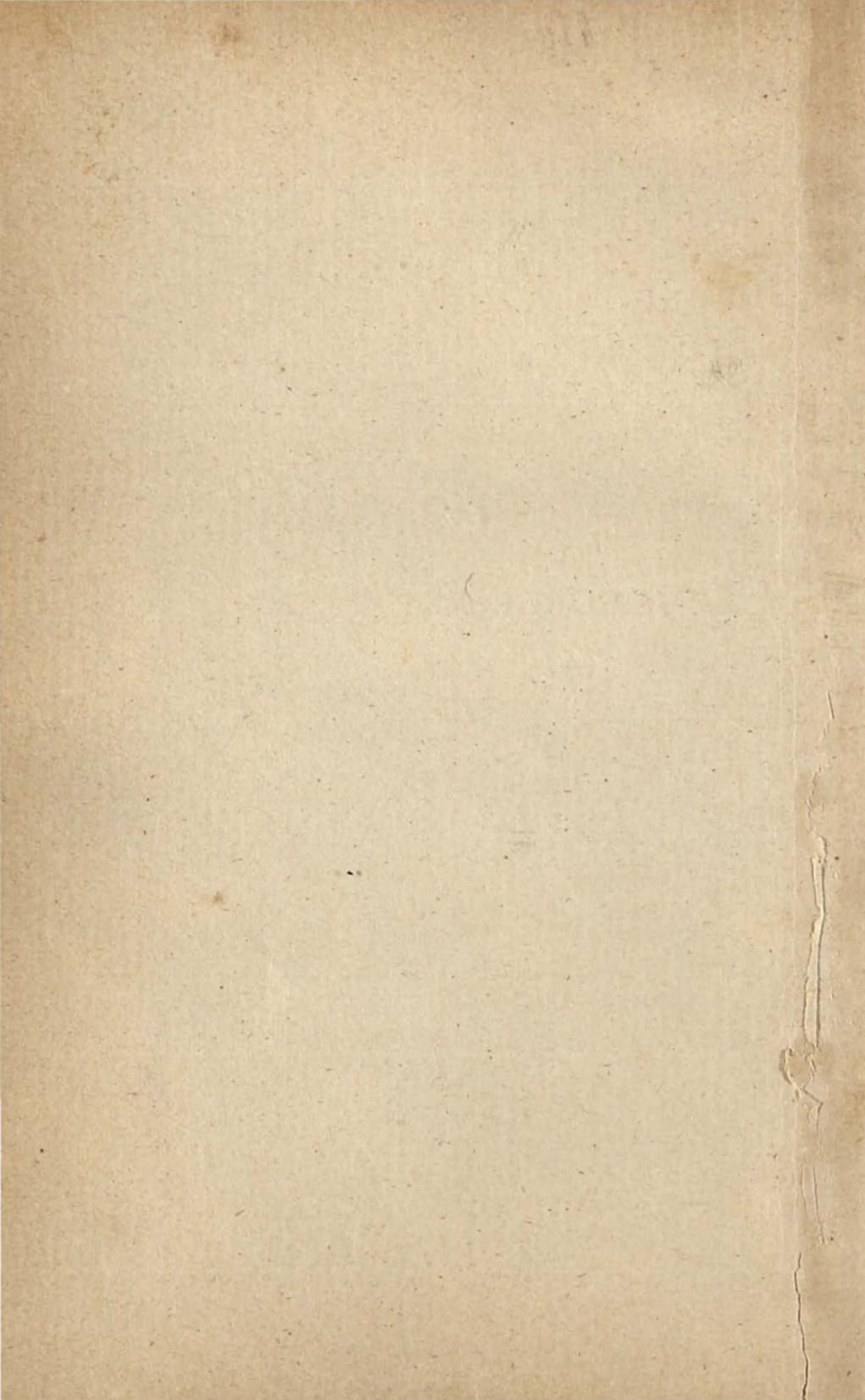
32 (80)
VIEIR J
CADEI

30-1-8



A' MEMORIA DE

Mario Cattaruzza



QUEM FAZ A POLITICA

SOU EU

A Comunica los anexos — p. 33
A Recuerdos p. 34
Al comandante de Ligerente p. 35



Este livro é o registo desapaixonado dos sucessos da Camara durante uma sessão legislativa. Escolhi o anno de 1909, d'entre os cinco que conto de reportagem politica, porque elle offerece todos os aspectos communs da vida parlamentar brasileira. Contem, portanto, A Cadeia Velha a chronica de um reconhecimento de poderes, a constituição de uma Camara governista na sua quasi unanimidade, a secção da mesma Camara governista em duas facções adversarias, maioria e minoria; a maioria associando-se ao partido mais promettedor, a minoria declarando-se oposicionista: a maioria retraida e fraca, resistindo porque bancadas poderosas assumem a responsabilidade das attitudes; a minoria energica, combativa e tenaz, porém perturbadora, collocando acima dos compromissos primordios do mandato impulsos de vingança partidaria; ambas enfim concorrendo para a inefficacia da reunião, visto como se realisa apressadamente, nos ultimos dias, por acordo em que todos lucram, o trabalho

essencial do Congresso, que é votar os orçamentos da Republica.

Preferi á critica d'estas feições referidas tomadas na sua generalidade, a escolha e narração quotidiana dos episodios interessantes e caracteristicos. Escrevi assim um livro de memorias. No seu contexto esbocei o perfil dos individuos representativos; evitei commentarios que, de certo, não poderiam deixar de reflectir as minhas sympathias e repulsões do momento, e reproduzi os factos com a maior fidelidade, procurando ser simples e claro.

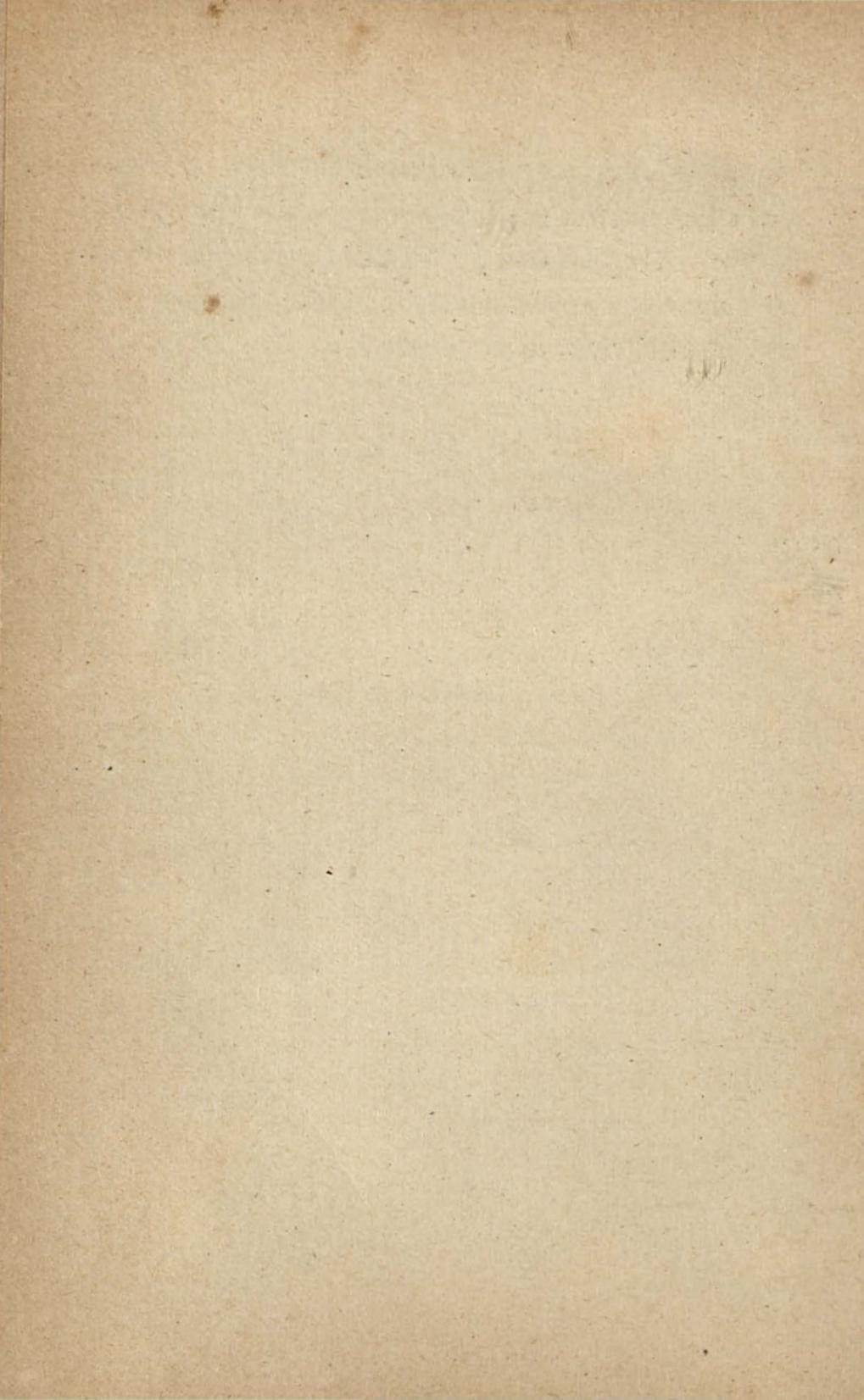
Encontra-se nas paginas que se vão ler, o transumpto de incidentes, que, em vez de occorrencias funcionaes d'uma assembléa culta, parecem criação satyrica d'algum phantasista revel. Mas, ao contrario, os conflictos e discussões descriptas se deram, surpreendi-os e reproduzi-os com o proposito systematico de só dizer a verdade. Conservei intactos os conceitos e apartes aproveitados, mantive-os integralmente, insultuosos ou apenas comicos, taes como foram proferidos, sem lhes modificar a syntaxe e representando até originalidades de pronuncia.

Muitos dos acontecimentos contados na Cadeia Velha, publiquei-os antes em jornaes do Rio e de São

Paulo. Porém, na organização do livro, servi-me d'aquellas publicações expungindo-lhes o que consistia em relevo judicativo e literario, para que os casos subsistissem despidos de qualquer exagero, naturalmente, como eu os presenceára.

Rio, Março de 1912

J. V.





18 de Abril de 1909.

Reuniram hoje, no recinto da Cadeia Velha, para a entrega dos diplomas, cerca de duzentos candidatos á deputação federal. Se houvessem comparecido todos, ficariam muitos de pé, visto como o numero das poltronas é insufficiente mesmo para os duzentos e doze deputados de que, pela Constituição, se compõe a Camara. Os candidatos agora excedem ao numero constitucional, porque, alem dos duzentos e doze, vieram uns dez oposicionistas.

Estes ultimos, por certo, se apresentaram ao eleitorado para salvar apparencias e não deixarem as oposições ainda existentes de comparecer e tentar a posição que sempre lhes negam os partidos governistas triumphantes. Na actual politica da Republica, nenhum oposicionista conseguirá logar na representacão nacional sem a transigencia que o levará á deserção do reducto de seus correligionarios, para se aliciar, embora disfarçadamente, no grupo dominante. As chapas que os Estados indicaram para a constituição da nova Camara, foram organizadas sem nenhuma interferencia dos eleitores,

sem nenhuma consulta á vontade popular. Principalmente nos Estados pequenos, as candidaturas definiram-se de acordo com as predilecções dos chefe de partido, sendo que alguns dêstes tiveram de ceder da sua escolha a indicações feitas pelos proceres da politica geral. Não haverá exaggero em se dizer que esta Camara está sendo formada pelo politico mineiro Carlos Peixoto, segundo os intuitos do presidente da Republica, conselheiro Affonso Penna. Assumindo á presidencia, o primeiro designio do conselheiro foi abater e annular o prestigio do general Pinheiro Machado, senador pelo Rio Grande do Sul, sob cuja direcção se aggremiaram os governadores e representantes federaes da legislatura passada que o conduziram ao Cattete.

A tendencia dos politicos estadoaes é para uma permanente aproximação de quem quer que disponha dos favores necessarios ao equilibrio delles nos Estados. Nos fins de quadriennio, é sempre o chefe que commandou a escolha do futuro presidente. No começo, não, é o chefe da nação, directa ou indirectamente. Ou é elle proprio quem tudo resolve, ou alguem que lhe mereça inteira confiança e que, fóra do palacio, o represente com fidelidade. Eis o chefe politico, o chefe que parece tudo mandar e decidir, quando, na verdade, não passa daquelle representante fiel, preferido e consultado, que por esta consideração extraordinaria, se torna a figura principal do momento.

Os chefes menores procuram-no, bajulam-no, não o deixam descansar com visitas e pedidos; elle, por sua vez, se orgulha da submissão que o cerca, acha real o seu prestigio reflexo e, na illusão do poder, não raro chega a se crear uma autoridade que o mesmo presidente, autor della, começa a recear. Na pessoa do grande homem da occasião, quem, de facto, os chefes menores visitam e bajulam é o presidente da Republica; de modo que, se este retira a confiança, o chefe supremo fica, de surpresa, desarmado, repudiado por todos. Autoritario como é, o presidente Penna não quer que se pense cá fôra possa outrem influir nos negocios publicos; aproveitou, portanto, o inicio do quadriennio, o primeiro anno de governo, para vencer o general.

Manifesto o plano de alijamento, os chefes estadaes abandonaram o senador gaúcho com a precipitação com que se lhe alliaram para candidatar o conselheiro. Quando ha pouco, esteve em São Paulo, conversando no palacete Prates, onde foi hospedado, o conselheiro declarára pretender, d'ora ávanfe, dirigir pessoalmente a politica nacional, e exprimiu, n'uma parodia ás palavras de Luiz XIII, a consciencia da sua força. Depois de esboçar um largo programma de reformas, disse:

— Quem faz a politica sou eu.

Effectivamente, a politica está sendo feita pelo conselheiro, e com tamanha impetuositade, que orientou a renovação da Camara, conseguindo ser at-

tendido e obedecido geralmente, excepção feita apenas do Rio Grande do Sul Levou tão longe o sentimento do seu poderio o conselheiro, que projectou evitar os dois annos amargos do fim do quadriennio, e se permitiu a si proprio, com espantosa antecedencia, o papel de chefe que, futuramente, deverá dirigir a escolha do seu substituto no Cattete. Designou, portanto, para substituir o, o seu ministro da Fazenda, dr David Campista Indicou-o aos chefes estadoaes; estes immediatamente o acceitaram, e as combinações se firmaram com tal estabilidade, que, sabendo não mudar a situação durante a legislatura, os proximos deputados tomaram assento sem se preoccupar com nenhum retrocesso capaz de lhes perturbar a segurança e soego.

Quem entregou hoje o diploma á mesa da Camara, não contando os gaúchos, sabe que o fez, que só logrou fazel-o por se haver antes compromettido collaborar no successo da candidatura Campista.

Os candidatos ocupam as poltronas destinadas aos deputados Estas poltronas enchem quasi o recinto Dividem-se em duas ordens, separadas por um corredor central onde poisa a tribuna; sucedem-se por filas curvas e limitam-se, dos lados, nos pilares que sustentam as galerias. As galerias olham atravez aberturas de arcos redondos, cujas aduelas assentam em pomposos capiteis corinthios, tres á direita, tres á esquerda, os do centro mais amplos e mais altos, attingindo todos o tecto. E' uma larga

abobada esse tecto; cava-se-lhe ao centro uma grande clara-boia quadrangular e ornam-lhe as extremidades cornijas com douraduras nas saliencias Sobre a porta de entrada pende o relogio da casa, um enorme relogio octogono de moldura preta, que regula em meio ás duas sacadas dos diplomatas e das senhoras. Por cima se pregam os tympanos, nickelados e chatos e, defronte, sobresaem duas outras sacadas, que, como as primeiras, fecham por cortinas de reps verde Diante da entrada, ao fundo, ergue-se a mesa da Camara. E' um vasto movel severo, que lembraria uma commoda se lhe não faltassem as gavetas e, detraz, o presidente e os secretarios não lhe mettessem as pernas no caixão.

Ao pé da mesa corre uma grade semicircular prendendo as antigas carteirinhas dos ministros do Imperio, que agora servem para o trabalho da imprensa.

Da sua curul de comprido espaldar e monogramma, descançando as mãos sobre a mesa, o presidente mostra-se e olha a deputação Os deputados distribuem-se por bancadas; não que alguma divisão as estabeleça e separe. As bancadas distinguem-se pelo numero de poltronas onde costumadamente se sentam os representantes de determinado Estado. Onde finda o computo de uma representação, começa a outra, acontecendo que muitas vezes os deputados de um Estado se sentam e discursam em bancada estranha. Nas primeiras filas, á esquerda da

presidencia, estão os mineiros, e á direita, os paulistas. Os demais se seguem até o extremo, terminando pelas bancadas do Piauhy, Pará e Amazonas á esquerda, e Santa Catharina, Paraná e parte do Maranhão á direita. Dentre as vinte e uma bancadas, da multidão de candidatos, destacam-se alguns individuos salientes pelo talento e illustração, quando não por particularidades pittorescas da sua historia politica.

Do Amazonas nota-se o candidato Ferreira Penna, cuja importancia vem de ser dono de uma livraria em Manáos. **Do Pará** vieram Justiniano de Serpa, Deoclecio de Campos e Passos Miranda. Justiniano de Serpa é um distincto republicano da propaganda. Foi deputado á constituinte, é jurista, professor de direito e orador fluente. Deoclecio de Campos é tambem professor de direito, possue excellente cultura literaria, maneiras de diplomata e traja com esmerada elegancia. Passos de Miranda celebrisou-se na camara pelo seu catholicismo militante. Estreou com o elogio funebre de Leão XIII, e não mais deixou de pugnar pelos interesses da egreja catholica.

Maranhão: Dunshee de Abranches, que é jornalista e um trabalhador omnimodo. Publicou as actas do governo provisorio e tem dezenas de livros a publicar, entre chronicas, romances e commentario politico. Delicia os representantes dos jornaes com a narrativa do seu successo journalistico no Rio.

— Coelho Netto. A deputação, que agora conquista pela primeira vez, é uma homenagem dos cheffes politicos de sua terra. Luiz Domingues Vem deputado ha vinte e um annos

Piauhy: Pires Ferreira. Só apparece na camara, em sendo deputado, dizem, quando tem de tratar de algum projecto por que se interesse particularmente.— Joaquim Cruz, medico, edoso, de poucas palavras:

Ceará: Francisco Souto, velho latinista e devoto. Agapito dos Santos, inimigo feroz do governador Accioly.— Graccho Cardoso, professor de grego que, dizem, acha sempre haverem os alumnos estudoado alem do necessario para o exame

Rio Grande do Norte: Eloy de Sousa. Este adivinha a manha dos homens publicos, prevê o futuro da politica impressionantemente. Só o revela, porém, por meias palavras. Entende immenso do problema das seccas.

Parahyba: Semeão Leal: tambem arguto, maneiroso e gentil.

Pernambuco: Medeiros e Albuquerque Fez versos, bons versos. Faz contos e é jornalista politico e critico de uma clareza e dialectica admiraveis. Orador, diz apenas o necessario. E dil-o de maneira que ficam todos esclarecidos e satisfeitos.— João Vieira, criminalista, lente da facultade de direito do Recife. Quando esteve no Rio, Enrico Ferri visitou a camara. Conversava no gabinete do presiden-

te, quando um deputado apontou a João Vieira. Ferri levantou-se precipitado, exclamando:

— *C'est Jean Vieira ?!* — E abraçou-o com effusão. Outro illustre pernambucano é Arthur Orlando, professor de direito, publicista, já apontado para membro da Academia de Letras. De Pernambuco vieram ainda o poeta Faria Neves Sobrinho e Estacio Coimbra, politico energico e habil.

Alagoas: Eusebio de Andrade, membro de uma familia de poetas, que, dizem, conserva o manuscripto dum romance, e Raymundo de Miranda, um sceptico, que acha boas todas as situações vencedoras.

Sergipe: Gumercindo Bessa. E' o melhor advogado da sua terra. Possue uma notavel cultura juridica. Parece neurasthenico.

Bahia: J. J. Seabra. E' um politico incuravel. Entregue a outra actividade, definharia, adoeceria talvez. Combativo e destemido, entra satisfeito nas campanhas partidarias, não perdendo occasião de comparecer aos embates mais arriscados e evidentes. Só a doença o retira da lucta. Vencedor ou vencido, não guarda odio ao adversario. Floriano Peixoto perseguiu-o, desterrou-o. Annos depois, nomeado ministro do interior, um dos primeiros actos de J. J. Seabra foi a nomeação de um parente proximo de Floriano para delegado de policia

Leovigildo Filgueiras, professor de direito, orador eloquente. — Ignacio Costa, homem serio e discre-

to, que se dirige pela moral catholica. — Leão Velloso, jornalista e epicurista. Sabe como nenhum outro particularidades dos politicos monarchicos. — Pedro Lago, moço, bom orador, exemplo de fidelidade partidaria. — Aristides Spindola, espiritista e jurista.

Espirito Santo: Graciano Neves, homem de letras modestissimo, autor da *Psychologia do Engrossamento*, livro de costumes politicos que fez grande sucesso. E' medico, sabe direito e, profundamente literatura. E' humorista finissimo. — Torquato Moreira, um dos pouquissimos politicos capazes d'algum sacrificio pelo chefe decaido.

Distrito Federal: Barbosa Lima, republicano sincero, muito culto, orador vibrante, que dirigem poderosas energias civicas. E', porém, de uma incomparavel delicadesa de sentimentos. Toda a sua energia, ás vezes, cede e se annulla a um simples pedido affectuoso. Conta-se que, quando floresceu o *partido nacional*, o chefe deste partido, um rapazinho positivista, que conquistara a amisade a Barbosa Lima, levou-o á seguinte concessão. Era idéal do joven chefe a remissão da divida do Paraguay e a entrega dos tropheus. Aproveitou, por isso, a bondade de Barbosa Lima e explorou-a. Um dia falou-lhe francamente do seu «ideal» e pediu lhe que apresentasse na Camara um projecto mandando perdoar a divida e entregar os tropheus Barbosa Lima indignou-se. Que não! Seria entregar o Paraguay á Argentina. E, depois, elle era tambem

militar Não! O positivista não desanimou, poz-se a aproveitar bôas occasões de fallar no assumpto. Em resumo: uma tarde levou á camara o projecto e Barbosa Lima apresentou-o com um formoso discurso.

— Alcindo Guanabára. Jornalista festejado como o maior dos jornalistas brasileiros, é discreto, sisudo e retraido. Os presidentes de Republica procuram conquistar lhe para o governo a sympathia e a consequente collaboração jornalistica. Os chefes politicos do Districto disputam-lhe a estima. Não raro, em fins de legislatura, dominadores dos Estados oferecem-lhe a deputação federal. O offerecimento dos chefes estadoaes, nunca o acceitou elle e, no Districto, preferiu filiar-se ao partido menos popular, que é dirigido pelo senador Augusto de Vasconcellos. As duas facções politicas inimigas da capital sustentam um permanente conflicto na Camara. Vivem num interminavel combate de aggressões pessoaes em que se não escolhem termos nem se respeitam as susceptibilidades de cada um. Alcindo Guanabára não se envolve nestes ataques. Discute as questões de interesse geral que o attraem, e só então é ouvida a sua palavra prestigiosa, cuja serenidade e esplendidez revela o homem de letras e o jornalista nas subtilezas invenciveis do orador parlamentar. — Irineu Machado. Talentoso, combativo e muito popular. Já se tem revelado com tendencias para o socialismo. As condições da politica impedem-no de combater por idéas que, de certo, professa. A sua

combatividade se tem de dirigir ao adversario constante, ao senador Vasconcellos, que o povo chama senador *Rapadura*. E' orador fluente e humorista. — Monteiro Lopes, negro. Sacrificou-se pela eleição, diz-se, a ponto de não ter o que comer. Fala-se que o conselheiro Penna não deseja o reconhecimento delle. Alguns jornaes têm atacado a attitude que se diz ser do presidente — Serzedello Corrêa, orador fluentissimo. E' economista e defensor incansavel do protecccionismo.

Rio de Janeiro: Luiz Murat, poeta Quando politico, combativo. Durante a revolta de 93, esteve preso e condenado a fuzilamento no Paraná; Floriano Peixoto telegraphou: «Répondem pela cabeça do Murat» — Lobo Jurumenha. Com os seus oculos azues e a sua extranha musculatura de Apollo rural impressiona, pittorescamente Quando Ruy Barbosa voltou de Haya, glorificado pela admiração e gratidão de todo o Brazil, Jurumenha pediu uma tarde a palavra e, depois de fazer o elogio do grande Ruy, propoz que o congresso votasse a aquisição de mil apolices de 1:000\$000 cada uma para se lhe offerarem como prémio a seu trabalho victorioso na conferencia da Paz. Diz-se que Ruy Barbosa se incomodou com a lembrança, e todo o congresso o acompanhou na indisposição O projecto nem obteve parecer da commissão de finanças — Erico Coelho, nervoso, de um pessimismo demolidor e, ao mesmo tempo, divertivel Foi um jacobino intransigente no

tempo de Floriano. Tendo chegado, ministro português no Brasil, o poeta Thomaz Ribeiro, Erico Coelho entrou na sua bancada com um numero da *Mala da Europa* que trazia o retrato do ministro e fурando com o dedo a gravura, poz-se a cantar :

Chegou, chegou, chegou,
Agora, agora, agora.
Chegou, ha bocadinho,
Inda não faz meia hora.

Francisco Portella, o velho Pòrtella, grande barba patriarchal. Governador do Rio de Janeiro, preencheu o maior numero de cargos publicos possivel com literatos fluminenses. Alberto de Oliveira foi nomeado director da Instrucção.

Minas Geraes: Carlos Peixoto. Orador brilhante e tão equilibrado e geitoso politico, que, dentre os representantes mineiros na Camara e no Senado, foi quem o conselheiro Penna escolheu para lhe reger a politica. Carlos Peixoto possue esplendidas qualidades de chefe: a visão clara das possibilidades do adversario, a concepção repentina do plano para o ataque ou para a defesa, resolução prompta e coragem.—Sabino Barroso Ex-ministro do Governo Campos Salles. Distincto no seu fraque preto elegante, não abandona as luvas e mantém uma gravidade imperturbavel. É orador sereno, preciso e correcto.

Minas conta muitos juristas e latinistas, na sua deputação de gente conservadora e séria. Astolpho Dutra parece saber de cór o *Corpus Juris* no

original. Afranio de Mello Franco, ex-diplomata, estuda o lado juridico das questões meticulosamente.— Francisco Bernardino, civilista, é de uma irredutivel intransigencia na defesa das formas classicas da familia e da sociedade. Fala devagar, muito calmo e com apurada vernaculidade. Entre os typos pittorescos de Minas, destaca-se Manoel Fulgencio, deputado desde a monarchia, quando foi competidor do conde Affonso Celso. O conde retrata-o, nas suas reminiscencias do parlamento monarchico, com as qualidades de “vivaz, traquejado, exprimindo-se com facilidade dispondo de hôa letra e excellente es-tylo epistolar.” É coronel. Para chegar á estação ferro-viaria onde embarca para o Rio, atravessa dezenas de leguas nas costas de um burro. Na Camara aguarda o fim do anno e, com um discurso de piedade pelos preparatorianos, pede o adiamendo da lei de maduresa. A camara concede-o.

São Paulo: Cincinato Braga, silencioso, porem arrojado. Tem muita facilidade de expressão e, sendo preciso, muita manha politica no discurso. Possue um especial talento de justificação para tudo que lhe convém justificar.— José Lobo, ilustrado e ironista. Sabe applicar homopathia proficientemente. O illustre homopatha Dr. Joaquim Murtinho admira-o e chama-lhe, por pilheria, *curandeiro*.— Valois de Castro, conego, a de quem vive aspirando delicias da vida prohibidas pela egreja. É, comtudo, um seu temivel advogado na Camara. Estando no Rio En-

rico Ferri, propuzeram fosse cumprimental-o uma comissão da casa, visto ser Ferri deputado italiano. Valois sobrepoz ás naturaes relações de representatividade existentes entre os deputados brasileiros e Ferri e, por ser Ferri anti-clerical, oppoz-se febrilmente

Matto Grôsso: Correia da Costa, pessimista, mas trabalhador.—Generoso Ponce, rico proprietario No seu Estado é amedrontador. Conta-se que já prendeu uma força do exercito —José Murtinho. Tambem rico proprietario em Matto Grosso Dizem que, como Generoso, não paga imposto.

Goyaz: Eduardo Socrates, militar, mas sempre suave no trato e no discurso. Guerreia, porém, tenazmente, a dominação Bulhões no seu Estado. Não se altera, mas narra impiedosamente as violências praticadas pela politica Bulhões. Chegam-lhe os telegrammas, vae á tribuna, lê, commenta e agrava o caso recente com a recordação de outros anteriores e tambem censuraveis.

Paraná: Correia Defreitas, cultura complexa e muito talento. E' um simples e um bizarro. Na sua simplicidade, fez-se um caracter independente que os seus coestadanos admiram e proclaimam.

Santa Catharina: Paula Ramos, engenheiro meio bacharel. Presa e defende com valentia o que pensa, principalmente o regimento da Camara, de que é autor. Toda a vez que alguma coisa se faz ou se pretende fazer contra o regimento, pede a palavra

e, com o livreto aberto, mostra, bate-se contra o êrro até ser attendido Temem-no por isso.

Rio Grande do Sul: Germano Hasslocher, o mais alto homem da Camara e tambem o pilheriadôr mais original. Possue uma solida e variadissima cultura scientifica e literaria. Sabe muito direito e é um dispersivo, apesar dos seus sabios pareceres na commissão de constituição e justiça, apesar dos seus notabilissimos discursos parlamentares. Gosta de sentar-se perto dos deputados que estream Aparteia-os, atrapalha-os com sucesso e gostoso riso dos ouvintes. Contam que, uma noite, indo a pé pela praia do Flamengo, encontrou alguns amigos acompanhados de mulheres Apresentaram-lhe uma, estranheira e exageradamente coquéte. Germano fez rir a todos algum tempo e, ao despedir-se, convidou a mulher a procurá-lo no dia seguinte, na Camara, á hora da sessão.

— Entre, chame um continuo e mande-me chamar. O meu nome é... — E deu o nome de um deputado muito circumspecto.

Ao outro dia, a mulher foi á Camara. Germano sentara-se ao pé do collega cujo nome havia indicado Não tardou que um continuo apparecesse e anunciasse ao outro:

— *Seu doutô, ahi tem uma senhora percurando pu vossa icellença*

— Uma senhora?! — exclamou o outro gravemente — Afinal, não sei

E saiu para o gabinete das senhoras abotoando a sobrecasaca. No cumprimento dos deveres partidarios, ninguem excede a Germano Hasslocher. É quem incarna as forças morrentes da politica Pinheiro Machado e, pelo poder da argumentação e da sua encantadora eloquencia parlamentar, lhes dá um vigor ainda apreciavel.—Campos Cartier, positivista folgasão longe da Camara. Veiu do Rio Grande com fama de tribuno portentoso

Referem, porem, que, na estréa, perdeu o fio do discurso e calou-se. O auditorio ficou esperando. E a boçca do orador cerrada. Então o gaucho da poltrona contigua puxou-lhe a manga do paletó:

—Desmaia, Cartier. Desmaia . . .

A cabeça de Cartier pendeu para o hombro, viu-se-lhe mesmo a face empallidecer e o corpo caiu sentado, como morto.—Rivadavia Correia. É da commissão de diplomacia. O barão do Rio Branco estima-o e confia-lhe todos os interesses da sua pasta relacionados com a commissão. Rivadavia é, affirma-se, a pessoa do barão na Camara. Como politico, é de uma exemplar fidelidade á politica do general. Tem boa cultura juridica e literaria; palavra nervosa e suggestiva.—Cassiano do Nascimento, gordo e decorador de bons versos lyricos. Ama as funcções de *leader*. Foi ministro de duas pastas no governo de Floriano. Merece, ao mesmo tempo, a confiança do general e a do conselheiro.—Pedro Moacyr, oposicionista, federalista, como o conselheiro

Maciel. É oposicionista no Rio Grande. Em relação à politica federal, está ao lado do conselheiro. Na Camara, combate a constitucionalidade de certas constituições estadoaes. Os estudantes enchem as galerias quando se annuncia discurso d'elle. Moacyr grangeou uma grande popularidade — José Carlos de Carvalho. É trabalhador infatigavel na tribuna. Pronuncia os discursos mais variados da Câmara. Costuma nas férias fazer viagens de estudos pelo interior. Aberto o congresso, communica o que observou na viagem.

*

* *

Os poucos candidatos de valor, como os nulos, quantos se conheciam de legislaturas anteriores, abraçavam-se, trocavam palmadinhas pelos homens e contavam com que se divertiram durante as férias. A linguagem era excessivamente familiar. Em algumas rodas, sertaneja e acompanhada de puxões. Ouviam-se adjetivos grotescos atirados com intenção de camaradagem e, ás vezes, retumbantes gargalhadas envolviam e dominavam as palestras. Nenhum falou de episodios da eleição. A eleição correra por conta do chefe político. . . Os que tinham ido á Europa, eram assaltados por cobranças de commendas, se não se alludia simplesmente, após as primeiras saudações, á vida nocturna de Paris, aos

theatros alegres, ás mulheres. Cochichavam-se casos de amor, dramas de familia em que figuram pessoas conhecidas, dos dois sexos... Noticiava-se o destino de raparigas d' café concerto não estranhas a certos candidatos. E os contadores de anedoctas recomeçaram a contal as. Ha na Camara um pequeno grupo celebre d' elles. Juntaram-se. As anedoctas primavam pela pornographia. Os candidatos conversavam enfim com transbordante satisfação, despreocupadamente, como se já estivessem reconhecidos. Só os oppositionistas falavam moderados. Alongavam o olhar pelas bancadas, baixavam a vista depois e calavam-se de repente. Quando Carlos Peixoto assumiu á presidencia e bateu os tympanos, a algazarra findou; tomaram todos mais urbana posição, accommodaram-se nas poltronas, e os olhos cravaram-se na mesa. Carlos Peixoto vinha magro e abatido. Entretanto, parecia contente. Pois aquella Camara era obra sua, trabalho seu. Os collegas bem no sentiam; fixavam-no radiantes e affectuosos, como a um general victorioso. Evidentemente, constituindo a deputação que ali estava, elle vencera alguma coisa, vencera pretenções sem escrupulos e venceira adversarios. Dos candidatos diplomados, afóra os gauchos, ainda os de grandes Estados, nenhum havia ainda entrado em chapa sem o apoio d' elle. Representando o conselheiro, Carlos Peixoto incarna todas as forças politicas da nação. Não substituirá o povo, idéas, sentimentos populares, porque

o povo não é convidado a se manifestar na indicação dos *seus* mandatarios. Para as eleições a bico de penna, os governadores, os olygarchas destacaram os candidatos segundo a combinação feita com o presidente Penna na pessoa de Carlos Peixoto. Por isso, desde que se encerrou o Congresso o anno passado, a casa de Carlos Peixoto vive cheia noite e dia. Conta se que elle não pode repousar senão alta noite, e, pela manhã muito cedo, já o esperam. Tendo ido a Minas pelo tempo da eleição, teve, no regresso, uma grandiosa manifestação. Receberam-no na Central com musica, discursos, vivas, e, para acompanhal-o a casa, o pateo cobrira-se de carruagens. Recomeçou então a romaria. Os motorneiros já param os bondes em frente á residencia das Larangeiras sem que se lhes dê aviso. E sempre ha quem desça. Conversando, hontem á tarde, na saleta do café, sobre as condições em que são indicados e eleitos os candidatos, Raymundo de Miranda salientou bem esta dependencia em que, constantemente, vive o nosso politico do chefe da occasião.

Raymundo tomava café com Pereira Nunes, do Rio de Janeiro, e lembrou que o merecimento pessoal, o talento, o saber, o civismo, a capacidade do trabalho nada valem na organisação partidaria da Republica. Por fim synthetisou o pensamento n'esta phrase descrente:

— Não somos nada.

Chupou o charuto, o seu charuto indefectivel,

olhou a Deoclecio de Campos, que sorria defronte, e mergulhou na fumarada azul esta pergunta:

— Sabe a primeira coisa que aconteceria, se houvesse n'este paiz um movimento livre?

Pereira Nunes e Deoclecio de Campos fitaram-no.

— Sabe, *seu* Pereira Nunes? Sabe, *seu* Deoclecio? Expulsavam-nos d'aqui! Corriam-nos!

E levantando-se:

— Corriam-nos a chicote.

A Comissão dos cinco

A entrega dos diplomas fatigou os candidatos e, mais ainda, os secretariôs; mas, como viria depois a nomeação dos cinco, que devia ser feita pelo presidente, a assembléa inteira impoz-se um pouco de energia e fitou-o calada. Carlos Peixoto escolhera de certo anteriormente os cinco deputados que viriam receber e verificar a legalidade dos diplomas. Dramatisou, porem, a escolha; pousou os grandes olhos nos collegas, passegou-os pelas bancadas, demorada, reflexivamente. Afinal, firmou-se na curul e nomeou: «Galeão Carvalhal, de São Paulo; Cassiano do Nascimento, do Rio Grande do Sul, mas *leader* governista na sessão passada; Julio de Mello, de Pernambuco; Bueno de Paiva, de Minas; Barbosa Lima, da Capital Federal, e Gonçalo Souto, do Ceará». Immediatamente, libertando-se do espanto

geral, encerrou a sessão. Os cinco escolhidos passaram a possuir, para alguns candidatos, qualidades sobrehumanas Embora a saída se fizesse apressadamente, aquelles que os encontravam lhes davam parabens, com apertos de mão e abraços apertadíssimos Até Barbosa Lima, um dos menos esperados pois divergia da política do Cattete mezes antes tivera rejeitadas, por determinação e como vingança da mesma política, as mais patrióticas, as melhores das suas emendas aos orçamentos, até o candidato do Distrito Federal sentiu nos seus hombros magros a pressão, o contentamento, o entusiasmo dos abraços... Barbosa Lima se reconciliara, nas férias, com a política do presidente Frequentara Carlos Peixoto na sua tão procurada *república* das Laranjeiras e consentira em ser orador oficial na tão estrondosa manifestação que Carlos Peixoto recebera quando regressou de Minas. No entanto, apesar da reconciliação, apesar de se ter a prova de serem já reciprocas as sympathias entre o governo e Barbosa Lima, os candidatos temiam da integridade e da combatividade d'elle. Por isso abraçavam-no, os do sul, os do norte, quantos o viam. Um amigo, vendo-o caminhar para a primeira reunião, pegou lhe no braço:

— Pois não é que estão pegando no bico da chaleira do Barbosa

Barbosa continuou a marcha. Um sorriso d'ironia quebrava lhe a temível severidade...

A Reunião

Os cinco abancaram-se á sala de funcionamento da Comissão de finanças, ao segundo andar. Principiavam a trabalhar quando os candidatos menos seguros, os portadores de contestações invadiram a sala. D'entre elles sobresaia o coronel Figueiredo Rocha, o que mais se esforçou em tentar o eleitorado com discursos e promessas nas sessões de dezembro. O coronel tinha já a sua contestação impressa, e distribuia-a com prodigalidade, acompanhando cada offerecimento de uma explicação verbal, uma defeza antecipada da sua pouco venturosa eleição.

Apresentaram contestações Heliodoro Balbi, do Amazonas; Joaquim Pires, do Piauhy; Virgilio Brigido e Agapito dos Santos, do Ceará; Raul Fernandes, Raul Veiga e Themistocles d'Almeida, do Rio de Janeiro; Nicanor de Nascimento, Bulhões Marcial e Figueiredo Rocha, da Capital Federal; Carlos Garcia, de São Paulo; Graciano Neves, do Espírito Santo, e Paula Guimarães, da Bahia, representado por Pereira Franco, ex-deputado.

No dia seguinte, antes da sessão, os cinco se reuniram a fim de lerem os pareceres. Adoptará-se um criterio simples para estabelecer a legalidade

dos diplomas: acceptaram-se como liquidos, sómente os assignados pela maioria dos membros da junta apuradora. E, milagre da politica governista dos Estados, senhora das juntas, fôram diplomados duzentos e doze candidatos, ou duzentos e doze bastantes. Apenas no segundo districto do Rio de Janeiro notou Barbosa Lima irregularidades Do Rio de Janeiro vieram candidatos em excesso, representantes dos dois partidos inimigos, os situacionistas, mandatarios do governador Backer, protegido pelo Cattete, e os oposicionistas, amigos do vice-presidente da Republica, Nilo Peçanha cuja influencia o conselheiro Pena diminuira conseguindo que o Supremo Tribunal considerasse legitimo o governo Backer. Os candidatos fluminenses dos dois partidos rodeavam a commissão pensativos. Ouvindo a declaração de Barbosa Lima; o *backerista* Annibal de Carvalho, que estivera com a cabeça pendida, arregalou os olhos :

— Essa acta não é authentica! Não é, pois não está assignada pelos membros da junta.

Na deixa, um ancião pequeno e barbado, *croisè* azul e perpetua rôxa á lapella, chegando-se á ilharga de Barbosa Lima, notou que se tratava do seguinte: no primeiro dia o juiz viera, impondo a sua vontade, mas no outro dia não viera

— E tambem não houve escrivão que se apresentasse — observou Raul Veiga, *nilista*.

— De acordo — a barba do ancião pousara lhe

sobre o peito — não houve escrivão que se apresentasse, mas...

— Não fôram chamados...

— Perdão. Não fôram chamados, não. Fôram. E aqui estou eu que mandei a um, a um que me deve finezas, um tilbury.

Pereira Nunes, *nilista*, defendeu o seu diploma protestando contra os vicios originaes da junta apuradora, e discutia ainda o ancião de *croisé azul*, quando Barbosa Lima, docemente, lhe poz a mão no ombro.

— Doutor, doutor Portella, tenha paciencia. O sr. é velho. Dê o exemplo. Dê o exemplo...

O doutor Portella afastou-se dignamente e abeirou-se do sophá, onde Lobo Jurumenha, *nilista*, baixo, grosso, moreno, rosto largo, musculoso e suando, cochilava sob os oculos azues. Sob a curiosidade e indiscrecção dos assistentes, lavrava-se a acta, sem mais protestos. Com a presença do dr. Portella, Jurumenha despertou, piscando muito

— Meu amigo — disse-lhe o velho — eu vou-me embora.

As commissões de inquerito

Compareceram á sessão quasi todos os da vespera. Todos aprovaram a acta apresentada pela commissão dos cinco, as duas listas, a dos diplo-

mados e a dos contestantes Procedeu-se então á eleição das commissões de inquerito. Carlos Peixoto leu, baixinho, só para si como quem confere, a lista dos diplomados. Á direita, o secretario Rodrigues Alves Filho, curvado, examinava as chapas. Os candidatos nem falavam Aquella leitura e aquelle exame impunham-se-lhes poderosamente; mas, iniciado o sorteio, as boccas abriram-se, susurrou uma vozaria de recreio escolar, impertinente, abafando, com irreverencia, o nome dos primeiros sorteados.

O presidente repetia Voltou por isso o socego O silencio tornou-se religioso quando se approximou a commissão que devia verificar as eleições de Minas, terra do conselheiro Penna. Carlos Peixoto recebia as chapas, abri-as, considerava-as, para depois ler em voz alta Á vez de Minas, a demora foi maior. Entre os contestantes havia quem talvez creasse embaraços. Quando, porem, abriu a cedula, teve de rir. Continha-se ali uma pittoresca surpresa. Carlos Peixoto mordeu o labio, consultou a espectativa da assembléa e leu:

—Monteiro Lopes.

Uma gargalhada colletiva encheu o recinto Pois era o candidato negro. Monteiro Lopes, que o conselheiro Penna, affirmou se, não desejava fosse reconhecido, quem ia julgar as eleições de Minas Geraes Monteiro Lopes riu tambem Um riso condescendente, que justificava pela infelicidade da sua raça a grosseria dos outros.

20 de Abril

Festejava se, na cidade, o aniversario do barão do Rio Branco. Tinhama-se organizado associações para a commemoração, que enfeitaram as ruas, atroaram a manhã com foguetes, espalhando o regosijo, com o concurso da imprensa, até nos subúrbios. Os candidatos entravam na Camara sem falar politica.

Tendo passado a Avenida, traziam ainda a emoção acordada pelas bandeirolas tremulando nas fachadas e, quando alguém se referia ás festas, proferiam-se phrases sympatheticas, enaltecedo o grande brasileiro A's 12 $\frac{1}{2}$, porem, Carlos Peixoto não havia feito a sua entrada, que actualmente, no recinto tem o poder da boa musica: quando apparece muda, immediatamente, o pensamento de todos.

— E não virá — dizia-se

Da mesa, Rodrigues Alves Filho olhava os candidatos, risonho. Lembraram-lhe que presidisso á sessão. Mas Carlos Peixoto entrou e abriu a...

Esta reunião teve uma unica importancia: destacar, no silencio do recinto, a voz de João Mangabeira, que trouxe da Bahia a fama de eloquente orador. Mangabeira leu a acta apressado e nervoso. Encerrada a sessão, passou-se a politicar. De um lado para outro, barbado e grave, Carlos Garcia ensaiava a sua contestação ao diploma de Nogueira Ja-

guaribe. Perguntando-se-lhe o que pretendia fazer, Carlos Garcia parou e respondeu:

— Eu só pretendo entrar aqui com votos legaes e legitimos

Os seus gestos e paradas chamavam a attenção, mas, de repente, começou a ser distribuido um postal cor de opala com o retrato de Francisco Portella (do dr. Portella). Nesse cartão o politico fluminense está sereno, o olhar suavissimo, e por baixo do retrato lê-se depois do nome: *Presidente do Centro Republicano Conservador*. Junto ao endereço inscreveram: *Pulchrum est bene facere Republi-
cae*. O postal veio para todos os candidatos Quem o mandou imprimir e distribuir quiz recordar o governo de Francisco Portella no Rio de Janeiro, ao começo da Republica

Quando passou a impressão do postal, viu-se Marcello Silva, curvado para Eloy de Sousa, mostrando-lhe papeis das eleições de Goyaz Marcello é timido Dirigiu se a Eloy medrosamente; mas, tendo-o ouvido, animou-se e confessou-lhe:

— Olhe, doutor, o senhor conquistou-me.

O que fez esquecer-se a figura esquisita de Marcello curvado para Eloy, foi o apparecimento de Raymundo de Miranda, muito grosso com o seu immenso abdomen contornado por um collete branco.

Encontrando Rodolpho Miranda, ricaço paulista,

quê deseja ser ministro da agricultura, quando tivermos este ministerio, Raymundo referiu-se ás eleições de Alagôas, que Rodolpho havia de examinar. Porem Rodolpho nem sabia quando se devia reunir a sua commissão:

— E' hoje?

— Não, homem, é amanhã

— Pois bem; havendo alguma coisa, estou prompto.

—
21 de Abril

Sessão de oito minutos. Reuniram, no segundo andar, as commissões de inquerito. Houve distribuição de papeis, pedido e obtenção de vista d'elles pelos candidatos contestantes. O comparecimento de curiosos não foi grande senão na terceira commissão, onde se discutiram eleições da Bahia. Dos contestantes bahianos só não compareceu o advogado Virgilio de Lemos, que dizem haver negociado a candidatura por um emprego que lhe deu o ministro Calmon. Preside á commissão o candidato cearense Euclides Barroso. Tem ar de japonez que apanhasse impaludismo na Amazonia. Usa grossos oculos e não conhece absolutamente o regimento. A politica do conselheiro Penna, na commissão, é advogada com estrondoso interesse pelo candidato Raymundo Miranda, que interpreta o regimento para Euclides, soprando lhe respostas, defende as elei-

ções governistas da Bahia e responde, na defesa d'ellas aos contestantes. Tendo-se apresentado Pedro Lago para contestar a eleição da Matta, Raymundo oppoz-se. Que não podia, desde que Pedro Lago se não apresentára em quanto funcionava a Commisão dos cinco. De mais, á commissão não competia a faculdade de consentir na contestação Lago Pedro. Lago appellou para o regimento, apoiando-se também no facto de ter havido fraude na eleição da Matta. José Ignacio, um grisalho barrigudo e grajejador, ia responder, mas Pedro Lago atalhou :

—Não Eu estou com vontade de discutir é com o sr. Seabra

—Pois eu —disse Seabra, approximando-se-lhe do ouvido —não estou com vontade de discutir com v. ex.^a. Vejam lá...

A voz de Raymundo espoucava além :

—Conceder ? Conceder será cancellar o regimento, annular a lei

Graciano Neves pediu a palavra:

—Está encerrada a discussão — bradou Raymundo

Graciano então se dirigiu ao presidente. E Euclides, notando que todos pensavam contrariamente a Raymundo, conceden a palavra. Graciano citou o regimento em favor da pretensão Lago, observando que á commissão dos cinco só cabe examinar a legitimidade dos diplomas. Um adversario de Pedro Lago chamado Bernardo Jambeiro, homem gordão

Ihufo, tirou da bôcca o charuto e disse com sape-
rioridade :

— Ah! ha muita transcendencia

Graciano lia:

— Reclamarem...

— Reclamarão! — protestaram diversos gover-
nistas bahianos, entre os quaes Seabra

— Reclamarem . . .

— Reclamarão!

Afinal se convenceram todos de que, no regi-
mento, estava mesmo escripto *reclamarem*. Concor-
daram. Raymundo olhou os discutidores:

— Eu cá estou vendo e digerindo a lei.

Recomeçando a discussão, Seabra estendeu o
braço por cima da mesa e disse com aspereza:

— Só quero entrar na câmara com a cabeça
levantada. E para Pedro Lago—Se ha irregulari-
dade na eleição da Matta, foi praticada por v. ex.^a!
Foi v. ex.^a que comprou votos.

— Não, senhor. Se houve votos comprados, fô-
ram comprados com o dinheiro do Thesouro do Es-
tado.

Seabra gritou, advogando os governistas bahia-
nos, que foram os padrinhos salvadores da sua can-
didatura:

— Não !

Pedindo o prazo de cinco dias, Graciano Ne-
ves, contestante espirito-santense, só obteve 48 ho-
ras.

— Eu já sabia d'isso -- respondeu — Pedi cinco para ser gentil com a commissão.

José Bento é um velho mineiro que conserva o cabello preto. Deputado ha muitas legislaturas, não occupa a tribuna e conversa parcamente. Pedindo-se-lhe noticias dos papeis do Rio Grande do Sul, cujo estudo lhe coube, respondeu calmo :

— Estou lendo as actas

— Mas lendo as actas, uma por uma?!

— E'. Já li quinze. Quando acabar de lêr trago o parecer

22 de Abril

Reuniram todas as commissões. A primeira assinou os pareceres reconhecendo os candidatos do Maranhão e do Rio Grande do Norte. Procurou o presidente o senador Thomaz Accioly, filho do governador Accioly, para o dispôr bem em favor de um argumento offerecido contra o diploma do candidato Euclides Barroso, que sustentavam os contestantes ser inelegivel por funcionar, no momento da eleição, como director dos telegraphos, no Ceará:

— Não ha duvida — socegou-o o dr. Portella — O Palma era desembargador no Estado do Rio e foi eleito por Goyaz.

A segunda commissão assignou os pareceres reconhecendo os candidatos da Parahyba, Alagôas, Sergipe e dois districtos de Pernambuco Sujeitou, porém, João de Siqueira á vinda de documentos requeridos pelo contestante Appolinario Maranhão

O comparecimento á terceira commissão, onde, diziam, *coxinava o angú babiano* foi diminuto Euclides sentou se de olhar bambo apertando o aro dos oculos Raymundo fumava um charuto imenso Recebeu a Eduardo Saboya com pilherias.

— Seja bemvindo *seu bóroró*.

Chamam *bóroró* a Eduardo Saboya, porque elle se parece com os indios *bórorós* trazidos á Exposição de 1908 pelo padre Malan. Vendo chegar Francisco Drumond, candidato da Matta diplomado, Raymundo tirou da bôcca o charuto e, rindo saudou-o assim:

— Peço garantia para o candidato contestado. Peço garantia para o Drumond.

Drumond era governista na Bahia, o que significava candidato do conselheiro Penna, e Raymundo em tudo se orienta pelo Cattete. Tanto, que o seu parecer relativo ao primeiro districto bahiano, a que estava sujeito a Matta, foi inteiramente favoravel.

— Porque — disse elle — eu não encontrei fraude nenhuma na eleição da Matta.

Relator da eleição do segundo districto da Capital Federal, Euclides Barroso comunicou, tirando os oculos, que não pudera trazer o parecer.

—Sim— justificou com ironia Raymundo— A commissão não pode exigir que um relator adeante um serviço que elle tem de estudar ainda...

Conversavam ao lado Seabra e o doutor Nuno de Andrade, que interpelado pelo candidato José Bezerra sobre a sua volta para a camara, declarou:

—Declarei me «muda perpetua».

Recebeu-se noticia do fallecimento, na Bahia, do candidato contestante Paula Guimarães; ex-presidente da Camara.

Quarta commissão. Eleição de São Paulo. O relator, que é *novo*, o candidato mineiro Alaor Prata, traz e a commissão assigna o parecer favoravel ás eleições paulistas, menos ás do primeiro districto, que Nogueira Jaguaribe e Carlos Garcia vão discutir. Varios candidatos de São Paulo vieram ouvir o parecer, de pé, contornando a commissão. Defronte do presidente, Nogueira Jaguaribe, desanimado, olha para a rua. A' direita, Carlos Garcia segura um rolo de papeis Junto á sacada, Seabra, immo-

vel e só, pensa de braços crusados. Terminada a assinatura, Carlos Garcia moreno e barbudo, afastou a cadeira e desdobrou em cima da mesa o mappa de São Paulo:

—Está aqui, meus senhores. E' o mappa do Estado.

Nogueira Jaguaribe empallideceu. O seu desanimo provinha de uma certeza que era a condenação de sua candidatura. Candidato oposicionista, Carlos Garcia contava com a solidariedade do governo paulista em favor do seu reconhecimento. Se Nogueira Jaguaribe não abandonava o pleito, obedecia ao dever de uma satisfação aos eleitores, confortado pela vida artificial que é a esperança das candidaturas frustradas. Com o mappa desenrolado, Carlos Garcia correu o dedo nas linhas de seu distrito:

—Está aqui. Este é o primeiro distrito eleitoral de São Paulo. Ora... —E despejou longamente a contestação.

Nas unicas eleições contestadas, descobriu Carlos Garcia estas fraudes:

Itararé Ha 390 eleitores alistados e votaram 468. Itararé está ligado a São Paulo por telegrapho, e até o terceiro dia não chegara á capital o resultado da eleição.

—E' fraudulenta! —diz Carlos Garcia, mostrando os dentes encardidos e a lingua saburrosa.

Ribeirão Branco —Votaram defuntos. Ali não

havia juizes nem autoridades federaes. Estão alis-tados 90 eleitores e votaram 200.

Faxina — O procurador do contestante foi repe-lido, não podendo fiscalizar a eleição. Faxina é a zona privilegiada do coronel Piedade, comandante superior da Guarda Nacional.

Ouvindo esta informação, Eloy Chaves, paulis-ta, franziu a bocca e arriscou com suavidade um trocadilhosinho:

—Oh! Tenha *piedade*, Garcia.

Sua ex.^a não ouviu, mas, na deixa de Eloy, di-zia:

—A briosa quiz manter o seu chefe.

Inhimby — Eleição nulla por não constar haver ali eleitorado.

Remedio e Ponte do Tieté — Não se remetteram os livros eleitoraes.

Aracariguama — Não possue 500 habitantes que saibam ler. Ha 308 eleitores alistados e votaram 632. Quando se effectuava a eleição dessa lo-calidade, aparecera um commerciante de São Paulo e, vendo o processo praticado, não se conteve:

—Homem, já que vocês estão fazendo isso, deem alguma coisa ao Garcia.

Deram. O contestante obteve 205 votos.

Espirito Santo da Boa Vista — 160 eleitores, votaram 410. Referindo este facto, Carlos Garcia disse:

—Um jornal um pouco abelhudo, este aqui —

mostrou o *Diario Popular* — pelo tempo da eleição, publicou o seguinte telegramma:

«Informem em quem devemos descarregar».

Risada collectiva.

Rio Passo — 222 eleitores, votaram 309. Foram constituidas mesas illegaes.

— E a fraude de 1909 — acrescentou Carlos Garcia — é muito maior...

Espirito Santo do Turvo — 102 eleitores. Votaram 120.

Pirajú — Eleições a bico de penna.

— Não foi uma eleição — disse o contestante — Isso é um abaixo assignado em favor do candidato.

Baurú — Nulla. Baurú tende a despovoar-se. Os Indios assaltam na constantemente.

Tieté — Recusaram os mesarios indicados pelos eleitores.

Lençóes — Tudo falso na 6.^a secção do Município.

Botucatú — Não compareceram os mesarios.

S. Manoel — Recusaram os mesarios.

Itaporanga e Agudos — O 2.^º mesario serviu de secretario.

Depois d'esta exposição Carlos Garcia fez considerações de moralidade politica.

Os candidatos fluminenses, *nilistas* e *backeristas*, apresentaram e discutiram requerimentos.

Quinta Comissão — Foram assignados pareceres de seis districtos. Francisco Bernardino, candidato contestante, requereu a apresentação de livros de assignaturas de eleitores em Viçosa, sem prejuízo do proseguimento dos trabalhos.

— Já estão assignados pareceres reconhecendo 104 candidatos.

Tomando café com Estacio Coimbra, de Pernambuco, Raymundo de Miranda fez revelações de sua moral politica:

— Acabou-se o tempo, *seu* Estacio. — Eu só estou com o governo. Sou e serei sempre governista.

— Então é como o major Manoel Joaquim, da Lagôa de Baixo...

— Sim, senhor — confirmou Raymundo, descansando a chicara e lambendo os beiços.

Durante a curtissima sessão, Cassiano do Nascimento recebeu abraços pela sua candidatura á senatoria. Dizia-se que transferil-o para o senado fora o recurso descoberto pela politica do Rio Grande para o afastar da sua transbordante sympathia pelo

Cattete. Vendo Carlos Peixoto diante de si, Cassiano abriu o seu riso gordo:

— Ande lá, pegue no *bico da chaleira* do futuro senador . . .

«Pegar no bico da chaleira» era um euphemismo usado no norte para significar «engrossamento,» bajulação. Inesperadamente rebentou no Rio e espalhou-se pelos Estados como criação carioca. Recemchegado do Rio Grande, Cassiano quiz provar, com a referencia ao *bico da chaleira*, que, na província, não deixára de acompanhar os progressos da capital. A senatoria é que elle mostrava não lhe haver plenamente agradado:

— Pois, senhores — exclamou, na mesma poltrona em que, a sessão passada, dirigia a grande maioria *ultra pennista* — Pois, senhores, se esta é a minha casa . . .

—

Ha agora na Camara, enquanto os pareceres solicitamente chovem, fazendo votos pelo reconhecimento dos deputados governistas, uma triste ocupação exercida com paciencia de alfarrabista, noite e dia, paralella á satisfação palreira dos bem-venturados.

E' o trabalho dos contestantes. Não votam, estão excluidos das sessões, da intimidade de Carlos Peixoto e dos trocadilhos do recinto. Só uma facul-

dade lhes compete. E' ler, esmeuçar, discutir o papelorio, Numa das salas do segundo andar, tres delles representam a atormentada classe: Agapito dos Santos, grandes olhos azues, por sobre a barba branca , Virgilio Brígido e Heliodoro Balbi

Em quanto os outros remexem as commissões com perguntas e pilherias, elles, atarefados diante das authenticas, lêem, relêem, sommam, apontam.

23 de Abril.

Terceira commissão.

Espirito Santo : Menos Graciano Neves e José Monjardim, o governador do Espirito Santo reelegeu a bancada. Graciano Neves, num discurso humoristico, criticára cruelmente o partido dominante no seu estado. Finda a legislatura, foi pleitear a sua eleição sem nenhum cumpromisso partidario. Monjardim cedera logar ao seu pae, barão da monarchia, que desejou passar tempos no Rio. O barão de Monjardim é rico. Tornou se por isso menor o sacrificio do filho, que deixou o mandato, conta-se, com a certesa de receber um conto de reis do subsídio paterno. Tendo de contestar a alguém, Graciano não combateu simplesmente irregularidades eleitoraes. Escolheu o titulo nobiliarchico do velho monarchista, que com elle se apresentará ao eleitorado. «Barão de Monjardim não existe para a Republica», — disse Graciano, e considerou inelegivel o barão.

A contestação de Graciano atraiu um auditorio numeroso e escolhido. Estiveram literatos, medicos, advogados, estudantes e uma dezena de candidatos cujas commissões se não reuniram.

Graciano appareceu pallido, olheirento, mas com o seu constante sorriso d'ironia.

O barão mandou Monjardim filho defender-lhe o diploma. Monjardim levou livros, papeis e uma seriedade temivel. Principiou Graciano desconfiando da liberdade dos eleitores do pleito.

— Não houve liberdade. Eu trago aqui a prova. E desembolsou um cartão do governador exigindo de certo chefe «negar votos ao candidato opposicionista Graciano Neves.» Torquato Moreira tentou apagar o escandalo do cartão. Mas, se elle estava ali, se estava ali a propria letra do sr. Jeronymo Monteiro !

— E' extranhavel — repetia Torquato — E' extranhavel. Esse cartão não pode ter sido escripto pelo dr. Jeronymo.

— Não, isso foi. Esta letra é a do Jeronymo. Agora eu acho *extranhavel* é que elle haja escripto semilhante cartão. Pois o governador do Espirito Santo é conde da Santa Sé, e a Egreja não admite peccados d'estes...

Riam. Monjardim filho conservava-se calado. Graciano não comprehendia. Alem de ser contra a Egreja, era tambem contra o programma do partido...

— Eu trago, e está aqui, o jornal que publicou o programma, que foi concebido com uma festa onde officiou santamente o conde Jeronymo Monteiro...

Mostrou Era a solemnidade da fundação do partido republicano espirito santense.

— O que ha de engracado nella é o discurso de inauguração, e tambem as clausulas... O discurso é uma oração. Mas eu lhes poupo ouvirem a oração Leio apenas o programma. A clausula nona não lembraria nem ao conego Philippe

O programma concitava os cidadãos espirito-santenses a prestigiarem as autoridades constituidas e respeitar a verdade eleitoral...

— Pois dahi a seis dias, o governador rasgava o programma, apresentando chapa completa para deputados e senador! Mas o conde tinha rasão. A unica «autoridade constituida» era elle. Por isso foi que convidou os presidentes de conselhos municipaes a subscreverem a chapa completa... Um empregado da policia de Victoria, vendo taes coisas disse: «Se era p'ra isso, não precisava programma, nem partido»...

Porem o funcionario da policia vira pouco. O governador escrevera a um amigo do sertão que «quem votasse no dr. Graciano seria considerado inimigo do governo»...

— Inimigo do governo aquelle que votasse em mim...

Torquato carregou o sobroloho.

— E' o unico documento que v. exc. tem !

Com um olhar brejeiro, Graciano respondeu-lhe:

— Eu seria capaz de appellar para v. exc.

— Mas v. exc. tem documentos ?

— Tenho... Tenho aqui uma carta de pessoa mais importante. Pede que eu não lhe fale no nome. Tem seis filhos... Este foi ameaçado. Emfim, ha uma situação de terror no Espirito Santo. Principalmente depois da *festa*, depois do programma. Em tempo: eu não compareci á *festa*... Não. Eu não embarcaria na canôa do Jeronymo. Creio que fui o unico... Por uma razão: essas embarcações dirigidas por Jeronymos... O caso dos meninos Fuoco ahi está... E a do Jeronymo Pigatti chamava-se *Fé em Deus*...

— Não admitto ! — reagiu Torquato — Não admitto que v. exc. esteja a offendere o dr. Jeronymo Monteiro !

— Mas, senhor, eu não tive intenção de offendere. Pigatti, chamava-se *Fé em Deus*, foi rhetorica.

As eleições correram irregularissimas. Em Cariocica tivera Graciano 20 votos. A acta registou 2... Em S. João do Muquy, votara o cidadão Selunkaiata, que, no dia da eleição, se achava no Egypto.

— Mas Santo Antonio não fez a mesma coisa ? E' muito natural que Selunkaiata se lembrasse de Santo Antonio e... Eu só não concordo é com o

voto do finado Joaquim Duarte da Silva. Tenho aqui a sua certidão de obito, e não concordo...

— Podia haver outro individuo com o mesmo nome — observou Torquato.

— Bom, perfeitamente Agora concordo. Podia ser muito bem um caso de materialisação do espirito. Isso já está muito usado hoje. Ha pouco, um sabio americano propoz ao governo de Nova York, substituir a policia da cidade por espíritos materializados... Podia fazer o mesmo para as eleições no Brasil... Mas vamos adiante.

A acta de S Pedro de Itabaporana tem todos os nomes com a mesma letra; o senador obteve 159 votos, cada um dos deputados, 159... Como a população andou a ridicularizar a *coincidencia*, emendaram a votação, ficando o senador com 159, o deputado Bernardo Horta com 40, etc... Numa sessão de Alegre *votaram* 110 eleitores. Assignaram, porém, 109, porque o n. 88 estava em branco.

— E a letra é a mesma. Olhe, Torquato.

Torquato olhou por delicadeza, e rapidamente; mas Eduardo Saboya defendeu por elle o governo do Espírito Santo.

— Talvez tivessem todos o mesmo professor de calligraphia...

— É' possivel. Eu já concordei que um defunto votasse.

Os defeitos na organisação das mesas, actas falsas, outras grandes irregularidades permittiam que

Graciano se considerasse candidato imediato em votos. Contestando o diploma do barão, fazia-o por considerar o baronato inexistente perante a Republica.

—O meu *antigo companheiro de oposição*, apresentando-se ao eleitorado com o titulo dado pela monarchia, passa a ser pessoa inexistente. Sem querer fazer *calembourg*, mas trata-se de uma questão *impessoal*.

Tendo apenas ouvido até então, Monjardim filho apresentou se em defeza do pae:

—O barão de Monjardim não é pessoa inexistente, pois já votou em v. exc.

—Já? Porque não m'o disse antes...? Pois eu faço o seguinte: não contesto o voto, contesto o diploma.

Concluindo a contestação, ⁽¹⁾ Graciano Neves disse á commissão:

(1) São estes, um resumo, os argumentos da contestação:
«A Republica extingue as ordens honorificas existentes, bem como os titulos nobiliarchicos.

Ora, só se extingue aquillo que existe.

Extinguir é apagar, suprimir, e ninguem extingue nem apaga senão aquillo que existe. Aliás o art. 72 diz claramente que extingue coisas existentes. E se não fosse assim, nada se comprehenderia dessa disposição, que se tornaria perfeitamente dispensavel e superflua depois da declaração formal de que a Republica desconhece fóros de nobresa. Ella quiz significar que não só os não creava, como tambem extinguia os existentes.

O paragrapho 29 comminha a perda de direitos politicos a quem usar de titulos nobiliarchicos estrangeiros. Por quê? por uma consequencia natural do paragrapho 2º

—Tão reprovavel é para a Republica um titulo nobiliarchico estrangeiro, quanto o mesmo genero nacional. E eu creio que o protecionismo não pode negar isto.

Monjardim filho acceitou implicitamente a argumentação, comtanto que o pae conservasse o titulo:

—Mas, para ser eleito governador do Espirito Santo . . .

Graciano atalhou:

—Ser barão não é um simples nome. Quando foi eleito governador do E. Santo, o sr. barão se apresentou com o nome verdadeiro.

A base da resposta de Monjardim filho é a questão dos precedentes Barões assignaram a constituição, o barão de Villa Viçosa, o barão de S. Marcos. Graciano sustenta que a lei retroage em

Este, por sua vez, é o commentario mais eloquente do paragrapo 2.^o Se a Republica entende que os que usam de titulos nobiliarchicos estrangeiros perdem *ipso facto* os direitos politicos, é porque não os admitte de modo algum tal qual não admitté o uso dos titulos nobiliarchicos existentes ao tempo da promulgação da sua Constituição.

E se não estatuiu literalmente a perda dos direitos politicos contra os que usarem de titulos da monarchia, é porque uma pena existe no § 29 extensiva a ambos os casos.

Aliás, seria um monstruoso absurdo que se entendesse a questão de outro modo. Se a Republica não admitte que se acceitem titulos nobiliarchicos estrangeiros, porque é que havia de admittir que se usem titulos nobiliarchicos nacionaes, depois de os haver expressa e formalmente extineto?

Tão reprovavel é para a Republica um titulo nobiliarchico estrangeiro quanto o mesmo genero nacional».

materia politica. «Não fôra assim, ainda hoje estariamos assistindo ao cerco de Troya» . . .

— Quanto á questão de *precedentes*. Se o precedente valesse tanto, não se metteria a mais ninguém na cadeia. Tem se deixado de punir tão grandes criminosos . . Andariamos nus, de arco e flexa, porque quando se descobriu o Brasil, os indios andavam nus . . Afinal, nem viveríamos. Estariam os ainda na nebulosa primitiva . .

O governador do Espírito Santo alliara-se a Minas, tão affeçoadamente, que aceitou esta lembrança do presidente da Republica: substituir um senador do Estado fallecido pelo deputado mineiro João Luiz Alves. Como os jornaes discutiam na occasião a lucta separatista dos Balkans, passou-se a chamar Herzegovinia ao Espírito Santo. A Herzegovinia teve por si o chefe da nação; Eduardo Saboya demonstrou a elegibilidade do barão Monjardim; a commissão assignou unanimemente o parecer.

Quarta commissão—A apuração das eleições fluminenses difficultam-se. Todos os contestantes pediram prorrogação do prazo. A commissão deixou de conceder a dois, aos candidatos Pitombo e Rodrigues Peixoto. Pitombo zangou-se e protestou com gritos. Respondeu-lhe Froes da Cruz. Trataram-se reciprocamente de reos confessos. O conflito attraiu espectadores

da terceira commissão. Vendo augmentar o publico, comprehenderam ambos o escandalo e calaram-se ao mesmo tempo.

— 24 de Abril

Encerrava Carlos Peixoto a sessão, quando João de Siqueira, com voz tremente, se perfilou na bancada e pediu *dispensa de intersticio* para os pareceres lidos. Pedido apressado, que todos desejavam fazer, não temessem o ridiculo. Carlos Peixoto demorou os olhos em João de Siqueira, sorriu e observou que o caso não era para se pedir *dispensa de intersticio*, e sim requerer *urgencia* para a votação dos pareceres. Além disso, o requerimento devia chegar á mesa escripto.

— Então eu escrevo.

Escreveu e foram reconhecidos os candidatos presentes. Dos novos alguns coraram. Entre os da Paraíba trocaram-se olhares alegres. Os da Paraíba são eleitos com uma doce acquiescencia sertaneja, não soffrem contestação porque se não apresentam ao eleitorado candidatos oposicionistas; no entanto, recebem o reconhecimento como uma vitória. Um delles abriu a bôcca, fechou os olhos e extendeu o lenço sobre o peito. Um do Rio Grande do norte, Lindolpho Camara, ouvindo o seu nome franziu longamente o sobrolho. O criminologo João Vieira de Araujo puxou um fio branco do bigode e

ficou-se a olhar as suissas negras do joven Bithen-court da Silva filho. Tendo de reconhecer os paulistas, Carlos Peixoto vibrou os tympanos Ubaldino de Assis, homem baixo, de cabeça pequena, muito nervoso, deu um parabem exquisito a Pedro Lago seu adversario. Pedro fitou-o risrido:

—O que sou, tenho conquistado palmo a palmo.
E ainda tenho para os amigos.

Junto felicitavam a José Lobo, que agradeceu com este trocadilho:

—Obrigado e . . . reconhecido.

Quando o presidente leu o nome do conego Valois de Castro, José Carlos de Carvalho caiu-lhe nos braços. Apertaram-se immenso os dois. Devendo reconhecer alguns mineiros, Carlos Peixoto deixou a presidencia. Em baixo explicou:

—Não quero que digam que eu commetti alguma irregularidade . . .

—Ficam-lhe muito bem estes sentimentos —disse com amavel ironia Eloy Chaves, paulista louro e sempre amavel.

Amazonas: Reuniram tres commissões Heliodoro Balbi contestou o diploma de Antonio Nogueira. Heliodoro é talentoso e eloquente. E' tambem espirituoso. Na replica foi menos fluente.

Pará: O bacharel Barbosa Rodrigues, como procurador do diplomata Enéas Martins, contestou o diploma de Rogerio Miranda. Contestação sobria.

Rogerio não vem fortemente protegido pelo chefe paraense, Antonio Lemos. Ha dois annos, por infelicidade, exaltou-se contra o bilheteiro do theatro Apollo. Os jornaes exploram o escandalo e, como elle se reflectiu na bancada, Antonio Lemos desgostou-se com Rogerio. Comtudo, incluiu lhe o nome na chapa governista Enéas Martins valeu-se dessa diminuição de confiança e escolheu o pouco amparado diploma de Rogerio.

Terceira commissão.— Pequena troca de palavras, a proposito do regimento, entre candidatos bahianos Monjardim respondeu a Graciano.

Sexta: — Contestando o diploma de Correia da Costa, o pessimista, que acaba de ser inspector da alfandega, Pereira de Albuquerque provou a existencia de actas falsas nas eleições de Matto-Grosso. Marcello Silva declarou que, em Goyaz, menores votaram e serviram de mesarios.

25 de Abril

Reunião de commissões.

Primeira Ferreira Pires, do Piauhy, leu uma contestação longa e inócuia

Ceará: — Agapito dos Santos, velho e surdo, contestou todas as eleições do primeiro districto. Historiou a politica do governador Accioly, salientandolhe as inabalaveis predilecções por parentes para preencher os cargos publicos do Estado. Diz que a

ultima reforma da constituição teve por fim permitir a reeleição do presidente e vice-presidente abolido a inelegibilidade, para o cargo de vice-presidente, de parentes affins do presidente em exercicio, até o segundo gráo.

— E' a dynastia Accioly implantada no Ceará.

Informou que ha oppressão na sua terra. Referiu sucessivas deposições de chefes politicos do interior, tendo como consequencia a deposição de autoridades policiaes e até judiciarias; a impossibilidade em que está o governo de offerecer resistencia, pactuando com semelhante estado de coisas; o aniquilamento da justiça publica, substituida pelo bacamarte do cangaceiro; repetidos assassinatos praticados pelos agentes da força publica nos centros mais populosos inclusive a capital; a impunidade que gozam os sicarios, sendo ha bem pouco tempo absolvido celebre facinora, soldado do corpo policial, por um jury composto em sua metade de officiaes do mesmo corpo; o engajamento de malfeiteiros para a guarda-negra do oligarcha, sendo preferidos os reconhecidos como assassinos de peor especie; as prisões illegaes, demissões de empregados vitalicios, suspensão de vencimentos de funcionarios activos, accumulações de cargos remunerados por membros da familia dominante em casos não permittidos pela lei; excessivas despesas extraorçamentarias, sem causa que as justifique; o desvio de sommas importantes sem autorização legal; a confiscação

dos bens do contribuinte por meio de tributos exagerados e inconstitucionaes.

Em quanto a oligarchia difficulta o alistamento aos adversarios, aos situacionistas tudo se facilita, permittindo-se-lhes o alistamento com documentos evidentemente falsos. Assim provou que foram ultimamente alistados na Fortaleza, com attestado de residencia passado pelo delegado de policia, TELEGRAPHISTAS. QUE AINDA EM JANEIRO ESTAVAM FORA E O CHEFE DA ESTAÇÃO TELEGRAPHICA DA CAPITAL E QUE NÃO TEM A RESIDENCIA LEGAL.

Bahia:—Seraphico Nobrega leu o parecer do terceiro districto, que reconhece o candidato do governo, conforme a vontade do presidente Penna. Pedro Lago pediu a palavra para apresentar uma emenda.

—V. exc acceita a emenda?—perguntou ao presidente. Enclydes perturbou-se:

—Eu...

Raymundo de Miranda olhou-o:

—Eu penso... — E baixinho — Não acceite, Enclydes — Depois alto — Eu penso que a commissão não pode acceitar a emenda.

—E' — resolveu Enclydes já inspirado — A commissão não pode *aceitá* — Enclydes não pronuncia os *r r* finaes, come sillabas ás palavras. Já tá *incerrada* a discussão.

—Mas não é possivel — observou Pedro Lago
— De mais, eu venho apresentar uma emenda.

Então Costa Pinto (novo, e dizem que autor de uma ode á Noruega) atirou a mão pallida:

— Eu considero a attitude do sr. Lago uma expansão de odio partidario contra mim!

— Ora, senhor! Ora, *seu* Costa Pinto! Mas eu comprehendo tudo. Parece que a terceira commissão é dirigida pelos interessados...

— Não! Não apoiado! — atalharam os adversarios.

Approximou-se o desembargador Palma, que dizem ser em parte o modelo do personagem dêste nome estudado no romance *A Renegada*, de Carlos D. Fernandes. O desembargador trazia a fama de um ardiloso hermeneuta, e um requerimento á mão.

— Juridicamente — disse com gravidade cathe dratica a Pedro Lago — Juridicamente, v. exc. aqui é um intruso.

— Mas eu quero apenas apresentar uma emenda... Não possô?

Defronte, Seabra olhava de braços crusados. As palpebras de Euclides, as palpebras do presidente caiam indecisas sob os oculos. Antonio Calmon, embora governista, censurou:

— Uma coisa que o regimento concede a qualquer cidadão, vocés querem negar a um deputado reconhecido! Ora esta!

O desembargador, lustroso e prolixo, sophimava. Eduardo Saboya arriscou :

— Nós somos deputados desde que fomos diplomados:

— Por presumpção jurídica, é uma presumpção jurídica, meu caro collega — observou o desembargador.

A discussão, entretanto, arrefeceu. José Ignacio disse a Pedro Lago :

— Agora você pode falar alto, Lago.

— Eu sempre falei alto ! Eu sempre pude falar alto!

Interrompeu-lhe a resposta a palavra do presidente:

— O senhor deputado *Pedo Lago* vai apresentar uma emenda

Pedro Lago murmurou

— O sr. Raymundo de Miranda já deu ordem ...

— Não, senhor — retumbou Raymundo — *O sr. Raymundo de Miranda* não disse nada.

— E' Eu sei ... V. exc. é a trombeta da comissão ...

Euclides ageitou os oculos e, emocionado, ia aceitar a emenda, mas Raymundo cochichou-lhe :

— Não aceite ...

— Não posso — principiou Euclides. Raymundo atalhou:

— Eu penso que não pode ser aceita a emenda.

E não a aceitou a comissão, vencendo a apaixonada dedicação de Raymundo á politica do Catete.

Capital Federal:—Primeiro districto. Elegante-mente vestido, sentou-se entre os membros da com-missão o candidato contestante Nicanor do Nas-ci-mento. Compareceram deputados do sul e do norte. No salão circulavam admiradores do candidato con-testado, Monteiro Lopes, homens de côr como elle, um dos quaes alto, magro, *croisé*, collete branco, segurava o guarda chuva e cartola de abas largas. Nicanor desenrolou um caderno azul e exordiou :

— Para maior claresa, para maior precisão, para maior cultura...

O *para maior cultura* chocou a commissão e a todos. Porem Nicanor não erguia a vista do ca-derno:

— Eu venho contestar as eleições do primeiro districto da Capital Federal, o mais importante, o mais rico, o mais culto da Republica.

— Mas não apoiado—ouviu-se.

— Cala a bocca — responderam — isso é mode-stia...

Nicanor é precioso falando.

Espevita-se, alonga-se na pronuncia dos adje-tivos, estira, abranda os *r r*, e as suas imagens são volumosas e crepitantes. Concluido o elogio do pri-meiro districto, a sua prosa cachoeirou sobre as in-dividualidades evidentes, cabendo uma quasi di-vinisação ao conselheiro Penna. Dentre os populares gritaram:

— Chaleira!...

Ninguem pensasse, como insinuavam os *partidarios* e *sequazes* do dr. Monteiro Lopes, que o orador contestava por ser Monteiro Lopes de côr preta.

— Eu não sou negro, mas sou mestiço. Eu sou mestiço, senhores! Mestiço quarteirão, mas mestiço.

Monteiro Lopes, que, ao lado do orador, escutava, accendeu um cigarro Nesse momento, Nicanor dirigiu-se a Euclides:

— Senhor *perrisidente* . . .

— Como?

— Eu requeiro um copo d'agua.

Risada.

— Eu peço attenção, senhor *perrisidente*.

Nova risada.

— Senhor *perrisidente*, eu peço que mantenha a órridem.

Euclides manteve a ordem. A contestação castigava os fraudadores, que Nicanor chamou «cavalleiros andantes da *firraudação*», autores do voto de «48 phosphoros tirados da lerdice dos funcionários publicos.» Occorrera um episódio *firraudulento* relativo a segundas vias, ao fim do qual ficaram dois candidatos excessivamente votados.

— Ora! — exclamou o coronel Figueiredo Rocha — Se a votação recaiu nos dois deputados, conteste logo todas as eleições.

Nicanor não queria contestar todas as eleições.

Nas eleições contestadas, votara-se com títulos falsos.

— Está aqui... E' um título falso. Eu responsável por isso o senhor juiz Saraiva.

Um popular perguntou:

— Mas onde foi arranjar esse?

— Vendiam-se, meu *patirrício*.

— Pois eu garanto a v. ex.^a — respondeu-lhe o coronel Figueiredo — que na sua eleição votaram com títulos falsos.

— Muito bem! Bravo!

Na sala havia eleitores adversários de Nicanor, capazes de brigar pela causa de Monteiro Lopes:

— Fóra a fantasia!

Nicanor, porém, não pretendia brigar. Declarou ainda uma vez que Monteiro Lopes lhe merecia tudo.

— Isso é agora! disseram.

Estes desatentos apartes acordaram o sentimento de autoridade no presidente.

Euclides ergueu os óculos sobre o rosto amarelo.

— Os *circumstante* não têm o direito de se *manifestá* — E como explicação, para Raymundo — *Tão pétubando...*

Com o aviso de Euclides, pôde Nicanor examinar em socego as *firraudes*. Agora lhes chamava *forçados, alicantinas*.

— A alicantina *burrilou* (é burlou) a justiça. Foi uma *firraude indecôirosa e villã*. As *assignaturas verrazes...*

Nicanor lamenta ir atacar correlegionarios seus; mas *vérritas super omnia*. Ja duas horas passaram. E a prova, para Nicanor, deve ser *preremiptória, seguira, definitiva*.

— *Senhoires, a consciencia coirre, ruge e fala!*

Eis porque a resposta dos adversarios «tarta mudêa, assolapando a *tirréva*. Pois a verdade deve ser psychologica, indicaria, segura»... Monteiro Lopes e os seus numerosos amigos esperam pacientemente o fim da contestação.

— Eu desejo o *tirrimumpho* dos meus *adversarios*. O que *quéiro*, é que a Camara não faça do seu recinto *guairida* de *falsarios*, mas o recinto dos homens de bem.

Perorando, Nicanor cita o Alcorão, ulemas, as Pandectas, appella, nesta extranha companhia, para o relator Domingos Gonçalves, pedindo-lhe rasgue o diploma do contestado. Pede a annulação da eleição de Bittencourt da Silva, o das suissas negras, por ser secretario do Lyceu de Artes e Officios, e, a pedir, descobre meio de lisongear calorosamente o ex-ministro Lauro Müller e o ex-prefeito Passos, concitando o Jardim da Infancia a imital-os «abrindo a avenida central da politica». Por ella Nicanor almejava passear, deputado reconhecido, homem triumphante.

— Porque eu sou um luctador. Eu venho lutando da *obscuridade sombirria* do nada.

Eleitores de Nicanor deram-lhe palmas Antes

de Monteiro Lopes falar, o coronel Figueiredo leu a sua contestação.

Quando Monteiro Lopes usou da palavra, era já noite Vendo accenderem o gaz, relanceou os olhos, pelos espectadores e saudou-os:

— Bôa noite, meu senhores.

— Bôa noite.

26 de Abril.

Não aceitou a terceira commissão a emenda Lago, mas recusou restituí-la Pedro Lago, aberta a sessão, reclamou do presidente a restituição.

— O sr. Raymundo de Miranda não quiz que a commissão recebesse a emenda, e a commissão não a recebeu. A terceira commissão é orgão do sr. Raymundo de Miranda

Raymundo ergueu o abdomen:

— Protesto!

— Protesto... V. exc é o director da commissão, que não hesita em cercear o direito de quem quer que não seja protegido dos poderosos. Mas eu vou ler o regimento.

— Tambem lerei. Eu tambem tenho coragem para defender a lei e o direito. E' demais!

Carlos Peixoto mordia o labio. Comprehendia se o seu descontentamento. Costa Pinto, no entanto, correu a auxiliar a Raymundo:

—Mas, olhe. Ha a questão de direito e a questão de facto.

— Questão de facto — sorriu Pedro Lago,— questão de facto... Senhores, a terceira commissão exorbita, violenta. E' a verdade!

José Ignacio, exclamou:

— Não, senhor, V. exc. poderá dizer, quando muito, que a commissão não interpretou bem o regimento.

Pedro Lago não attendeu aos apartes; limitou-se a censurar o exagerado governismo de Raymundo. Raymundo zangou-se. Pediu a palavra. O relator, Seraphico Nobrega, tambem pediu a palavra

— *Sinhō* presidente, eu não estava no propósito— enguli cuspo—, no propósito de *vi*... sim, de *entrá*...

Estudando as eleições do terceiro distrito da Bahia, notára Seraphico que «os diplomados eram homens inteiramente identificados com o povo bahiano ». E só A camara castigou a terceira commissão, mandando annexar a emenda ao parecer, por 63 contra 51 votos. Encontrando a Irineu Machado, no corredor, o dezembargador Palma perguntou-lhe:

— Irineu, você votou contra nós?

— Por força.

Primeira commissão.—Ceará. Agapito dos San-

tos voltou a accusar a dominação Accioly. Muitos estudantes cearenses compareceram. Os deputados governistas do Ceará collocaram se em linha. Agapito dos Santos contou que o governador Accioly, na vigencia das suas administrações, gastaria mais de tres mil contos de reis sem autorisação legislativa, aproveitando os saldos orçamentarios.

—Pois v. exc declare — solicitou o candidato contestado Eduardo Saboya—, declare em que se gastou esse dinheiro. Muito bôa! V. exc approvou algumas dessas despesas...

—Approvou... Eu estava na Camara federal!

De facto, Agapito dos Santos, quando correligionário do governador Accioly, fôra deputado federal. Graccho Cardoso, o professor de Grego no lyceu de Fortalesa, tentou defender o gasto dos tres mil contos. Agapito dos Santos encarou-o

—O que, senhor! Gastaram sem autorisação mais de tres mil contos e não puderam despende seis contos de reis em açudagem! E o Ceará tem taxado até impostos. Até impostos! Senhores, eu só reconheço um beneficio no Accioly: é só gastar com a familia aquillo que o Estado vai produzindo

Menos os deputados governistas, todos riem. O dr. Portella, na presidencia, cofia a longa barba.

Encostado a Graccho, obeso, de oculos escuros, Waldemiro Moreira arrisca apartesinhos em voz baixa. Agapito dos Santos contou que Waldemiro

fôra aposentado de um emprego quinze dias depois da nomeação

— Isso é commigo? — perguntou Waldemiro.

Agapito, que é surdo, concheou a mão na orelha:

— Como?

— Isso é commigo?

— Como?

— Eu pergunto se isso é commigo.

— Ah! — fez Agapito dos Santos desdobrando a mão. E apontando á barriga de Waldemiro, com um olhar placido e voz fina — E' . . .

Depois contou, revoltadamente magoado, que, ha tres annos, tendo sido deputado na camara, quando regressou ao Ceará, o governador Accioly mandou espalhar capim por onde elle Agapito devia passar, até á sua residencia.

— E' uma prova da tolerancia de que falou já o sr. Saboya . . . Mas vamos adiante

Contou mais que o sr. Raymundo Borges, genro do governador e commandante da policia, foi eleito deputado estadoal. Depois nomeou — o sogro engenheiro das obras do theatro, «quando Raymundo não é engenheiro» . . . Raymundo accumulou os vencimentos de todos estes cargos, Antonio, filho do governador, era director da Escola Normal de Fortalesa. Num dia 5 foi, pelo pai, nomeado lente da Academia de Direito; no dia 6 prestou cumprimento, e no dia 7 deixou o *exercicio* para se encarregar de uma commissão remunerada . . .

Tambem falaram Gaccho, E. Saboya e o contestante Virgilio Brigido, que assinalou o facto de ser Graccho eleito deputado federal, sendo vice governador do Estado. Graccho justificou a sua eleição.

— Mas v. exc. — perguntou-lhe Virgilio — é ou não é vice governador do Ceará?

Graccho coçou a cabeça, piscou,

— Sr. doutor, eu não lhe posso responder já. Responderei depois, oportunamente.

Continuam as contestações e pedidos de prazo dos candidatos fluminenses. O que não contesta, pede prazo. Parece que nenhum confia na contestação ou no prazo. Fala-se num acordo...

Quinta comissão.

Minas: Francisco Bernardino leu a sua contestação ao diploma de Arthur Bernardes. Provou a existencia de fraudes nas eleições de S. Vicente do Gramma, Teixeiras e Araponga. Exhibiu documentos onde se verifica que defuntos e pessoas mudadas assignaram actas das eleições com que Bernardes pretende entrar na camara.

Por fim apresentou a lista de assignaturas de uma secção em que ha dezenas de nomes escriptos

com o mesmo punho... Bernardes obteve quatro dias de prazo.

27 de Abril

Com a decisão da camara mandando juntar ao parecer a emenda Lago, sentiu-se amesquinhada a bancada governista da Bahia. Resolveu, portanto, reduzir o efeito da votação de hontem, levantando uma questão de ordem. Assumiu a função de defensor da político do senador Jose Marcellino, chefe situacionista bahiano, o deputado Seabra. Sua presença na tribuna, depois de tantos annos, impressionou o recinto. As palestras estancaram. Todos olharam curiosos o antigo luctador. Seabra achou a emenda illogica e illegal. Podia assim ser votada?

Não. Por isso não devia ser submettida á consideração da casa. Pedro Lago respondeu. Mas Seabra perguntou-lhe :

— A Camara pode aprovar a emenda de V. Exc.?

— Pode! Porque não pode?

— Porque não revogou a lei eleitoral

— A lei eleitoral — observou Lamounier Godofredo, de Minas — é uma lei morta.

Seabra admirou-se:

—Ora essa ! Uma lei que não nasceu ainda, já está morta . . .

E' esta a opinião de Seabra sobre a lei Rosa e Silva. Carlos Peixoto, habilmente, justificou a comissão, o advogado dos governistas bahianos e, para que todos ficassem consolados, mandou a emenda a imprimir,

—

A primeirá commissão assignou o parecer reconhecendo os governistas amazonenses.

Pará : Consta que Rogerio de Miranda obteve do presidente de Minas, Wencesláo Braz, um pedido ao conselheiro Penna em favor do seu reconhecimento, Barbosa Rodrigues voltou a defender a eleição do diplomata Enéas Martins Contou que seiscentos cidadãos, com attestados offerecidos por commerciantes, foram excluidos do alistamento; que o individuo que consegue alistar-se no Pará, é privado do titulo.

—Entretanto, quando alguém se queixa de não poder voltar, os chefes politicos dizem: «vocês não se alistam . . . Alistem-se» . . .

Respondeu-lhe Justiniano Serpa brilhantemente. Terceira commissão.

Bahia: Ignacio Tosta contestou o diploma de Pedro Vianna, seu amigo. Contestação magnifica na parte politica. Aparteou a Ignacio Tosta o depu-

tado Ubaldino de Assis. Ubaldino é nervoso. Fala pulando, atirando os braços curtos para os lados. Sacode bellicosamente a pequena cabeça. Euclides Barroso riu pela primeira vez. Porém Raymundo de Miranda inda tocou a campainha por elle. A uma narrativa de Ignacio Tosta, Ubaldino aparteou :

— V. exc.^a omitte.

— Não, senhor. Eu não sou capaz de omittir coisa alguma.

— Omitte! Omitte! Omitte!

Tratava-se de uma carta.

— A commissão, querendo — facilitou Ignacio Tosta — lê a carta.

Raymundo quebrou a cinza do charuto e prometeu, arrotando :

— Lerá.

— Eu, por mim — revelou Eduardo Saboya gosto muito de lêr.

E Seraphico, córando :

— Eu cá tambem

Euclides tornon a rir.

O governo paulista continua a advogar secretamente o reconhecimento de Carlos Garcia.

28 de Abril.

Está resolvida a *questão de ordem*. A camara votou o parecer reconhecendo os candidatos governistas do terceiro districto da Bahia. Depois, Carlos Peixoto declarou prejudicada a emenda.

Leovigildo Filgueiras aconselhou a Raymundo de Miranda evitar casos como o da emenda Lago.

— Deixe... — tranquilisou-o Raymundo — Deixe-os apresentar o que quizerem. Não se importe, não... Vá deixando...

Quatro candidatos fluminenses leram contestações. O auditorio, que era grande, veiu de Nictheroy.

Alvaro Mendes respondeu á contestação de Ferreira Pires que, antes de ouvil-o, andou espalhando boatos. Disse a Gonçalo Souto :

— Souto, eu soube que você não será reconhecido.

O velho latinista perguntou-lhe :

— Mas porque diz você isso ?

— Porque digo? Ah! meu amigo! Tenho a certesa. Pois então?!

E saiu rindo da pilheria — Souto acompanhou-o com os olhos

— Meu amigo, a quem Deus promette não falta.

Leão Velloso pediu a Seraphico apressasse o parecer.

— Porque não dá?! Para no dia 3 eu não estar reconhecido... Bolas, *seu Seraphico!*

29 de Abril

Correu que será apresentada uma emenda reconhecendo Serzedello Corrêa em vez de Monteiro Lopes. Houve reconhecimentos.

Eduardo Saboya comunicou haver escripto «tres laudas» sobre as eleições espirito-santenses Eduardo é fanhoso :

— *Instão cumpiando : Sinstiver* prompto, amanhã trago.

— Mas então, o Graciano...

— *Inesperemos...*

Tantos interessados pelas eleições fluminenses subiram ao segundo andar, que a quinta commissão mudou-se para sala maior. Dos discursadores, dois eram backeristas. Um, Paulino de Sousa, atacou a Oliveira Botelho. O outro, Henrique Borges, discutiu as violencias praticadas em Valença no dia do pleito.

Paulino e Henrique Borges defendem-se e accusam como os outros, mas falam baixo e manso. Quando orava Henrique Borges, um homem alto e magro passou em volta dos assistentes, estirou o pescoço duas vezes para os papeis e mudou de sala. Sua figura exquisita atraiu a attenção de alguns individuos. Vendo-se observado, parou e apontou para a commissão.

— Estão vendo? E' isso!... Aqui, são uns anjinhos de procissão... Mas lá... — Elle arregalon os olhos — Lá... Nem sabem os senhores! Lá, esses anjinhos d'aqui são uns reis pequenos. Todo o mundo tem de ajoelhar-se aos pés d'elles... E não faça... Ai! que a coisa é preta. Uns reis pequenos. Com a faca e o queijo... Casam, baptizam. Uns Carlos Magnos...

E desapareceu na escada.

30 de Abril

Monteiro Lopes telegraphou aos governadores pedindo-lhes o apoio das bancadas para o seu reconhecimento. Diz-se que o conselheiro Penna pediu a Carlos Peixoto fizesse com que Monteiro Lopes fosse reconhecido já, para aquietar-lhe os amigos.

Francisco Portella apresentou o parecer sobre as eleições do Ceará, que conclue haverem corrido «livremente, dentro da constituição e da lei eleitoral».

Por isso o parecer reconhece os candidatos do governador Accioly. Agapito dos Santos assistiu á leitura curvado para as laudas. José Bezerra pediu vista.

— E' o senhor só que quer? — perguntou o relator.

— Naturalmente. Se outro quizer pede depois.

Eduardo Saboya trouxe á terceira comissão as «trese laudas». Achou legítimas as eleições governistas do Espírito Santo. E a comissão assignou unanimemente o parecer. Assignou também o que

reconhece Monteiro Lopes. Fizeram este trocadilho:

— Os horizontes aclaram-se para o Monteiro Lopes . . .

A sala onde funciona a commissão de Monteiro Lopes é escura. Foi preciso illuminá-la ás duas horas da tarde. Isso tambem provocou trocadilhos.

Pedro Lago apresentou outra emenda.

Raymundo poz-se a rir. Vendo-o rir, Seraphico tambem riu. Saboya riu igualmente Riu Domingos Gonçalves. O riso de Raymundo communicou-se até a Euclides, que com a physionomia rinhosa se conservou até o fim da leitura! Entregando a emenda, Lago disse uma palavra ironica

— Não admitto! reagiu Raymundo.

— Mas, o que, senhor? . . . — *Não admitte*, o que? . . .

— Não admitto! Já disse a V. Ex !

— Mas, o que é? . . . Que foi ? . . .

— V. Ex não tem o direito de vir para aqui atirar remoques ! . . .

Eduardo Saboya ergueu as palpebras:

— E' . . . *In a um membro da commissão . . .*

— De certo, ajuntou Seraphico — a um membro da commissão . . .

— Mas que ha, senhores? — inda perguntou Pedro Lago.

—E' que V. Ex. vem-me atirar remoques, e eu não admitto! —repetiu Raymundo —Não admitto! Sr. presidente, peço a palavra !

Pedro Lago achou graça:

—Ora, seu Raymundo!

Sabe-se que o presidente da Republica não quer o reconhecimento de Francisco Bernardino Foram assignados pareceres reconhiecendo os candidatos diplomados do Paraná e de Goyaz. Alcindo Guanabara pediu vista do de Goyaz.

1 de Maio

Dentre os reconhecimentos de hoje salienta-se o de Monteiro Lopes. As galerias encheram-se de operarios. Viam-se muitos homens de côr. Quando o presidente declarou reconhecido Monteiro Lopes rompeu nas galerias uma entusiastica salva de palmas, atiraram muitas flores sobre o reconhecido e soltaram um pombo branco. O pombo voou pelo recinto sob o repique dos tympanos e foi apanhado por Honorio Gurgel. Monteiro Lopes sentou-se sorrindo, agradecendo para as galerias.

José Bezerra leu o voto em separado ao parecer de Francisco Portella. Annulla algumas eleições

e reconhece a todos... Evaristo do Amaral, do Rio Grande do Sul, pediu vista do parecer:

— Tambem?

— Tambem, e pelo prazo maximo. E vou pedir vista do parecer do Piauhy.

Pediu. No recinto, cedeu em reduzir o prazo a 24 horas. Será talvez esta a unica attitude ener-gica da politica riograndense no reconhecimento.

A camara recebeu convite para se fazer repre-sentar na manifestação que, a 12 do corrente, será feita ao ministro da guerra marechal Hermes da Fonseca.

2 de Maio

O regimento determina que na ultima sessão preparatoria, antes da abertura do Congresso Na-cional, o presidente convidará os deputados a contra-irem o formal cumpromisso de bem cumprir os seus deveres. Pois finda o leitura da acta, Leovigildo Filgueiras propoz o adiamento do cumpromisso para amanhã, antes da sessão do senado. Sabe-se que esta proposta servirá á politica bahiana. Pedro Lago discordou. Lago é o unico oppcionista reco-nhecido. Seus adversarios bahianos apartearam-no,

advogando a transferência, que ficou resolvida. No entanto, Costa Pinto fora de frak novo, um frak debruado e bonito. Da bancada paulista apoiavam Pedro Lago Jesuino Cardoso disse:

— V. ex. tem toda a razão.

Leovigildo descançou o braço na carteirinha.

— Não, senhor A questão não procede. V. ex. não pode dizer isso.

— Porque? Porque não posso? Eu sei o que digo. sou tão deputado como V. exc^a.

Pois que Lago falava alto, as suas palavras dominavam o conflito. Jesuino também falava alto:

— Cale a boca, Jesuino — fez Filgueiras com ar de menospreço.

— Cale a boca, não! Cale-se v. exc., não seja tolo!

Leovigildo deu com a mão, afastando-se:

— Ora não seja bobo, que eu não tenho medo de você

— Bobo é você. Filgueiras — E alterando a voz — Bobo é você, Filgueiras!

Eduardo Saboya aparteava a Pedro Lago.

Filgueiras prestou-lhe atenção; mas Lago calou-se e Jesuino também. Carlos Peixoto, invocando um precedente, resolveu pelo adiamento para amanhã, às 11 horas.

Vai-se abrir o Congresso amanhã e ate agora não se lavrou um parecer sobre eleições fluminenses. Inda hoje, os candidatos discutiram até cinco horas da tarde. Continua-se a fallar no acordo.

Graccho Cardoso commentou a depuração de Agapito dos Santos:

— Que quer? Pois só por não vir um anno, briga, vai p'ra oposição. Veja o Thomaz Cavalcante. Não veiu agora e está cada vez mais amigo lá do velhinho (o velhinho é o Accioly. Os opositores chamam-lhe o governador babaquara)... Em politica é assim: não ha zangas. O Agapito, se não fosse aquelle arranco, já estaria aqui, já estaria aqui... Esta é que é a verdade. Foi zangar-se...

3 de Maio

O adiamento era para que se não abrisse o Congresso sem estarem reconhecidos todos os governistas bahianos. Assim aconteceu, pedindo Leovigildo urgencia para a votação. Foram igualmente reconhe-

cidos os do Piauhy, Ceará e quatro dos sete paraenses. Ouvindo proclamado seu nome, Euclides riu. Riu muito Agapito dos Santos assistia do corredor. Para o compromisso compareceram cerca de vinte candidatos trajando sobrecasacas. A mais nova era a de Costa Pinto Reconhecido, Pedro Vianna, familiarmente, andou contando anedotas. Recordou que, no seu tempo de estudante, em Recife, um calouro convenceu-se de que o pistolão melhor para o lente de Direito Natural era a viúva de Vasco da Gama, que diziam os veteranos morar em Afogados...

Anunciado o compromisso, puzeram-se todos de pé. O presidente ergueu-se com solemnidade e pronunciou os termos sacramentais:

—Prometto manter e cumprir com perfeita lealdade a Constituição Federal, promover o bem geral da Republica, observar as suas leis, sustentar-lhe a união, a integridade e a independencia.

Seguiu-se a chamada dos reconhecidos; cada qual devia responder:

—Assim prometto.

Bernardo Jambeiro, da Bahia, atrapalhou-se e disse:

—Assim o prometto.

Falte embora o reconhecimento dos fluminenses

e alguns raros de outras bancadas, pode-se considerar constituida a Camara. É uma camara «pennista». Afora os gaúchos e Pedro Lago, que dispõe de eleitorado verdadeiro na Bahia, os outros são candidatos do presidente Penna. Só foram reconhecidos aquelles em quem elle confia absolutamente para o designio final do seu governo, que é a candidatura do ministro campista á presidencia da Republica.

A proposito da maneira como se fez a escolha da deputação e, a seguir, o reconhecimento de poderes entre representantes da imprensa, chamava-se «dictadura disfarçada» ao governo do conselheiro Penna. Recordou-se um projecto debochativo que foi encontrado, no fim da sessão passada, proximo á bancada bahiana, sobre o tapete.

Eis o projecto:

O Congresso nacional decreta:

Artº 1º Fica o presidente da Republica encarregado de nomear os futuros representantes da Nação, podendo, se assim lhe parecer, ouvir os governadores dos Estados e o prefeito do districto Federal.

Artº 2º Revogam-se as disposições em contrario.

Este projecto estava escripto com letra meuda e tremula e foi attribuido ao deputado de então Garcia Pires, velho bahiano muito illustrado, muitissimo espirituoso, que sabia não voltar para a Camara, só porque era adversario do governo do seu Estado e, portanto, do conselheiro.

No Senado.— Poucos deputados e poucos senadores. Na tribuna dos diplomatas ostentou-se uma farda. Ruy Barbosa assumiu a presidencia Bateram os tympanos pesados da casa e os continuos distribuiram a mensagem, que deputados e senadores abriram. Pinheiro Machado não leu. Descançou a sua na carteirinha e conversou com Lauro Muller. Entrava o emissario do chefe da Nação, o portador do autographo. E' um genro do conselheiro Penna, moço pallido, physionomia seria. Cumprimentou tres vezes, subiu á mesa, entregou o autographo, cumprimentou outras tres vezes e saiu. O secretario da mesa, Ferreira Chaves, encetou a leitura. De repente espoucou o magnesio para um instantaneo. Houve um tremor de papeis e discretos risos na tribuna dos diplomatas O ministro do Japão debruçou-se na grade, olhou o recinto e recolheu-se rapido. Fitava a Pinheiro Machado o desembargador Palma. Não se conteve, foi saudal-o, o que

fez longamente, até que Pinheiro se mudou para defronte. Photographaram-no.

—
4 de Maio

Não houve numero legal para se eleger a mesa. Depois da sessão Carlos Peixoto sentou-se com Estacio Coimbra e Dunshee de Abranches. Combinação. Diz-se que Estacio será o primeiro secretario. João Lopes contemplou a reunião, metteu a mão no bolso da calça e sentou-se numa poltrona da sua bancada.

— Eu sentei-me na cadeira do Thomaz Cavalcante p'ra aguardar p'ra elle a primeira vaga.

Um collega fez ar de riso.

—
Na quinta commissão, um candidato mineiro, Landulpho Magalhães, leu sua réplica. Lia mal, gaguejando. Pandiá Calogeras, pendido para o hombro d'elle, acompanhava a leitura.

— Me... Me...

— Mesarios — ensinou baixo Calogeras.

Depois:

— Con... Con... Cons...

— Constituidas.

Na saleta do café, Passos de Miranda, o catholico militante, manifestava irreductiveis predilecções pelos correligionarios. E cortando uma phrase:

— Dá-me café, Serapião

Serapião é um preto forte e bom Faz o café, dá o café aos deputados e a quem chega A saleta vive cheia. E' estreita, são seis apenas as mesinhas de marmore e, apezar da sacada aberta para a rua, esquenta ás vezes. Defronte conserva-se um antigo sobrado de tres andares, construcção colonial que dá fundos para o oitão da camara Em baixo a prefeitura~ consente as quatro paredes de uma casa destelhada. O lixo cobre o ladrilho Os ratos fervilham na porcaria, comendo, correndo, fugindo. Olhando uma tarde aquella sujeira, o velho jornalista Henrique Chaves contou aos reporters que, moço, teve por cima das paredes agora immundas, uma namorada. Era uma gente pobre :

— Mas linda a pequena — recordava elle com uma satisfação victoriosa — Linda! Ah!... Ao fim da sessão eu vinha vel-a aqui da janella... — E rodando a mão para traz, galhofeiro, mas traíndo na galhofa uma afastada saudade — Emfim, não sei. Desapareceu. Um dia desapareceu, mudaram-se...

Os deputados censuram á presençā das ratazanas

ali, tão perto; fazem trocadilhos os reporters; porem de dentro vem o cheiro do café de Serapião, o melhor café da redondeza, e procuram-se as cadeiras vazias. O preto tem predilecções, revolta-se contra os filantes, os que não são reporters nem deputados e lhe bebem o café, comem-lhe os doces.

— Essa gente! — exclama cochichando a sua indignação — Essa gente! *Abúxun* aqui de nós que faz dó. O *senhô* bote um *annuço* no seu *jorná*... *Come os bolo e non págun*...

— Serapião! — chama um deputado — Café.

Serapião chega-se, pesado, manso, humilde. Porem se o deputado se acompanha de algum estranho, elle procura ver, por sobre as cabeças, um reporter sympathisado e communica no olhar ironico o seu aborrecimento. E' na saleta do café que se combinam os mais graves arranjos da sessão, se fazem as *blagues*, se contam anedoctas e se diz mal do proximo. Passos de Miranda tomou o seu primeiro café este anno philosophando a São Thomaz de Aquino:

— Sem caridade não ha justiça. Mas, entre dous candidatos, um catholico e outro incredulo, eu voto no catholico.

Na mesa vizinha ouviu-se lhe a conclusão e contou-se uma franquesa do conselheiro Penna quando viajava pelo norte a bordo do *Maranhão*. Aventurou certo reporter uma pergunta a s. exc. sobre o preenchimento dos cargos publicos.

— Ah! Emprego? — respondeu o conselheiro —
Eu no governo? Mineiro.

— Sim .. mas os altos cargos...?

— Mineiro. Mineiro sempre.

— Mas conselheiro, aparecendo um logar importante, para o qual concorram dois pretendentes, dos quaes o mineiro seja o menos apto?...

— Meu coração vôa p'ro mineiro, p'ro mineiro

5 de Maio

Estão eleitos os presidentes da Camara. Presidente, Carlos Peixoto. Primeiro vice, Arnolpho Azevedo, de S. Paulo. Segundo, Torquato Moreira. A bancada gaúcha votou em Soares dos Santos para presidente. E' politica contra Carlos Peixoto, pois votou nos vices presidentes Assentára-se que a bancada votaria em Cassiano. De repente, porem, resolreu se ao contrario.

— E' uma desconsideração — disse elle ao saber — Não admitto. Não admitto e não concordo! Deviam ter-me ouvido!

Rivadavia Correa desculpou se:

— Tivemos ordem...

— Porem não me ouviram! Fizessem o que quizessem, mas deviam ter me ouvido.

Cassiano recriminava magoadamente. Adiante realizava-se a eleição, tres grandes taças de metal

branco sobre a mesa. Eduardo Saboya pilheriando no estrado com os votantes, e cada um com a sua chapa e ouvido á escuta Arnolpho Azevedo derreára-se na poltrona, sem emoção. Torquato, não, misturava-se aos eleitores. E elles iam votando e dando-lhe parabens. Só ao fim Carlos Peixoto apareceu. Atravessava o recinto; mas puxaram no, abraçaram-no fervorosamente quantos o viram. Rarissimos terão subido á presidencia tão festejados.

Foi reconhecido Irineu Machado.

6 de Maio

Posse do presidente. Carlos Peixoto sentou-se á curul modestamente. Nas bancadas pararam as palestras. Quando elle abriu a bocca para o discurso, todos se chegaram e pararam em semi-círculo diante da mesa. A phisionomia de Carlos Peixoto suavisava-se num sorriso acolhedor. Graccho Cardoso trepou ao estrado e juntou-se ao espaldar da curul. Carlos Peixoto desdobrou umas tiras escriptas, desmanchou o sorriso e pronunciou gravemente as primeiras palavras:

—Senhores e caros collegas.

Os deputados silenciaram. Os reporters, entre o semi-círculo e a mesa pousaram o olhar no pre-

sidente. Primeiro, elle agradeceu a eleição e tributou saudades ao fallecido Paula Guimarães. As tiras estavavam amarrrotadas. Signal de que foram lidas e relidas. Naturalmente levara-as antes ao Cattete, lera-as ao conselheiro Penna.

— «Elegendo-me pela terceira vez seu presidente, a Camara (sensivelmente identica á da ultima legislatura) deu-me a honra de consagrar com a sua approvação a conducta que tenho mantido no exercicio das minhas funcções politicas, (apoiados) que a generosa benevolencia dos meus collegas aprouve confiar-me desde 1907.

«Só posso receber esta prova de perseverante confiança como significativa de que os meus collegas entendem não haver eu faltado aos deveres da imparcialidade no dirigir os seus trabalhos e aos da dignidade no defender as prerrogativas da Camara »

— Apoiado! Muito bem!

«Nem outro movel pode jamais determinar em casos taes o voto de homens capazes de julgar pela propria, a honestidade e a dignidade da conducta alheia

«Iniciando os trabalhos de uma nova legislatura quando a Republica entrou já no seu vigessimo anno, não seria talvez arriscado tentar o retrospecto desse já não pequeno periodo de vida democratica, no qual temos ao menos demonstrado que somos capazes de praticar a liberdade civil impedindo que ella degenera na demagogia inconsciente que con-

duz á anarchia e abre, assim, caminho facil ás perigosas aventuras da violencia, fonte e matriz do cezarismo e da tyrannia.

—Muito bem! Muito bem!

Os gaúchos alongaram o pescoço, perspicases quando ouviram as palavras *cesarismo* e *tyrannia*.

«Sem embargo, ha, porem, toda uma immensa tarefa a realizar, e para isso acredito que esta nova Camara, em que reside a directa representação popular, não poupará esforços nem sacrificios

«Tenho fé irredutivel no futuro da nossa patria e do nosso povo redimido dentro em breve por uma instruccion racional e bem orientada, tornando-o assim capaz de amar a Republica, fazendo della, na phrase de um estadista eminente uma perpetua victoria sobre a ignorancia, a miseria e o vicio, o mais alto desenvolvimento da personalidade humana ao influxo da liberdade, da justica e da solidariedade».

—Muito bem! — applaudiu alto Graccho Cardoso, e rompeu as palmas, que todos deram effusiva e prolongadamente. Depois do discurso explicou-se que *cesarismo* e *tyrannia* se referiam á possibilidade de um movimento em favor da candidatura do ministro da guerra, contra a candidatura do ministro da fazenda. Afora a bancada gaúcha os deputados reconhecidos dizem apoiar incondicionalmente o candidato do conselheiro.

Reunião dos *leaders* de bancadas para escolha

dos secretarios e do *leader*. A politica Penna escolheu *leader* o deputado Cassiano E' um laço á representação do Rio Grande, maneira de abrandar-lhe a oposição. Cassiano disse aos *leaders* que não aceitaria. Tinha de partir para o Rio Grande, não podia aceitar...

— Não se trata disso — oppoz Galvão Carvalhal, que fizera a proposta, falando no interesse da politica do conselheiro, da politica paulista, portanto — Não se trata disso. Os *leaders* das bancadas querem e a sua opinião é irreductivel.

— Bom — disse Cassiano pensativo. E resolutamente, — Eu acceito.

Foram eleitos os secretarios: Estacio Coimbra, 1.^º; Simeão Leal, 2.^º; Eusebio de Andrade, 3^º; e Eduardo Saboya, 4.^º, todos de inteira confiança de Carlos Peixoto.

Escolhido *leader* da bancada maranhense, Luiz Domingues encontrou Dunshee de Abranches no corredor e disse-lhe, com voz arrastada e fanhosa:

— Vocês me fizeram *leader*... Eu não preciso disso Pouco me importa isso. Não pensem que eu

levo a serio isso. Não me preocupo com isso. (Isso é o logar de *leader*). Vocês sabem que eu nunca me dirigi ao eleitorado. E no dia em que for preciso isso para eu ser deputado, eu abandono a politica, porque eu não faço conta disso.

(Dunshee ouvia sem dar uma palavra.) Agora, francamente, se vocês escolhessem outro, eu ficaria resentido disso. Francamente

— Sim... Você é o deputado mais velho...

— E sou!

— Pois então?

— Sou o mais velho, vinte e tantos annos sem interrupção. Bom, mas eu não faço conta disso.

7 de Maio

Iniciaram-se os elogios funebres. O primeiro foi o do ex-presidente da Camara Paula Guimarães. Fel-o Pedro Lago. Leovigildo Filgueiras falou em nome dos governistas bahianos. O *leader* Cassiano associou-se ás homenagens «em nome da casa e do poder publico», pois Paula Guimarães, se não morresse, seria deputado, a pedido da politica da Bahia, que Leovigildo representou, e em nome do «poder publico», que solicitamente attenderia aos chefes bahianos.

Encerrada a sessão, Carlos Peixoto e Cassiano

do Nascimento conversaram muito, confidencialmente. Combinaram o arranjo das commisões permanentes.

8 de Maio

Prestou cumprimento o illustre jurista Gumerindo Bessa. Tem a cabeça pequena, é pallido, estрабico e usa oculos. Depois da cerimonia, Graccho, que é sergipano como elle, deu-lhe o braço, mas conduziu-o á bancada cearense. Dentre todos, Gumerindo Bessa preferiu a Gonçalo Souto para conversar.

Paula Ramos, o regimentalista, oppoz-se ao reconhecimento de Coelho Netto, por ser o candidato professor de literatura no Gymnasio Nacional. Coelho Netto foi reconhecido, Paula Ramos então se dirigiu a Carlos Peixoto:

— *Seu* Peixoto, você não podia . . .

E explicava,

— Mas com os precedentes? — contrariou-o Carlos Peixoto.

— Não podia, *seu* Peixoto! não podia!

10 de Maio

Luiz Domingues fez o elogio do chefe politico

do Maranhão, Benedicto Leite. Fala devagar, com repetições.

— Senhor presidente. Falar de Benedicto Leite... De Benedicto Leite...

E depois:

— Que tanto honrou esta Camara... — silencio—Esta Camara...

Luiz Domingues aproveitou a oportunidade para comprovar, com a historia, o seu desprendimento. Contou á casa que, companheiro inseparável de Benedicto Leite, seu amigo e conselheiro, um dia, já Benedicto Leite era chefe supremo dos negócios públicos do Maranhão, encontraram-se os dois. A intimidade cresceu. A admiração do orador pelo chefe, também. Conhecedor, nos seus detalhes todos, da situação da sua terra, Luiz Domingues dera uma palmadinha na coxa, abriu os olhos e abriu o coração:

— Benedicto Leite, no dia em que você, por qualquer circunstância, abandonar a direção política de nossa terra, eu deixarei de ser político, isto é, deixarei, abandonarei esta cadeira de deputado, que me confiam os meus patrícios.

E' candidato por Goyaz um padre moreno e magro, chefe importantíssimo na sua longinqua região. Chegou hoje à camara de batina nova. Na

sua primeira visita, Hermenegildo de Moraes, seu coestadano, levou-o á saleta do café. O padre Trajano vestia terno *marron*. Ao descer a bandeinha, Serapião viu a corôa, ficou muito serio e não perden mais um movimento do padre.

11 de Maio

A Camara recebeu dois compromissos de significação maior que os da vespera. O de um senador e o de um deputado pelo Pará com escala por Belo Horizonte: Bueno de Paiva e Rogerio de Miranda. O primeiro, eleito, reconhecido senador por Minas, que preferiu tres annos na Camara a seis no Senado.

— Caso unico nos annaes da Republica — disse na saleta do café.

O ultimo fôra collocado á cauda da chapa governista do Pará, por castigo, mas posto em primeiro logar em virtude da carta salvadora do Sr. Wencesláo Braz, governador de Minas.

Chegando á bancada mineira, Bueno de Paiva sentou-se na mesma poltrona em que costumava, antes da senatoria, vasar o seu discreto pessimismo.

Não tardaram os abraços, apertos de mão, dados por sobre as carteiras, acenos congratulatorios sacudidos de longe e, por fim, a presença de Alaor Prata:

— Bueno, eu quero ser o setimo a abraçal-o...

Bueno abraçou-o sem palavra, e voltou-se para Domingos Penna, velho parente do conselheiro Penna.

— Seja bemvindo, *seu* Bueno.

— Ora, foram vocês que me trouxeram de novo para aqui. Vocês, só vocês...

Nenhum mineiro protestou. Apenas o Domingos continuou a sorrir com um olhar vago, enquanto Luiz Domingues se debruçava á carteirinha em frente ao manifestado.

— Isto é que é ser solidario

— E' — confirmou Domingos Penna. — Muito valemos nós, não acha?

— E' mesmo. Por que deixar seis annos por tres...

O deputado maranhense entusiasmou-se:

— De certo, deixar seis annos por tres...

Despediu-se. Vem chegando Netto Machado, jornalista; com uma solicitude angelica:

— Doutor, caso V. exc. queira, eu posso noticiar que, em virtude da posse, V. exc. renuncia...

— Não! — atalhou Bueno de Paiva.

— Mas...

— Absolutamente! Antes de tomar posse eu enviei um officio ao presidente do Senado, renunciando. Não, eu não renunciei pela posse. Empossei-me pela renuncia, isto sim...

Apezar de dever o reconhecimento ao Wencesláo Braz, Rogerio de Miranda não esqueceu o chefe paraense Antonio Lemos. Prestou compromisso trajando como elle: a sobrecasaca, a calça de côr, o collete magestoso... Até a fitinha preta do *pincenez*, até a camelia branca na lapella...

Quando, de pé á direita do presidente, proferiu as palavras sacramentaes, Germano Hasdocher, que se approximara da mesa, pilheriou:

— O Rogerio parece Cavour, lendo a Constituição.

Todos riram, mas o cumpromittente, como se não ouvisse, leu até o fim sem desmanchar a pose.

Os reconhecimentos de Goyaz, Rio de Janeiro e Districto Federal só se farão quando os chefes chegarem a acordo. Para o caso as eleições nada estão valendo.

—
12 de Maio

O *cesarismo* do discurso de Carlos Peixoto está produzindo uma grande crise politica. Hoje a sessão durou cinco minutos. Dos poucos deputados qu

ficaram no recinto, alguns passaram o tempo retrai-dos e pensativos. Carlos Peixoto pouco falou.

14 de Maio

Está em lucta com o Senado a Camara. Abriu-a o caso das eleições de Goyaz. Eis porque não houve hoje votações Tendo comparecido 143 deputados, Carlos Peixoto, na ordem dia, declarou estarem na casa apenas 102.

Antes da sessão, Carlos Peixoto e Sabino Barroso conversaram demoradamente encostados á pa-rede. Depois da sessão procurou Carlos Peixoto o senador Rosa e Silva, chefe politico de Pernambuco, resistencia em quem absolutamente confia o conse-lheiro Penna. Conferenciou mais de uma hora, no gabinete do presidente. Cassiano do Nascimento ficou á bancada paulista falando nervosamente a Galeão Carvalhal. Seabra fez um elogio funebre.

Diz-se que o conselheiro Penna tem provocado o ministro da guerra a declarar não ser nem querer ser candidato á presidencia da Republica. Diz-se tambem que o ministro se manifestou, ao conse-lheiro, contrario á candidatura Campista.

O ESTOIRO DA BOIADA

15 de Maio

Quando Carlos Peixoto penetrou o recinto, era avultado o numero de deputados, mas a bancada mineira estava quasi vazia. Antes de abrir a sessão, Carlos Peixoto tomou café com Estacio Coimbra, conversando baixo e gravemente. Na ordem do dia, anunciou a eleição das commissões, mas imediatamente avisou não poder realizar-as a Camara por accusar a lista da porta a presença de apenas 104 deputados. Havia mais. Então a maioria dos presentes deixou as poltronas. Uns sairam. Muitos ficaram pelos gabinetes, corredores e saleta do café, conversando. Porem chegou um frequentador da saleta que pretende ser deputado e contou que o marechal Hermes da Fonseca se demitira do cargo de ministro da guerra. A noticia abateu immenso os deputados. Diversos correram a Carlos Peixoto Elle, porem, permanecia reservado, procurando não tratar do caso. Todos, no entanto, sentiram que uma enorme crise se produzira na politica nacional. Ninguem duvidou mais da candidatura do marechal Hermes Irineu Machado declarou na saleta, em palestra:

— E' governo militar que vem ahi. Agora, eu acceito o governo militar, mas sem um soldado e os officiaes sem soldo. Assim acceito. Mas que é que vocês estão pensando? Si isso for verdade, nós vamos ver. Vão ver todos.

—
17 de Maio

Carlos Peixoto entrou e parou junto á mesa. Cassiano chegou-se, bateu-lhe no hombro.

— Carlos.

— Cassiano.

— Como vaes?

— Como vaes tu, Cassiano?

Chamaram Cassiano. Outro o substituiu junto a Carlos Peixoto, que se poz a conversar com extrema naturalidade. Defronte se falava que Carlos Peixoto ia renunciar á presidencia da Camara.

Contestou-se a noticia. Mas quem abriu a sessão foi o segundo vice-presidente, Torquato Moreira, apesar de Carlos Peixoto continuar junto á mesa. Quantos o viam caminhavam para o cumprimentar. Elle retribuia os cumprimentos com afabilidade, sorrindo, pilheriando como nos outros dias. Finda a leitura da acta, caminhou para a bancada miniera e de uma poltrona da ponta pediu a palavra. Immediatamente, levantaram-se deputados e reporters affluindo apressados para o ponto onde elle já falava.

Discurso sereno. Disse que, sentindo não merecer mais a confiança da bancada mineira, a cuja influencia devia a eleição para presidente da camara, renunciava á presidencia Promettia, porem, manter, durante a legislatura que começa, o proposito de, como simples deputado, trabalhar com honra pela altivez e independencia da Republica.. Soaram algumas palmas timidas, enquanto Carlos Peixoto, sem olhar para ninguem, caminhou, atravessando o vestiario, até o gabinete do presidente, apanhou o chapeu e desceu a escada. Saiu só. A physionomia da assembleia era de uma perplexidade completa. Mas Cassiano do Nascimento pediu a palavra. Voltaram se todos para elle. O *leader* afirmou que a resolução do presidente era irredutivel. Aconselhou, portanto, á Camara que aceitasse e não indagasse da causa intima da renuncia.

—V. exc. não tem o direito de evitar que a Camara aprecie um caso desta importancia! — gritou João Lopes

A palavra de João Lopes acordou, com este aparte, de um silencio de muitos annos.

—Muito bem! — bradou uma voz da bancada de S. Paulo.

Cassiano enrubesceu:

—A Camara dará uma prova de respeito e affecto ao sr. Carlos Peixoto, acatando a sua resolução, que é irretratavel.

—Não apoiado!

A bancada do Rio Grande do Sul, de pé, assistia, em linha, junto á tribuna. Os apartes haviam agitado a Camara. Discutia-se alto a opinião do *leader*, que insistia no conselho. Subito, Estacio Coimbra, que estava á mesa, desceu, rubro, afastou alguns collegas e aproximou-se do orador:

—O sr. Carlos Peixoto não representava aqui só o pensamento da bancada de Minas, representava o pensamento da Camara, que o elegeu seu presidente, por quasi unanimidade!

—Muito bem! Apoiado! Muito bem!

Havendo-se calado diante dos apoiados tumultuosos que provocára o aparte de Estacio Coimbra, Cassiano recomeçou:

—Quem fala é o *leader* da maioria. Se o representante da maioria já não é ouvido...

—Representante da maioria era tambem o sr. Carlos Peixoto—disse Estacio Coimbra com o braço estendido.

—Apoiado!

O *leader*, de facto, não era ouvido. Menos a bancada gaúcha, todos discutiam alto. Os populares das galerias applaudiam os que levantavam mais a voz. Podendo ser ouvido Cassiano disse:

—A maior homenagem que se pode prestar ao presidente renunciante, é não indagarmos dos motivos da renuncia.

Na bancada pernambucana, o deputado Pereira de Lyra commentava:

— O Peixoto renunciou por uma susceptibilidade pessoal.

Ouvia-se de Cassiano:

— Eu falo em nome da maioria. Acho que a maioria não deve indagar das origens da renuncia.

Da bancada paulista perguntou Palmeira Ripper:

— Pois vamos recusar ao presidente da Camara aquillo que não se recusa a um membro de commissão? E' uma excepção deprimente.

Cassiano, que se excitara excessivamente, sentou-se abatido. Usou da palavra, em seguida, Josino de Araujo, mineiro, que avisou falar em nome de Carlos Peixoto e confirmou ser inabalavel a resolução delle. A bancada paulista exaltou se, protestou, Vendo Josino sentar-se, João Lopes pediu a palavra.

— Eu desobedeço á indicação do *leader*! Desobedeço! Eu acho que a camara deve apreciar os motivos da renuncia do Sr. Carlos Peixoto.

Apoiados na bancada bahiana. Palmas na bancada paulista. Seabra levantou-se com impeto:

— Senhores! Concedendo a renuncia, a Camara praticaria um acto que não honraria as suas tradições!

Palmas. Estacio Coimbra acrescentou:

— E reflectiria na propria Minas! E o sr. Carlos Peixoto, renunciando, deviam aparecer outros resignatarios!

— Apoiado! Apoiado!

Ninguem se entendia. Gritavam muitos ao mesmo tempo. Cassiano lamentava-se:

— Não tive a fortuna de ser comprehendido...

Leovigildo Filgueiras disse que a bancada governista da Bahia negaria a renuncia. Sabino Barroso declarou que os seus collegas mineiros tambem negariam a renuncia. Depois os *leaders* das bancadas presentes, um por um, se comprometteram a negar a renuncia. Barbosa Lima comunicou:

— Em quanto não se diz a verdade inteira sobre o actual momento politico, em que se debate a sociedade brasileira, a maioria da bancada carioca limita-se a votar pela recusa.

E, afora a bancada gaúcha, todos os deputados, em votação nominal, negaram a renuncia a Carlos Peixoto.

17 de Maio

Abriu a sessão Torquato Moreira. Toda a gente esperava que a mesa renunciasse, principalmente os secretarios, que são da escolha e confiança de Carlos Peixoto, um desdobramento da sua presidencia. Consultaram a Euzebio de Andrade, terceiro secretario. Enzebio disse, de mãos postas:

— Mas eu não vejo motivo para se resignar

Algumas bancadas compareceram diminuidas. A gaúcha apresentou-se completa. Esperando nova agitação, o povo encheu as galerias. A concorrência de populares era tamanha, que escurecia o recinto. Mas não houve escândalo nenhum. Os deputados evitaram mesmo tratar dos sucessos da véspera, embora falassem imenso de assumpto diverso. Seabra permaneceu calado na sua poltrona. Encerrada a sessão, sem ter havido número para a eleição das comissões, o povo começou a descer desconfiado e aborrecido.

Em vários grupos de deputados se manifestou que o novo presidente não devia ser mineiro. Entretanto, Francisco Bressane, de Minas, respondendo a um reporter, deu a entender que o novo *leader* da bancada mineira será Sabido Barroso.

— E a presidência, doutor?

— O *leader* escolhido por nós é naturalmente uma indicação... Comtudo...

Em frente via se, entregando o chapéu no vestiário, o deputado Sabino Barroso.

Estão todos certos de que a nova situação será
Fl. 8

dirigida por Minas e Rio Grande do Sul, o governador Wenceslão Braz e o general Pinheiro Machado. Affirma-se duvidosa a solidariedade de Ruy Barbosa com o movimento anti pennista, apesar de se haver s. exc. manifestado contra a candidatura Campista e ser o mais decidido amigo politico do general Pinheiro.

Na saleta do café ocorreu uma troca de palavras asperas entre o deputado Luiz Domingues e o senador José Eusebio. José Eusebio tomava café placidamente. Vem do corredor Luiz Domingues:

— Serapião, dá cá um café, meu *nego*.

Antes de Serapião trazer-lhe o café, dirigiu-se Luiz Domingues ao senador, a quem vê surpreendido:

— Então, *seu Zé Euzebio*? Como é que a banca da toma uma resolução sem me ouvir? Como é isso? Para que é que eu sou *leader*?

— Luiz Domingues, a coisa . . .

— A coisa o que, meu amigo! A coisa é que vocês tomaram uma resolução sem me ouvirem. Esta é que é a verdade nua e crua.

— Mas espere . . .

— Não é espere! Eu já sei que sou um *leader* de borra! Um *leader* que não valho nada! Um *leader* para constar, porque sou o representante mais antigo do Maranhão.

— Luiz Domingues . . .

— Qual Luiz Domingues, *seu Zé Eusebio!* Digamos as coisas como ellas são. Com o Benedicto Leite nunca se deram esses factos.

— Não seja inconveniente, homem . . .

— Inconveniente o que! Eu quando tenho de dizer não mande, você sabe, vocês todos sabem disso. Eu *não* preciso disso! No tempo do Benedicto, sim, senhor

O senador levantou-se e pôz a mão no hombro do seu coestadano:

— Vamos lá para cima.

— Vamos aonde quiser, mas eu não deixo sem protesto essas desconsiderações, acabou-se!

—

Encontrando Augelo Pinheiro, irmão do general Pinheiro Machado, Raymundo Miranda deu-lhe um longo abraço.

—

19 de Maio

Abriu a sessão Arnolpho Azevedo, o presidente paulista. Sabino Barroso, imediatamente debruçou-se no hombro d'elle, fez-lhe uma comunicação demorada e desceu indo fallar a Bernardo Monteiro,

que se diz ser agora o chefe da bancada mineira. O primeiro secretario lia uma carta de Carlos Peixoto dizendo que, por solicitações de um dever moral, não podia retirar a renuncia apresentada. Barbosa Lima pediu o palavra. Rapidamente os collegas, menos a bancada mineira, se levantaram e foram ouvil-o de perto. Seabra era dos mais proximos. Barbosa Lima disse que, estando na camara para trabalhar, cuidar da receita publica, estudar a carestia da vida, para removel-a, não deviam os deputados continuar não trabalhando. Barbosa Lima fala com energia. O seu gesto é largo e a barba negra no rosto pallido dá-lhe inda maior gravidade ás attitudes.

— Eu não comprehendo a subalternidade a que está reduzida a Camara. Quero reivindicar a realidade da constituição em nome do meu eleitorado e das exigencias normaes do regimen presidencial.

Sabino Barroso voltara a falar ao presidente e, da mesa, contemplara o orador. Seabra dirigiu-se para a sua poltrona, e sentado Barbosa Lima, pediu a palavra. Os deputados voltaram-se para Seabra, continuando de pé. Seabra principiou dizendo que «devemos ser escravos dos acontecimentos». Barbosa Lima olhava-o pestanejando

— Demais — aventurou Seabra — a crise não foi aberta pelo parlamento. A crise foi aberta pela renuncia do presidente da Camara. E' verdade que a Camara não tem trabalhado; mas é preciso que os

proceres da politica nacional resolvam a situação afflictiva em que se debate a Republica. A crise — o orador suspende a phrase. Ha um recolhimento geral — A crise foi aberta pelo presidente da Republica, apresentando uma candidatura contraria á vontade do paiz.

— Estamos no parlamento — aparteou Candido Motta, paulista, novo, que parece hysterico. Barbosa Lima completou :

— Formando o gabinete.

— E' a fallencia do regimen - accrescentou Pedro Moacyr, o parlamentarista.

Barbosa Lima ergueu os olhos para Seabra :

— Eu expuz considerações mais singellas...

Seabra, que ouvira, o aparte respondeu :

— Eu concordo. O discurso de v. ex.^a foi o reparo de um brasileiro que deseja sempre ser util á Republica.

Discursando novamente, Barbosa Lima justificou-se :

— Eu falei como republicano.

Sabino Barroso que caminhava á frente das bancadas, deteve-se e fitou o orador quando este dizia :

— Meu defeito, talvez, n'estes casos, seja não me accommodar e dizer a verdade, unica força que nos poderá salvar do sophisma que até aqui se ha feito da Constituição. O regimen abriu fallencia.

Pedro Moacyr apoiou :

— Esta é que é a verdade.

Na ordem do dia, a presidencia declarou só estarem presentes 99 deputados.

— Pela ordem — solicitou Pedro Moacyr — Peço verificação.

— A lista da porta — esclareceu o presidente acusa a presença apenas de 99 deputados...

— Peço a v. ex.^a que mande proceder á chamada.

Na verdade, havia 130 deputados presentes. Estacio Coimbra deixou a mesa e dirigiu-se a Moacyr :

— Ora esta ! Pode haver aqui quinhentos. Mas, se a lista da porta regista somente 99 ! A lista da porta é rubricada por mim. Demais, ha aqui individuos que não são ainda deputados.

José Carlos de Carvalho interveiu, censurando a chamada provocada por Moacyr :

— Isso é contra o regimento.

Moacyr irritou-se:

— Não seja besta !

Cumprimentando a Jesuino Cardoso no corredor, Barbosa Lima disse-lhe :

— Isto é um regimen fallido.

— Regimen dê lama.

—

Quando Seabra terminou o seu discurso, o deputado mineiro Sebastião Mascarenhas, olhou os companheiros de bancada silenciosos e saiu para a saleta rindo :

— Isso vale bem uma chicara de café. Vamos tomar café ; é o melhor...

—

20 de Maio.

Barbosa Lima protestou contra a demorada quarta commissão em dar parecer sobre as eleições do Rio de Janeiro :

— A procrastinação é maior do que se se mandasse vir documentos do Juruá. — Olharam-no todos os ouvintes. — Sim! do Juruá.

Astolpho Dutra, o hermeneuta e latinista, defendeu a commissão:

— Mas o verdadeiro motivo é não estar concluído o acordo...

E Barbosa Lima comprehende-o, pois retorquiu a Astolpho :

— As eleições do Rio de Janeiro teriam um resultado hontem, e terão outro amanhã...

Sabino Barroso andou preocupado. Dirigiu-se a varios collegas e julgou a argumentação de Barbosa Lima:

— E' irrespondivel.

O presidente resolveu, com o regimento, sobre a demora da commissão Jurumenha lamentou-se a Sabino Barroso.

— Ora veja! Isso seria começar de novo as eleições.

— E poderia vir coisa peor...

Paula Ramos censurou o presidente da comissão:

— Você não tinha razão, seu Arnolpho.

Como Arnolpho se defendesse, Paula Ramos insistiu :

— Não tem razão Não tem, não tem, não tem! Demais, o regimento foi feito por você ! Foi ? O regimento foi feito por mim.

Já chamam a Paula Ramos «mãe do Regimento.»

—
21 de Maio.

Realisa-se amanhã, no senado, uma convenção

para apresentar a candidatura do ex-ministro da guerra, marechal Hermes, á presidencia da Republica. Todos os deputados do norte, menos os da Bahia, tiveram ordem dos governadores dos seus Estados para comparecerem á convenção. Do sul apoiam a candidatura, a grande maioria de Minas, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande e São Paulo, quasi a totalidade da bancada, é contra.

Rui Barbosa manifestou se contra a candidatura, n'uma longa carta escripta aos senadores Glycerio e Antonio Azeredo Consta que dois deputados do Rio Grande do Norte resistirão ás novas disposições do governador. Seabra é advogado da convenção na Camara.

Sabino Barroso, tendo vindo do Cattete, discutia com Alberto Sarmento, de São Paulo Por fim assegurou :

-- Sarmento, a politica é isto, e a minha orientação é esta.

Sarmento calou-se Elle continuou :

-- A gente pega nos homens como elles são. Por isso, a nossa politica no caso presente é ver se é possivel.

Sustentava-se na saleta do café que o sr. Wen-

ceslão Braz, entre a eleição e a posse no governo de Minas, foi a São Paulo, em nome do conselheiro Penna, pedir a adhesão do presidente Albuquerque Luiz para a candidatura Campista.

Circulando por entre os commentarios e preoccupações politicas, o deputado mineiro Lamonnière Godofredo mostrava os 1.500 francos com que iniciará a sua proxima viagem á Europa.

— Você já viu dinheiro francez? — perguntava aos collegas — Você já viu dinheiro francez?

22 de Maio.

Dia chuvoso. Houve preparativos para a convenção. Seabra não parava. Sabino Barroso perguntou a alguns collegas:

— Prompto?

— Prompto.

Rivadavia Corrêa, gaúcho, *leader* da sua bancada, movimentou-se extraordinariamente Encontrando-o a falar com Alcindo Guanabara, Sabino Barroso, que é quem verdadeiramente dirige agora a bancada mineira, desse lhe.

— Nós precisamos é nos reunir e sagrar o homem

«O homem» era Seabra e a sagradação, no cargo de *leader*.

—Estão todos?

Sabino Barroso referia-se aos *leaders* das bancadas.

Estavam. Elle saiu e reuniu-os sob a sua presidencia. N'essa reunião, o novo chefe mineiro propôz que as bancadas dissidentes prestigiassem o governo do conselheiro Penna. Concordaram Riva-davia Corrêa, em seguida, se dirigiu aos *leaders*:

—Meus senhores, eu proponho os nossos dignos collegas Sabino Barroso para presidente da Camara e José Joaquim Seabra para *leader* da maioria.

Todos aprovaram.

Depois da reunião, um deputado que já se comprometeu em favor da candidatura do marechal Hermes da Fonseca, vendo um alferes do exercito no corredor, perguntou a dois *reporters*:

—Virá trazer a ordem do dia d'amanhã?

Os *reporters* sorriram.

—É! porque agora vae ser assim, Toda tarde virá aqui um alferes trazer a ordem do dia seguinte.

24 de Maio.

A camara que effectuou a sessão de hoje, é completamente diversa da que ouviu e applaudiu o

discurso de Carlos Peixoto, protestando n'elle contra o «cesarismo»... Arnolpho Azevedo, o vice-presidente paulista, renunciou á presidencia, escrevendo uma carta, e 77 deputados que elegeram Carlos Peixoto e prometteram negar a renuncia, votaram hoje por ella. Até João Lopes votou. Acolheu-se ao canto onde se senta a bancada piauhyense e votou. Votou de costas Votada a renuncia, Seabra, que occupava a mesma poltrona onde Cassiano fizera o seu ultimo discurso de *leader*, pediu a palavra. Tinha ar de chefe:

—Peço a v. ex^a, sr. presidente, submeter ao criterio da camara o «caso de Goyaz».

O «caso de Goyaz» é o conflicto que se vinha dando entre a politica do conselheiro e do general Pinheiro. Partidario da primeira, Eloy de Sousa, do Rio Grande do Norte, dera parecer reconhecendo deputados governistas. Alcindo Guanabara offerecera voto em separado mandando reconhecer metade dos governistas e metade dos oposicionistas. João de Siqueira classificou o voto de Alcindo Guanabara de «justiça de Salomão». A camara deu preferencia á votação do «voto». Jesuino Cardoso censurou a preferencia n'um discurso breve e revoltado:

—A verdade eleitoral foi traída! Agora se aprova o voto em separado, quando, dias antes, venceria o parecer!

O relator do parecer chamou «um caso politico» á feição actual das eleições de Goyaz. Pedro Lago

aparteou irritado o discurso de Eloy de Sousa. Os deputados da nova maioria permaneceram calados. Porém os de S. Paulo discutiram calorosamente. No momento de mais accesa discussão, soaram cornetas iam passando as tropas que regressavam das homenagens a Osorio. Raros não abandonaram a discussão para correr á sacada. Tambem veiu á toma «o caso do Piauhy.» «João de Siqueira apresentou em requerimento, que Barbosa Lima achou immoral».

— Immoral porque?

— Immoral! — repetiu resolutamente Barbosa Lima — Immoral!

Seabra, soridente, aparteou que Barbosa Lima não tinha razão:

— Pois ahi está um telegramma do governador do Piauhy, sr. Anisio de Abreu, solidario com o reconhecimento d'agora.

Continuavam a passar batalhões. As cornetas vibravam. Barbosa Lima respondeu:

— Não reconheço deputados feitos por governadores.

E como João de Siqueira, collocando-se na defesa da nova politica, propuzesse um «confronto» entre a vida publica dos dois, Barbosa reagiu d'esta maneira:

— Nao ha confronto que me intimide! No cumprimento do meu dever, não ha confronto que me intimide!

25 de Maio.

O recinto da camara começa a ser invadido por pessoas estranhas, que, para isso, se valem de suas relações com deputados. Ha falta de ordem nos trabalhos. Debalde o presidente bate os tympanos. Seabra hoje discursou na tribuna. Reviveu a sua combatividade tão recordada nas conversas em que se faz a chronica de passadas legislaturas. Vendo-o á tribuna, os deputados silenciaram. Os populares das galerias voltaram-se para olhal-o, sympathicamente. Seabra agradeceu a sua escolha para *leader*. Depois historiou a crise politica que provocou a convenção, extranhou o retrahimento do presidente Afonso Penna em face da sua substituição e repetiu que a camara não pode «caminhar indiferente aos successos politicos que determinaram a crise». Seabra fala agitadamente, corando, gesticulando.

E' alto, forte, rosto grande, fronte arqueada e, disfarçando a careca, alguns pellos ralos, no cimo, que o pente junta e acama com elegancia. Quando demonstra, Seabra ri, exprime satisfação pelos argumentos que engendra. De repente, faz-se carrancudo, entesa o indicador, sacode o braço e affirma. E' categorico, ameaçador nas affirmações. Não tem methodo o seu discurso. De mais, a phrase sae longa e descuidada, com adjectivação vulgar e syntaxe

ás vezes defeituosa. Formula-a, porém, rapida e despreoccupadamente, como se, ao começar, já a idéa seguinte esteja reclamando expressão, Seabra não teme a apartes. Responde-os immediatamente; e a sua grande habilidade na resposta consiste em associar-a a um assumpto, que, embora se ligue ao do aparte, desloca fatalmente o contradictor.

—A camara não pode caminhar indiferente aos sucessos politicos que determinaram a crise. Cândido Motta atalhou:

—Mas os acontecimentos não reflectiram no senado, que continuou a trabalhar.

Seabra sorriu:

—O senado é uma camara conservadora, não tem paixões políticas.

João Cordeiro, o antigo jacobino, perguntou:

—E ha camaras políticas?

—Ha.

—O regimen preceitua — contestou ironicamente Pedro Moacyr — que á camara cabe legistar.

Seabra voltou-se:

—Mas é da natureza das coisas a participação n'um caso como o actual.

—Sim é da natureza das coisas — poz-lhe Pedro Moacyr — o regimen está fallido...

Houve, no discurso, a constatação de correntes partidárias convergindo para a apresentação da candidatura do marechal Hermes. Galeão Carvalhal indagou:

— E quais são essas correntes ?

— Eu sei onde v. ex.^a quer tocar. Lá chegarei, lá chegarei, Sim ! Eu quero mesmo satisfazer á curiosidade de v. ex.^a . . .

Contou depois Seabra que, vistando o conselheiro Penna, falára-lhe da nova questão política, da crise, provocada pela successão presidencial.

O conselheiro responderá :

— Sou neutro / Sou neutro no assumpto.

— E v. ex. me permitte eu fazer uso d'essa declaração .

— Pois não ! Pode fazer.

— Ora ! — commenta o orador — o presidente é «neutro» na questão presidencial. E a candidatura do marechal Hermes da Fonseca tem raizes no sentimento popular. Na Bahia, por exemplo, viam-se retratos do marechal por toda a parte.

— Até no sertão — confirmou José Carlos de Carvalho — Até no sertão eu fui encontrar o retrato de Hermes.

Havendo se Seabra referido aos que se abstiveram, aos que não apoiaram a candidatura Hermes, Gúmercindo Bessa poz se de pé e, mais pallido, confessou :

— Eu era pelo Hermes, mas, agora, que todo mundo o quer por adhesão, não o apoio mais.

Um «oh !» prolongado recebeu a declaração do illustre jurista. E riram muito, quando Gúmercindo esclareceu assim o aparte :

— Eu não estou com a maioria, nem com a minoria, estou só.

No meio da risada, que continuava, um deputado gracejou :

— Então está na expectativa.

— Estou só.

As galerias deram palmas a Seabra. No recinto, alguns deputados applaudiram no. As palmas das galerias prolongaram-se, e foi preciso o presidente vibrar demoradamente os tympanos. Ao descer da tribuna, Seabra recebeu abraços e cumprimentos entusiasticos. Dava se contente aos abraços e dizia :

— Havemos de triumphar.

Galeão Carvalhal tentou falar. Surgiu uma questão regimental, que exaltou os paulistas. A mesa, porem, só concedeu a palavra a Galeão depois da ordem do dia. Seabra combateu valentemente o discurso de Galeão, que foi a declaração de guerra á candidatura Hermes. As pessoas estranhas andavam por entre os deputados, de chapeu á mão e discutindo. Nas galerias sapateava-se. Em vão batia os tympanos o presidente. Em meio a esta desordem, Galeão bateu na carteirinha e prometteu :

— A bancada paulista combaterá patriotica e corajosamente a candidatura Hermes.

Seabra aparteou :

— Mas a maioria dos deputados já deu seu apoio á candidatura do marechal.

Então Palmeira Ripper, representante de S. Paulo, de oculos e rubro, querendo salientar a superioridade dos deputados paulistas sobre os outros deputados, gritou :

— Os deputados valem é pela qualidade, e não pela quantidade !

— *26 de Maio.*

Os que não apoiam a candidatura Hermes, esperam oppor-lhe a do barão do Rio Branco. Affirma-se que s. ex.^a não acceitará a indicação.

Leovigildo Filgueiras declarou que a bancada bahiana não apoiará a candidatura Hermes. Leovigildo é regular orador. Dá uma demorada e impressionante musicalidade á phrase. As galerias ouvem-no embevecidas. E' alto, pallido, barba bem aparada. Gesticula pouco e com distinção. Leovigildo viu apenas «algumas» manifestações sympathicas á candidatura Hermes.

— «Algumas» ? — perguntou Seabra — Geraes.

— Oh ! Eu ouvi v. ex^a sem o apartearq . . .

— *Dura lex sed lex...*

Leovigildo lamentou que Seabra abandonasse a bancada bahiana «para se ligar a Pedro Lago, ao seu grande adversario Severino Vieira» . . .

— Não leve v. ex.^a a questão para esse terreno. Isso é uma provocação e eu responderei

— Si considera provocação — disse Leovigildo sorrindo maliciosamente — eu retiro...

Enraivecido, Seabra atirou o braço para a mesa:

— Peço a palavra, sr. presidente!

O discurso terminou com um caloroso elogio ao barão do Rio Branco. Os deputados da minoria, as galerias romperam em palmas longamente, com um entusiasmo que a mesa não pôde conter.

Discursando, Seabra contou que muitos membros da bancada bahiana agora seus adversários lhe prometteram apoio à candidatura Hermes.

— E eu provoco a se manifestarem contra o que estou aqui dizendo.

Só Leovigildo olhou o orador:

— Eu perguntei e pergunto porque v. ex.^a não ficou ao nosso lado...

— Porque a nossa opinião divergiu.

Seabra alludiu aos elogios de Leovigildo ao barão do Rio Branco. Elogiou também ao barão. E Germano Hasslocher acrescentou:

— Não é pela nossa culpa que a corrente que hoje se bate pela candidatura Hermes não o está fazendo pelo sr. barão do Rio Branco...

— Não está provado! — gritaram.

Germano Hasslocher aproximou-se falando ao mesmo tempo que o orador:

— Nós havemos de contar a verdade, porque o nosso candidato era o sr. barão do Rio Branco. Esta é a verdade. E os que se servem agora do nome de s. ex. para oppor o ao do marechal Hermes, fazem-no de gato-morto. Havemos de contar a verdade!

Os deputados bahianos procuraram atrapalhar o orador com apartes e discutindo alto. Seabra resistia á algazarra, continuava com maior intensidade, gesticulando nervosamente. Verdadeiro tumulto faziam os deputados bahianos, tentando evitar que as galerias ouvissem os conceitos de Seabra sympatheticos ao barão do Rio Branco. Por fim, Germano Hasslocher elevou a voz:

— E o sr. barão do Rio Branco applaude a candidatura do marechal Hermes!

No fim do discurso, Seabra proferiu esta phrase:

— O barão do Rio Branco não é uma bandeira contra o marechal Hermes da Fonseca. O barão do Rio Branco é uma bandeira que cobre o marechal Hermes da Fonseca.

Foi eleito presidente da camara, com os votos de maioria e minoria, Sabino Barroso. Durante a eleição esteve fumando na sala do café. Quando se

lhe annunciou o resultado, olhou pensativo o soalho. Entrava, baixo e risão, José Ignacio. Sem palavra, atirou-se de braços abertos a Sabino Barroso, que lhe confidenciou :

— José Ignacio, eu sou n'isso um forçado.

José Murtinho, o que não paga imposto em Goyaz, o irmão do grande homopata e financista dr. Joaquim Murtinho, ao abraçar Sabino Barroso, gracejou :

— Vá tomar posse, *seu* Sabino.

— Homem — respondeu Sabino com gravidade — a gente foge sempre d'aquillo a que é forçado. Esta é...

— *C'est fini* — interrompeu Antonio Nogueira

— Venha de lá este abraço.

Muitos outros abraçaram o novo presidente.

Raymundo Miranda, ao felicitá-lo, fitou-o e disse:

— Velhos amigos.

Sabino Barroso sorriu com distinção.

— Velhos amigos.

27 de Maio.

Sabino Barroso assumiu á presidencia. Agradeceu a eleição emocionado Os mineiros deram lhe palmas.

Vota-se uma emenda mandando reconhecer o candidato Sebastião de Lacerda (hermista) em lugar do candidato Henrique Borges, anti-hermista. Deputados bahianos, paulistas e cariocas sairam do recinto, para não votar. Palmeira Ripper reentrou, pediu verificação da votação e correu para o corredor. Mais de cinqüenta deputados ficaram gritando:

— Não pode! Vote! Não saia! Vote.

Palmeira Ripper parou e gritou também:

— Retiro-me! É um direito! O Regimento não me pode obrigar a ficar! Retiro-me!

E saiu. Indignado, Seabra ergueu-se:

— Pela ordem!

Sabino Barroso anunciava.

— Vai-se proceder à veri...

— Pela ordem, sr. presidente! A requerimento de quem foi pedida a verificação?

Reentrou, decididamente, Eduardo Socrates:

— Peço a palavra pela ordem.

Palmeira Ripper apareceu:

— É um direito!

— Não pode! Não pode!

— Posso! retiro-me!

No tumulto, Sabino Barroso não pôde ouvir a Eduardo Socrates, que repetiu, mais alto:

— Peço a palavra pela ordem, sr. presidente!

Discutia-se em todas as bancadas, continuando

o presidente impedido de deliberar. Eduardo Socrates estendeu o braço para a mesa:

— Peço a palavra pela ordem, sr. presidente!!

E como crescesse o tumulto e o presidente não pudesse dar-lhe a palavra, Socrates elevou quanto pôde a voz.

— Peço a palavra pela ordem, sr. presidente!!

Obteve a palavra:

— Eu renovo o requerimento do sr. Palmeira Ripper, achando que elle estava no seu direito. Peço a verificação da votação!

E sentou-se João de Siqueira censurava-o. Eduardo Socrates voltou se:

— Fique v. exc. sabendo de que eu sei cumprir o meu dever!

Na verificação, Rodolpho Paixão, de Minas, censurou, como J. de Siqueira, a Eduardo Socrates. Este o encarou.

— Não tenho que lhe dar satisfação!

— Ora! — respondeu Paixão desmangkanando a careta da censura e rindo com escarneo. — Eu conheço v. exc...

— Conheço v. exc.... Eu tambem conheço v. exc., não seja tolo!

Verificação. 104 apenas. Chamada. Indo-se proceder á nova votação, o joven João Mangabeira pediu a palavra. Obteve-a. Relator do parecer, João Mangabeira pretendia discutil-o. Os interessados na aprovação da emenda tentaram impedil-o de falar.

Fizeram grande algazarra Tamanha, que Torquato Moreira, agora na presidencia, suspendeu a sessão. Mangabeira permaneceu de pé. Embora sem exaltação, as discussões proseguiram. Só Eduardo Socrates se zangou, vendo Altolpho Dutra contestal-o com o indicador teso. Quando se iam agarrando, os collegas afastaram-nos. Reaberta a sessão, Sabino Barroso appellou para a urbanidade dos deputados, e pôde Mangabeira, sem barulho, denunciar uma fraude.

— Houve urra fraude na secretaria da camara.

Sem a fraude, mesmo deslocado o candidato Henrique Borges, o reconhecimento attingiria a Paulino de Sousa, e não a Sebastião de Lacerda.

Mangabeira é baixo, fiazinho, moreno, cabellos negros, physionomia suave. Fala com extraordinaria eloquencia, embora sem novidade de imagens ou de expressão. Impressionou magnificamente á camara, e as galerias deram-lhe palmas. Respondendo, Jesuino Cardoso, hermista, disse, alludindo á resistencia de Mangabeira que não deixava de discursar em meio dos mais intensos e indelicados apartes:

— Apezar de ter bons pulmões, não faço da força dos meus pulmões a força da argumentação.

Irineu Machado respondeu-lhe:

— Mas faz da logica da força a força da logica.

Quando cessou o barulho produzido com o dis-

curso de Mangabeira, João Cordeiro, que a tudo assistira calado, disse aos collegas proximos:

— Eu sinto aqui por dentro remexerem umas coisas qne não são bom signal Isso aqui (apontando os deputados) é um symptoma. Está tudo pegando fogo. Deus queira que seja para bem da Republica. O que eu penso é isto: ha uma arvore santa, que se chama liberdade, e só reverdece e prospera com sangue de gente ordinaria...

28 de Maio

Discurso academico de Jesuino Cardoso explicando a fraude.

— A emenda foi passada a limpo por distincta senhorita, que gentilmente se prestou a auxiliar-nos. Escapou, infelizmente, á nossa graciosa copista a parte referente a Duas Barras e Mangaratiba:

A um aparte de Mangabeira, Jesuino respondeu:

— V. exc. retribue uma injuncção graciosa com uma amabilidade aspera...

Terminando, Jesuino começou assim uma phrase:

— A luz do alampadario bruxoleando...

Oraram ainda Mangabeira, Pedro Lago, Barbosa Lima, Irineu Machado, Moacyr e Medeiros e Albuquerque. Levantaram-se questões regimentaes.

Essas questões tomam muito tempo e irritam imenso a camara. A votação da emenda foi nominal. Realisou-se em meio a um falso que o presidente tentou em vão acabar. Houve 75 votos contra e 75 a favor da emenda. Annunciado este resultado, Angelo Pinheiro e dous outros gauchos correram ao gabinete do presidente, onde se haviam escondido, fugindo á votação, os representantes do Paraná. Angelo abriu os braços para um delles, Carlos Cavalcante:

— Não faça uma coisa d'estas! Não! Deixe d'isso! Venha votar...

Perturbado, Carlos Cavalcante deixou-se levar, Angelo e os outros gaúchos segurando-lhe os braços. Quando entravam no recinto, Moacyr insinuou para a mesa:

— A votação está terminada. A votação está terminada.

Mas contaram o voto de Carlos Cavalcante, que daria maioria (76) ao deputado hermista, Sebastião de Lacerda. Então os anti hermistas fizeram tal balburdia, que o presidente suspendeu a sessão. Nas galerias os populares falavam de um lado para o outro, batiam no soalho, enquanto a mesa verificava que o 4.^º secretario contara errado os votos, contara 75 em favor de Sebastião de Lacerda, quando só 74 votaram por elle.

— Enganei-me — confessou contrariado o 4.^º secretario, Eduardo Saboya — Todos se podem enga-

nar — E para o 1.^o secretario — Sou eu proprio que confesso o engano. Eu não agi de má fé.

— Mas agiu com leviandade.

O deputado paulista Cardoso de Almeida gritou da sua bancada :

— *Seu Saboya* errou. *Seu Saboya* errou.

Outros o acompanharam :

— *Seu Saboya* errou ! Errou, errou, errou !

E Costa Pinto sapateando no tapete :

— *Seu Saboya* errou ! *Seu Saboya* errou ! *Seu Saboya* errou ! . . .

Carlos Cavalcante resfolgava encostado a um pelar, sob a galeria direita. Reaberta a sessão, caminhou para a mesa e, olhado por todos, energicamente disse :

— Eu não votei, sr. presidente !

A bancada paulista deu-lhe palmas. A bahiana tambem. Vencera Henrique Borges. Durante a votação estivera tremulo no gabinete do presidente. Agora sorria no corredor

— Vai ser votado o parecer — annunciou o presidente — Queiram-se levantar . . .

Ouviu-se um bater de cadeiras na bancada do Rio Grande do Sul. Eram os gaúchos que corriam para não votar. Tentou-se deter Angelo Pinheiro :

— Você, *seu Angelo* ! . . .

— Espera, espera — E abria caminho. Mas os anti-hermistas tomavam-lhe a passagem :

— Vote, *seu Angelo*. Não fuja . . .

Angelo desculpou-se com palavras rapidas, bracejou muito e conseguiu chegar ao corredor. Parou com um riso vago na face gorda, e soprava.

Eduardo Saboya renunciou o cargo de 4.^º secretario.

31 ae Maio.

Reuniram os *leaders* para combinar a organização das commissões. João Lopes assistiu de pé, com as mãos para traz.

Reconhecido, Francisco Portella sentou-se á bancada fluminense. *Croisé* novo, tambem azul, e perpetua roxa á lapella.

Aproximando-se a ordem do dia, Galeão Carvalhal dirigiu-se a alguns collegas de S. Paulo :

— Vamos sair p'ra não dar numero . . .

O Palmeira Ripper auxiliava-o :

— E'. Vamos. Os *leaders* da maioria pediram para não darmos numero, para as ultimas combinações.

—E nós pleiteamos o terço — accrescentou Alberto Sarmento.

Ganharam todos o corredor,

Jesuino Cardoso provocou o deputado mineiro Duarte de Abreu a se declarar pelo marechal ou contra elle :

—Existem duas correntes politicas. Eu estou n'uma d'ellas, mas não acredito que s. ex.^a esteja na outra E nem acceito que o nosso nobre collega se coloque no meio das duas, por que isso seria perigoso.

Duarte não respondeu. Findando, Jesuino correu a Seabra, que abraçou. Jesuino ficou explicando o sentido da sua provocação, demoradamente, torcendo a ponta de um grande lenço branco.

Na votação de um requerimento, a bancada da Parahyba votou contra e a favor, distraidamente. João de Siqueira perguntou ao *leader*, Seraphico Nobrega :

—Mas então, que é isso, senhores?! Vota contra e a favor ao mesmo tempo...

—Hein?...

—Contra e a favor...

— Ah... Nós não sabemos de que se trata.

Outro membro da bancada apoiou o seu *leader*:

— Não; a gente não sabe o que está se votando...

João Siqueira encarou-os e saiu calado. Chegava Ruy Barbosa Filho.

— Ó Ruy! — chamou o mesmo que ajudou a Seraphico — Ruy, o que é que está se votando? Nós não sabemos de nada...

— Também não sei.

1 de Junho,

A falta de comparecimento á hora regimental (meio dia) tem sido grande. Ha dias em que é preciso augmentar a lista da porta para se abrir a sessão. Sabino Barroso propôz a mudança da abertura para 1 hora da tarde.

Os prejudicados com o acordo fluminense estão conseguindo emendas em beneficio do seu reconhecimento. Votaram-se duas hoje, em favor do professor de direito Mario Vianna e do advogado Modesto de Mello. Pedindo preferencia para ser votada do ultimo, José Bezerra gracejou:

— Porque eu quero que o Modesto tenha enterro de primeira classe...

Mario Vianna e Modesto assistiram á votação no corredor. Modesto passeando cabisbaixo. De vez em quando olhava o recinto. Mario Vianna, de pé, esfregava uma medalha do coração de Jesus pendurada á corrente do relogio. Rejeitada a sua emenda, contraiu a face, cerrou um momento os olhos e, arregalando os depois resolutamente, saiu. Modesto ficou passeando

Foram reconhecidos varios fluminenses correligionarios do vice-presidente da Republica. Entraram no recinto um atraç do outro, como formiga. Entrou por ultimo Lobo Jurumenha.

Os recenhecidos depois de 3 de maio querem receber o subsidio desde aquella data.

Chegou a noticia de estar agonisante o candidato fluminense Porto Sobrinho. Elle é um dos excluidos em vista do acordo. Mas, como o reconhecimento d'elle não prejudica as ultimas combinações,

pois está á morte, e constitue ainda uma gentilesa á familia, reconheceram-no.

2 de Junho.

Cincinato Braga discursou sobre a situação politica. Historiou a genese da presidencia de Albuquerque Luis em S Paulo e as relações de S. Paulo com a candidatura Campista. Cincinato Braga possue muita facilidade de expressão. E' meião d'altura Grosso, pallido, olhos amortecidos. Argumenta bem e encanta os admiradores. Seabra ouviu-o sentado, physionomia levemente risonha. Cincinato affirmou que o general Pinheiro Machado apoiára a candidatura Campista.

--Não senhor! bradou Angelo Pinheiro. Isso é um boato, e, em conversa, no mez de Fevereiro, eu tive occasião de o sustentar a v. ex.^a...

Tendo-se referido ao ministro Campista com extrema sympathia, confessando que s. ex.^a servira profundamente á administração de S. Paulo, Cincinato declarou :

—Nossa sympathia á candidatura de s. exc. é uma questão de coração.

Inda affirmou que a candidatura Campista fôra lembrada pelo general Pinheiro Machado, em oposição á candidatura João Pinheiro.

—Peço a palavra! — gritou Angelo Pinheiro.

Sustenta-se que a solidariedade de S. Paulo com a candidatura Campista proveiu de uma transacção. Precisando o Estado, ha um anno, que o governo federal lhe endossasse um emprestimo de quinze milhões de libras esterlinas, o conselheiro Penna prometteu o endosso, mas exigindo por elle que S Paulo não interviesse na sua successão na presidencia da Republica, aceitando portanto o candidato indicado pelo Cattete. O governo endossou o emprestimo e o candidato, sabe-se, foi o ministro da Fazenda.

Com espanto dos que o sabiam agonisante, apresentou-se no recinto, para prestar compromisso, o candidato Porto Sobrinho. Entrou acompanhado do candidato Erico Coelho.

Sabe-se agora o que se deu. Vendo-se depurado com o acordo, Porto Sobrinho mandou espalhar que estava moribundo Era uma aventura E o resultado foi magnifico. Está deputado. Na saleta chamaram-lhe Sixto V.

Ao fim da sessão, explicando se, em conversa, de não apoiar a candidatura Hermes, Cincinato exclamou para alguns collegas :

—Fazer presidente da Republica um homem que diz: «Hão de verem!...»

—
3 de Junho.

Angelo Pinheiro respondeu a Cincinato. Contou que o irmão nunca se compromettera para apoiar a candidatura Campista. E tendo occasião de se referir ao ministro, o general Pinheiro manifestara reconhecer-lhe excellentes virtudes civicas e privadas, mas não via em s. exc. qualidades para presidente da Republica.

—
Candido Motta entregou á mesa uma mensagem do Instituto Historico de São Paulo pedindo ao Congresso mudar o nome do Acre para Rio Branco. Discursou eloquentemente, mas sem elevação e com muito logar cōmmun. Terminou com o nome do barão:

—...que será o futuro director dos destinos de nossa patria

Palmas nas galerias. Candido Motta sentou-se risonho.

—
Estreou Honorio Gurgel, Carióca, justificando

um projecto de reforma dos correios. Contou-se d'elle este episodio :

Despachante da Alfandega, desembarcaram 2:500 frascos vazios, vindos da Europa, endereçados a Carlos Peixoto. Immediatamente desempediu os frascos e uma tarde, já candidato á deputação, entra no gabinete do presidente da Camara. Depois dos cumprimentos quiz dar uma palavra a Carlos Peixoto. Encostam-se a uma sacada, olhando o mar, e o despachante comunicou :

— Tudo prompto?

— Sim, mas que é?

— Os frascos . . .

— Não comprehendo . . .

— Os frascos, os 2:500 frascos . . . Estão já despachados . . .

— Mas que frascos, Honorio? Francamente, eu não entendi . . .

Honorio então explicou

— Ah! — respondeu o presidente da Camara — Não são p'ra mim, não. Eu não espero frascos de parte nenhuma . . .

Verificado, era um comerciante de Batipó ou Araruama, que tambom se chamava Carlos Peixoto . . .

4 de Junho

Cincinato Braga contestou um artigo do *Paiz*

que conta haver elle Cincinato conspirado contra o governo da Republica, quando esteve na presidencia o dr. Campos Salles. O director do *Paiz* foi assistir á contestação Seabra ouviu-a afastado, de olhos no tapete e sorrindo discretamente.

— Ora, eu conspirador! — exclamava Cincinato
— Eu chefe de uma conspiração... Eu, que não passo de um simples soldado, que tropeicamente arrasta a sua muxila no partido republicano de S. Paulo!

Cincinato defendia-se com uma impressionante calma Barbosa Liuta fitava-o de sobrolho carregado.

-- Conspirador... Sim, eu fui conspirador, mas pela Republica. Não fui conspirador monarchista. Conspirador... O pr prio *leader* da maioria não foi conspirador?

— Já o neguei porventura? — perguntou Seabra levantando-se.— Não; mas v. exc. está negando que foi conspirador contra o governo Campos Salles, e foi!

Na discussão esclareceu-se que o marechal Hermes influiu para abortar a conspiração. Houve tumulto, soaram muito tempo os tympanos, no meio de cuja vibração, um popular gritou da galeria:

— Viva o marechal Hermes da Fonseca!

— 5 de Junho

Candido Motta discutiu com José Carlos de Carvalho a individualidade do 1º barão do Rio Branco. José Carlos elogiou a, mas observou que a obra do barão, com ser grande, não pode apagar os oitenta annos de diplomacia que o precederam.

— Ora! — contestou Candido Motta — Si os outros ministros do exterior trabalharam menos tempo que o barão do Rio Branco, é indiscutivel que s. exc. prestou maiores serviços ao paiz.

José Carlos aparteou de longe:

— Extraordinaria a conclusão!

O fim do discurso de Candido Motta foi lyrico:

— Rio Branco! O nome que se ouve nos murmurios das fontes, proclamado em todos os angulos do paiz, repetido de quebrada em quebrada, é o do glorioso chanceller, sr. barão do Rio Branco.

Seabra respondeu á recordação de Cincinato Braga. «O proprio *leader* da maioria não foi conspirador?...» Cincinato, sem perder a calma, perturbou-lhe o discurso com apartes até o fim. Outros deputados, paulistas e bahianos, apartearam seguidamente a Seabra. O filho de Ruy Barbosa, Alfredo

Ruy, que estivera calado até hoje, entrou no côro de apartes. Seabra chegou a perguntar:

— Mas, senhores, para que este barulho todo? Alfredo Ruy adeantou-se:

— E' porque v. exc. está discutindo de má fé.

Junto de Seabra, João de Siqueira protestou zangando:

— V. exc não pode dizer uma coisa destas, porque, se nós quizessemos dizer quem discute de má fé...

— Pois diga! — provocou Alfredo Ruy atirandose contra João de Siqueira por saber que o deputado pernambucano se referia a Ruy Barbosa. Pois diga, se tem coragem para dize-lo!

João de Siqueira olhou-o severamente e sentou-se Ruy baixou a vista, parou e sentou-se também. Mas Seabra continuou o incidente:

— V. exc não tem competencia para dizer que eu discuto de má fé!

Então Alfredo Ruy bateu forte com o salto da botina no tapete e, levantando-se, respondeu:

-- Affirmei uma verdade! E fique sabendo que tenho coragem de dizer o que entendo!

Intervêm os deputados proximos, e a irritação cessou. Mas João de Siqueira sempre disse apontando a Alfredo Ruy:

— V. exc. não conhece a historia da Republica...

estreou Correia Defreitas, do Paraná. Correia Defreitas é um estudioso e um simples. No seu discurso de estreia fez um alegre folhetim falado sobre a actual situação politica. Ouviram-no todos com satisfação, e as galerias applaudiram-no vibrantemente.

João Lopes aceitou o cargo de primeiro vice-presidente da Camara. Está, pois, de absoluto acordo com a politica hermista.

7 de Junho.

Seabra adoeceu. Na saleta do café, deputados fluminenses correligionarios do vice-presidente da Republica, debocharam o chefe adversario, Alfredo Backer, actual presidente do Rio de Janeiro. Raul Veiga ria-se:

— Depois do discurso do Correia Defreitas, só o Backer com ideias constitucionaes. Ora, o Backer . . . Mas se o Backer é uma zebra!

8 de Junho.

Seabra continuou a responder a Cincinato. Res-

pondeu tambem a um artigo da *Gazeta de Notícias*, e a outro de Medeiros e Albuquerque, referindo este que Seabra fizera promessas a alguns deputados em nome do futuro governo do marechal.

—Não é verdade — contestou Seabra batendo na tribuna.

Germano Hasslocher acrescentou ;

—Promessa houve, mas de candidatos não reconhecidos, que prometteram assignar o manifesto de apresentação da candidatura Hermes depois que fossem reconhecidos. Eu conheço tres que prometeram assignar depois do reconhecimento . . .

Seabra leu um telegramma contando que o *Economist*, de Londres, publicara ser o marechal Hermes partidario da guerra com a Argentina e que os governos militares no Brazil dão motivo a constantes conflictos entre o exercito e a marinha.

—E' um jornal que se vende para difamar o Brasil! aparteou Germano Hasslocher.

Affirmou Seabra que, afóra S Paulo e o partido federalista do Rio Grande do Sul, todo o paiz apoia a candidatura Hermes. Protestaram contra a affirmação nas bancadas bahiana, carioca e paulista. Irineu Machado falou mais alto que os outros :

—Todos que apoiam agora a candidatura Hermes, apoiam a candidatura Campista !

E saiu repetindo, até que, na bancada mineira, o deputado Manuel Fulgencio, com o cavagnac muito alvo e tremulo, encarou Irineu :

—Parece que só v. exc. tem dignidade n'esta casa. V. exc. faz o monopolio da dignidade!

Irineu riu-se, e Fulgencio asseverou que as diversas bancadas só se comprometteram em favor da candidatura Hermes depois que o conselheiro Penna desistiu da candidatura Campista... Irineu tornou-se grave e voltou se para a mesa:

—Peço a palavra!

Depois caminhou nervoso, esfregando as mãos e não deixou mais de apartear a Seabra. Um popular secundava da galeria. Completando um dos apartes de Irineu, Palmeira Ripper commentou:

—A convenção foi um conto do vigario.

—Conto do vigario, respondeu-lhe José Carlos, alto. Tomou muita gente que não adheriu...

Gargalhada geral. Tympanos.

Corre na camara que Cincinato Braga escreve diariamente um memorial ao presidente de S. Paulo, sobre a situação. N'esse memorial aconselha o sr. Albuquerque Luiz a continuar a resistencia. Diz estar convencido da victoria contra a candidatura Hermes. Não só porque as bancadas podem mudar de opinião, vendo o governo do presidente Penna disposto, como está, a não desistir da candidatura Campista, como por contar o conselheiro com a marinha e bôa parte do exercito. Alem d'isso, accres-

centa Cincinato, a candidatura Campista dispõe do Thesouro. E assegura que os ministerios da Fazenda e da Viação põem á disposição do movimento anti-hermista a quantia necessaria. Affirma-se, entretanto, que o conselheiro já se manifestou contrario á promessa do dinheiro da nação para a campanha politica.

Diz-se que o ministro do Interior, Tavares de Lyra, já declarou ao general Pinheiro Machado apoiar a candidatura Hermes.

Não o faz publicamente porque, assim, quebraria a solidariedade com o presidente da Republica e teria de renunciar á pasta.

Pessoas bem informadas sustentam que o conselheiro não está de acordo com a ideia da candidatura Rio Branco levantada pelos deputados anti-hermistas S. exc. persiste em sustentar a candidatura Campista, apesar de já haver dito, em conversa, o senador João Lúiz Alves, mineiro, que s. exc. desistiria em setembro, caso até lá não fracassasse a candidatura Hermes. Deputados que mais combatem a candidatura Hermes, queixam se de agir com fraqueza o conselheiro.

9 de Junho.

Seabra na tribuna. Continuou respondendo a Cincinato. Confessou inda uma vez que foi revoltoso :

— Mas não o neguei nunca! Em quanto o nobre deputado por S. Paulo conspirou contra o governo da Republica e foge á responsabilidade da sua conspiração

Os deputados paulistas e bahianos procuraram abafar lhe as palavras com apartes. Seabra defendeu a convenção de 22 de maio. Considerou-a igual ás que, antecedentemente, escolheram a outros candidatos E mostrando uma lauda de papel com assinaturas :

— Aqui está a do actual presidente da Republica. O conselheiro Affonso Pena foi escolhido por abaixo assignado

— Com a assignatnra de S. Paulo — recordou Germano Hasslocher.

— De S. Paulo, confirmou Seabra. De S. Paulo e do conselheiro Ruy Barbosa Se a convenção teve vicios, são os mesmos vicios das outras.

Intervieram os fluminenses. Os correligionarios do presidente Alfredo Backer, João Baptista, Henrique Borges, Vieira Souto, negavam, e os correligionarios do vice-presidente da Republica susten-

tavam que o governo do Estado recebeu convite para a convenção. Seabra commentou :

— Trata-se de uma questão de ciumes. .

Irineu Machado, Bernardo Jambeiro e Cândido Motta entraram a interromper-o asperamente, vociferando os tres ao mesmo tempo. Em meio aos apartes, Palmeira Ripper espremeu se muito, ficou vermelho, cerrou o punho e gesticulou para João de Siqueira, figurando, a rir, que aparteava tambem



Consta que adoeceu o conselheiro Penna. Os que sabem, não dizem qual a molestia de s. exc.



13 de Junho.

Continuação da resposta de Seabra a Cincinato e ao aparte de Alfredo Ruy : «V. exc. está discutindo de má fé». Seabra apenas se referiu a Cincinato, ladeando a questão. Cincinato nem se levantou, e quando Cândido Motta abria a bocca a fim de apartear, tocou-lhe no braço :

— Deixa elle falar..

Ha quem diga que um amigo de Cincinato pedira a Seabra não discutesse mais a conspiração contra o governo Campos Salles E Seabra não discutiu. Passou o tempo defendendo-se da offensa de

Alfredo Ruy, que se irritava profundamente com as palavras do orador. Só moderava a linguagem quando algum collega pedia, Plinio Costa, por exemplo:

—Ruysinho, cala ..

Seabra lamentou que Ruy Barbosa fosse buscar, contra a candidatura Hermes, exemplos de França, quando pela America do Norte é que se orienta o Brasil. E lê o constitucionalista Bryce: «Não ha paiz (referindo-se ao E. Unidos) onde as façanhas militares sejam mais uteis a um candidato» Irineu Machado disse caminhando:

—Deixa, deixa-o citar Bryce...

Seabra observava:

—E' Bryce quem diz...

Irineu voltou-se:

—Qual foi a campanha em que o marechal Hermes foi vencedor?

—Sim, — auxiliou-o Costa Pinto — qual foi a campanha do marechal Hermes?

Seabra respondeu, mas não foi ouvido, tamanho barulho fizeram os bahianos e os paulistas. Por fim, rindo se, repetia simplesmente:

—Mas eu estou citando Bryce ..

Porém, como não cessasse o tumulto, irritou se:

—Oh, senhores! Isso é uma intolerancia nunca vista!

E como Irineu começasse a ridicularisar a citação:

—Vá traduzir Bryce!

Irineu olhou-o com ironia :

— Ora, façanhas... Ha façanhas eleitoraes...

— Como as do Districto federal ! bradou Rivadavia Correia.

— Mas não são eleições afogadas em sangue !

Applaudem-no da galeria. Então Soares dos Santos, do Rio Grande, em pé e rubro, replicou :

— Porem calcadas em assassinatos !

Irineu respondeu-lhe :

— No Rio Grande suffoca-se a vontade popular !

— E aqui, — gritou Rivadavia tambem de pé — ganham-se as eleições pela força dos capangas

Irineu protestou :

— Não apoiado !

Deram lhe palmas nas galerias. Seabra ouviu tudo de braços cruzados e silencioso. Como Luiz Murat confirmasse a referencia de Rivadavia, Irineu perguntou-lhe :

— Que partido representa v. exc. aqui ?

— Muito diferente do seu ! Não cheguei aqui atravez de assassinatos e crimes !

Partiu para se pegar com Irineu, mas, como outros se interpuzeram, Murat deteve-se. Distanciado, Irineu encarou-o :

— Eu o conheço ..

Mas nós não nos confundimos ! Cheguei até aqui com dignidade ! Não triumpho com assassinatos, com capangas !

Sentou-se. Do corredor, Irineu chamou-lhe *ca-*

fteu. Soavam os tympanos e Murat não ouviu.

Serenados os apartistas, Seabra recomeçou a ler Bryce.

Falou-se que é grave a molestia do presidente da Republica

14 de Junho

Meio dia. Tres deputados apenas no recinto Diziam que estava agonisante o conselheiro Affonso Penna e que o vice-presidente Nilo Peçanha assumira o governo tendo já reunido o ministerio. Chovia. Entrou um reporter. Communicou que o ministro Campista não comparecera á reunião de ministros, enquanto se recebia pelo telephone a noticia de que o presidente acabava de falecer.

— Não morreu, não — contestou o deputado Celso Bayma, que entrava — Eu vim agora mesmio do Cattete.

— E se o Penna não morre... — surgiu esta duvida. — Figurcu-se, por isso, o insuccesso do vice-presidente, que teria de abandonar o governo pelo restabelecimento do chefe da nação. Porém os deputados medicos demonstraram que o conselheiro não se restabeleceria, era um caso perdido. Os que entraram depois, informaram não ser verdade houvesse o sr. Nilo Peçanha assumido o governo. For-

maram-se pequenos grupos. Todos falavam pouco, e estavam apprehensivos. Alguns pediam a opinião de Seabra sobre o governo do vice-presidente.

— Acho que será um governo liberal. Eu acredito no civismo do vice-presidente e espero ver respeitados os governos estadoaes que são opposicionistas.

Adiante outros ouviam Barbosa Lima, que formulava um juizo e calava-se. Os ouvintes aguardavam pensativos novas palavras.

— A Republica foi feita para tres gerações de estadistas. Mas que querem? E' isso que temos visto...

Na bancada paulista, Candido Motta picava fumo. Passou a corda a Palmeira Ripper, que também picou. Enrolaram e accenderam os cigarros e puzeram-se a conversar baixo. João Abbott parou ante os dois. Olharam-se, João Abbott curvou a cabeça, a testa engelhada e sentenciou:

— C'est «le» fin de «le» fin...

E contou que um ex-deputado lhe dissera:

— Estavamos em crise. Pois bem, a crise agora seráinda peor.

Quando se divulgou a morte do conselheiro, Seabra e Dunshee de Abranches conversavam isolados, e entrava, de *pardessus* claro, devagar e pesaroso, Pedro Moacyr.

Um momento se calaram todos. Voltando a falar, nenhum mais se referiu ao morto; quasi todos

se puzeram a «palpitá» sobre o novo ministerio.

— 15 de Junho

Compareceram cerca de cento e cincoenta deputados, trajando rigoroso luto, todos menos Raul Viegas, fluminense, que vestia um terno de casemira escura, gravata de seda clara com pintas vermelhas. Combinou-se que falariam sobre o falecimento apenas Seabra, pela maioria, e Galeão Carvalhal, pela minoria. Leovigildo Filgueiras opinou mesmo que só Seabra devia ocupar a tribuna:

— Ora, já que os *leaders* das bancadas não falam, basta o seu discurso. Afinal p'ra que o Galeão falar em nome da minoria, se eu não vejo aqui minoria?

— E' o que está combinado.

Encheram-se completamente as galerias. E entre os deputados presentes notava-se até Carlos Peixoto, que, após a renuncia, só hoje foi á Camara. Os deputados hermistas, que, até o reconhecimento, haviam sido, menos os gaúchos, frequentadores assíduos da casa d'elle, fingiram não o vêr. Carlos Peixoto parou junto á tribuna e ficou conversando com Barbosa Lima, Pedro Moacyr e Celso Bayma, sem extender a vista aos outros collegas. Escurecerá o recinto com o dia enevoado, a multidão de pé, em cima, nas archi-bancadas e os deputados de pre-

to. Ouviam-se tiros de canhão, vindos da bahia, dos que, por homenagem funebre, eram disparados de quinze em quinze minutos. Abrindo a sessão, Sabino Barroso dirigiu algumas palavras enlutadas á Camara. Depois, Seabra subiu á tribuna e deu pessames á nação em nome da maioria hermista. Seabra falou com difficuldade. Seguiu-se-lhe Galeão. Raivoso, e só em nome da bancada paulista. Sentou, e ia o presidente submeter á casa a proposta de Seabra quando Barbosa Lima pediu a palavra, erguendo-se com duas tiras de papel escriptas. Sem ouvir, Sabino Barroso continuava a leitura da proposta Seabra.

— Peço a palavra! — repetiu mais alto Barbosa Lima.

Sabino Barroso retirou os olhos da proposta e, surpreso, concedeu-lhe a palavra. Barbosa Lima começou a ler com voz cavernosa e alongada:

— Enleado na insidiosa trama de infanda politicagem, o presidente Penna succumbiu aos golpes traiçoeiros da perfidia partidaria.

Palmas nas bancadas paulista e bahiana. Não apoiados em diversos pontos.

Da bancada gaúcha apartearam:

— Já era esperada essa intriga!

Barbosa Lima dava cada vez maior intensidade aos vocabulos, principalmente os que exprimiam censuras á politica hermista:

— Ascendente da li-ber-da-de ci-vil!!!

Ou:

—A patria dos Vasconcé-éllos! E dos Ottô-ô-ô-
oni!!!!

O discurso, nos seus conceitos, não era ouvido claramente. Impressionava a musica estranha que lhe imprimia o orador, já de si gravissimo, fronte pallida, barba negra, sobrecasaca tambem negra.

—Os moços que! — pausa. Barbosa ergue a dextra sacerdotalmente. — Os mô-ôços que! em legiã-ã-ão! protestam! não deixarão que uma apagada e vil tristê ê-êza venha sellar a lapide symbolica sobre a quá-al dorme o somno do ju-usto o presidente Penna!!!!

Ahi as galerias, os deputados anti-hermistas rebentaram n'uma salva de palmas estrondosa, que demorou minutos. A' saída, Barbosa Lima recebeu novas palmas entusiasticas do povo que deixara as galerias e estacionava nas immediações da Cama.

Encerrada a sessão, Sabino Barroso procurou Galeão e mostrou-se-lhe sentido por haver Galeão faltado ao compromisso:

—Mas...

—Mas, Galeão... Eu fiquei em má posição por ter sancionado o que você e os outros deliberaram.

Galeão pediu aos representantes da imprensa:

— Olhem, vocês da imprensa dêem que eu só falei em nome da nossa bancada, attendendo aos serviços prestados a S. Paulo pelo presidente Penna.

Porém, tendo novamente estado com Sabino Barroso, retirou o pedido:

— Olhe, não dê mais aquillo que eu pedi; não, faça o favor.

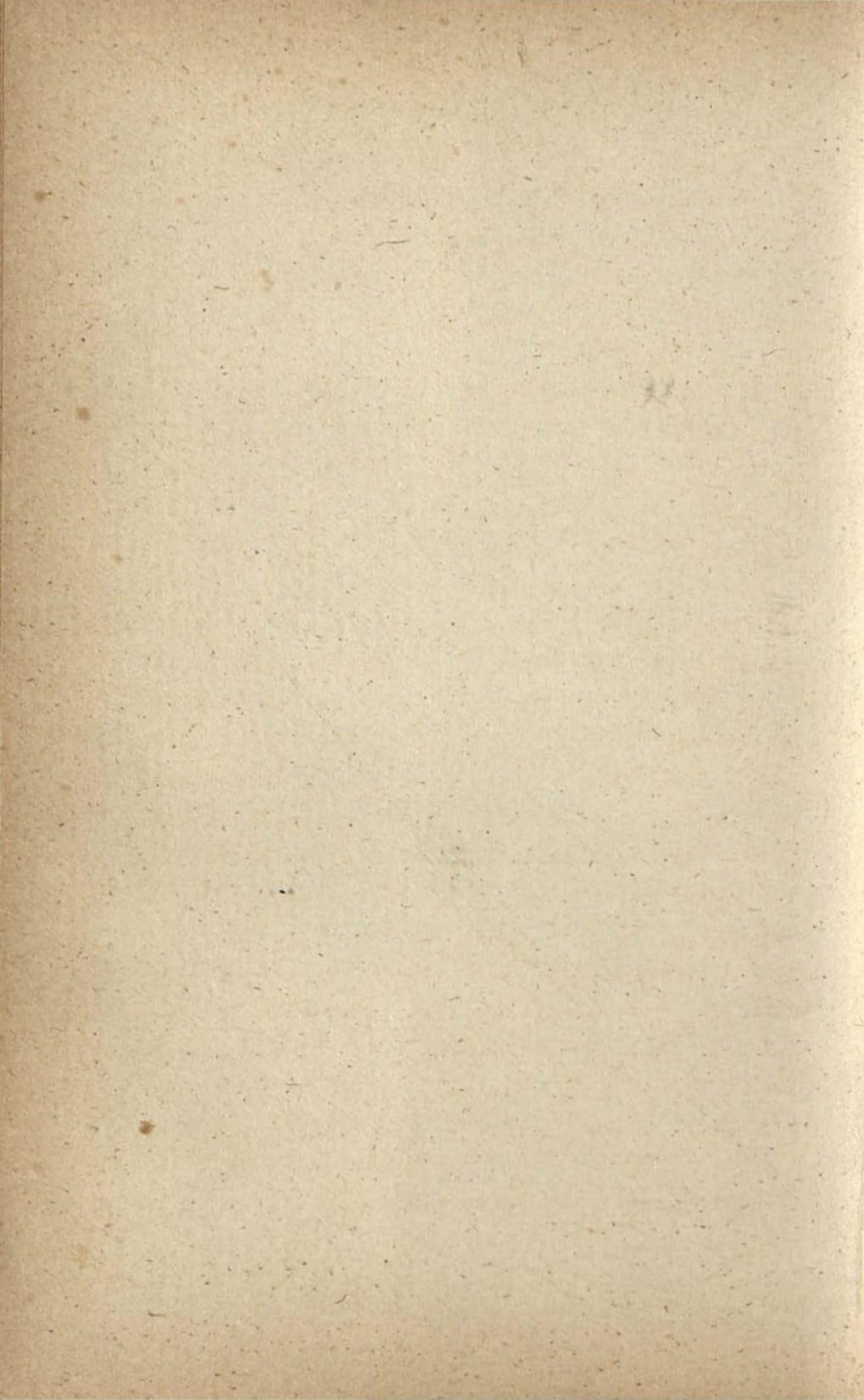
Seabra, censurando o discurso de Barbosa Lima, disse:

— Eu estou satisfeito por nenhum dos nossos correligionarios, depois daquella surpresa, ter ultrapassado o limite da nossa combinação. Não era occasião para se fazer politica...

Calou-se alguns segundos, e, depois, carrancudo:

— Mas deixemos passar oito dias. (Os oito dias de luto, que a Camara temou). Eu darei a devida resposta.

PAZ E AMOR



23 de Junho

A Camara acabou hoje o luto. No entanto, compareceram de preto inda alguns deputados. Pouco movimento. Poucas palestras. Parece que todos evitavam comprometter-se falando. A sessão constou de dous elogios funebres, um ataque de José Carlos ao ministro da marinha e uma declaração de Homero Baptista, gaúcho, explicando porque não assinaria o manifesto de apresentação da candidatura Hermes. Homero Baptista é modesto e de uma rara seriedade. Tendo sido typographo, caixeario, mestre escola e auxiliar dum advogado, formou se em direito e, de posição em posição, chegou á Camara pelo proprio esforço, pelo proprio valor. Apesar de ser solidario com a politica dominante no Rio Grande, no caso da successão presidencial, discordou dos seus companheiros. Homero Baptista entende que os militares não devem aspirar a cargos electivos que influam na direcção da politica da Republica ou dos Estados. Conta-se que, fazendo a sua declaração ao general Pinheiro Machado lhe dissera:

—O meu candidato, morta a candidatura do Campista, seria você.

Commentou-se a pequena entrevista dada pelo sr. Nilo Peçanha, antes de assumir o governo, a um redactor da *Noticia*. O novo presidente dissera que pretende fazer uma politica de *paz e amor*. Contou-se que, encontrando-se com alguns membros da minoria da Camara, reaffirmara, noutros termos, os seus propositos de paz e amor, isto é, o desejo de governar sem predilecção por nenhum dos dous partidos, não ligar o seu governo á questão da sucessão presidencial, governar com toda a imparcialidade. O novo presidente dirigira-se mesmo a alguns anti-hermistas eminentes e manifestara lhes o seu programma, pedindo o auxilio de todos. A Pedro Moacyr solicitara:

— Moacyr, ajuda-me.

Entre os deputados bahianos contava-se que, quando morreu o presidente Penna, o conselheiro Ruy imediatamente foi ao Cattete. Tomou o elevador. De repente houve um desarranjo no machinismo e teve de passar cerca de dez minutos detido, sem poder subir.

Um amigo do presidente Nilo dizia na saleta :

—A prova de que o Nilo quer fazer mesmo uma politica de congraçamento, é que convidou para ministro o Candido Rodrigues, paulista, e contrario ao Hermes.

—*24 de Junho*

Dia de S. João. Chove. Está frio. Na saleta do café discute-se politica, fala-se de uma Junta que apresentará candidato contrario ao marechal. Um estudante prometteu:

—A Junta vai escolher candidato pela representação das unidades politicas do paiz, que são os Municipios.

Não houve sessão por falta de numero. O deputado mineiro Adjuto, pallido, pastinha, roupa cinzenta, lembrando um paroára, com a constituição aberta, andou sustentando que os deputados e senadores podem escolher o candidato á presidencia da Republica.

—No Estado, o deputado é quem organisa a junta eleitoral, que distribue pessoal, quem preside á apuração, actas, tudo. Depois vem p'ra aqui, combina, arranja, reconhece, é reconhecido. Einda tem logar numa commissão. Como não pode escolher candidato á presidencia da Republica?

Depois apareceu Cincinato Baga, mettido num grande impermeavel preto. Escolheu na bancada paulista uma carteirinha; puxou um maço de cedu-

las, tirou dez mil reis e mandou um continuo comprar fechadura:

—Mande botar fechadura aqui.

25 de Junho

Com surpresa, Cincinato voltou á conspiração de 1902. Sustentou que não houvera couspiracyo:

—Conspiracyo — E abrindo os braços como num pulpito — Conspiracyo ... Ora, senhores, em primeiro lugar, conspiracyo tem uma significação technical.

Seabra aparteou-o. João de Siqueira tambem. Este, havendo Cincinato alludido á junta que se está preparando para escolher candidato contrario ao marechal Hermes, perguntou :

—V. exc. refere se á Junta, á essa Junta que aparecerá aqui no Rio de Janeiro como um bando de gafanhotos?

Cincinato não respondeu e figurou a Junta como sendo uma engrenagem perfeita, movida a electricidade, funcionando maravilhosamente.

— Então — classificou João de Siqueira — não é Junta Nacional, é Usina Nacional.

26 de Junho.

Discurso do Irineu Machado. Longo e maneiroso. Seabra ouviu-o attenciosamente. Irineu chamou

lhe «mestre». Dirigiu-se ás varias classes que julgou representadas nas galerias, estudantes, operários, etc., preparando-as, com habilidade, para a reacção contra a caudidatura Hermes. Irineu, na tribuna, impressiona sympatheticamente. Barbado, veste bem, é, no commun, calmo, voz clara e branca. A's vezes deriva para a ironia e é bem sucedido, porque allude com espirito a individualidade e factos evidentes.

Os deputados apreciam no e, d'algum modo, temem-no. Conversando, na saleta, Leovigildo resumiu as opiniões sobre Irineu :

— Podem lá fallar o que quizerem, mas elle é talentoso.

—
28 de Junha.

Os oradores anti-hermistas referem-se á reacção que representam chamando lhe «reacção da liberdade civil».

Está eleito vice-presidente da Camara o deputado João Lopes. Presidiu hoje á sessão. Vendo o no corredor, o secretario Semeão Leal foi buscal-o. Entrando no recinto, abraçado por Barbosa Lima, João Lopes perguntou :

— Tá na hora?

— Está.

Discursou Irineu. Descobriu que nas galerias

havia[...] guardas civis á paisana. Protestos do secretario, Semeão Leal e de João de Siqueira, que assim respondeu :

-- V. exc está dizendo uma inverdade Si ha ahi guardas civis á paisana, são os que se habituaram a vir desde o governo passado, traindo o cumpromissos...

—
30 de Junho.

Os populares esperam, na rua da Misericordia, se abra a porta que conduz á galeria esquerda De lapis e papel, o orador popular Manuel Correia da Silva, que dirigiu um movimento contra impostos exagerados do concelho Municipal e triumphou, vendo passar os deputados, diz a um companheiro :

— Ómenta. Tão ómentando... Oia Já tão uns cincoenta. Hai espetaco hoje

— E ha mesmo... Os papagaio hoje falla....

Manuel guardou o lapis e, alludindo ao subsídio :

— Hoje hai munto mio pa papagaiada...

—

Sessão. Discurso de Irineu, contra a candidatura Hermes, com palmas nas galerias.

— As galerias não podem se manifestar! — grita João de Siqueira Seabra justifica-as ironicamente :

— São os civis... São os guardas civis á paisano...

Irineu, João de Siqueira e Palmeira Ripper altercaram

— O deputado pernambucano dr. João de Siqueira...

— Não, senhor. Já não sou...

— Não?! V. exc é representante de Pernambuco...

— Não, senhor. O sr. Palmeira Ripper cassou-me o mandato

João de Siqueira tornou-se alvo da curiosidade geral. Irineu perguntou-lhe:

— Como quer então que lhe chame?

— Pergunte ao sr. Palmeira Ripper que quer, n'esta casa, sobrepujar a todos. P'ra elle eu devo ser aqui um intruso...

Irineu ironisou immenso o caso. Depois irritou-se; mas, aparecendo, Palmeira Ripper pendurou-se ao braço do João de Siqueira. Riram-se reconciliados. Irineu dizia:

— Talvez o meu digno collega João de Siqueira, pretendendo que vão para a Historia os seus apartes...

— Talvez — atalhou João — ... V. exc é que... Não, se o aparte fôr para a historia, a importancia será do seu discurso. Talvez v. exc. queira vel-o

assim mencionado na historia: «aparte dado no importante discurso do sr. Irineu Machado» . . .

De viagem para a Europa, Sabino Barroso esteve na camara, a despedidas.

1 de Julho

Não houve cessão por tèrem ido a um banquete os deputados que costumam estar á hora regimental. Irineu esteve na saleta contando que as palmas da vespera, deram-lh'as os guardas civis á paisano. Ao findar, entrava Dunshee de Abranches, vindo do banquete, com uma camelia á lapella.

2 de Julho.

Discurso de Irineu. João de Siqueira chamou-lh'o «piolho de cobra». Teimando com Palmeira Ripper, disse:

— Deixe acabar o «piolho de cobra» do Irineu.

O discurso terminou com uma reminiscencia historicas. Palmeira Ripper, referindo-se aos que assignaram o manifesto Hermes fallara em «corda no pescoço,» dizendo que se assignara o manifesto com a corda no pescoço. Então Irineu foi buscar a origem de «corda no pescoço» á historia politica da Grecia. Palmas no recinto (dos anti-hermistas) e nas galerias.

Tomavam café alguns deputados, cochichando. Entra de repente na salinha, com a calva morena lustrosa, Carlos Cavalcanti:

— Vamos pegar no bico da chaleira do Esmeraldino. Elle veiu pegar no nosso.

Os outros se levantaram e ganharam o corredor.

No gabinete do presidente, o ministro da justiça, alto, magro, de *croisée* preto, gravata preta, cordial, risonho, mas medido, apurado, aceitava e retribuia os cumprimentos dos ex-collegas da Camara.

3 de Julho.

Discurso de Irineu, longo, inda contra a candidatura Hermes. As galerias deram palmas.

— São os guardas civis á paisano, sr. presidente — commentou Seabra deixando a sua poltrona — São os guardas civis á paisano que estão applaudindo...

— Mas ahi tambem ha civis — retorquiu aspero Irineu.

— Os do governo passado, mandado p'ra aqui pelo chefe de policia Alfredo Pinto!

Irineu poz-se á atar a pasta que sempre leva para a tribuna e, rindo, olhou a Seabra:

— Mas eu estou falando com tanta calma . . .

Levantando a sessão, João Lopes avisou :

— Segunda feira, ás primeiras palmas que derem, eu mando evacuar as galerias.

Desceu. Esperavam-no deputados anti-hermistas. Bernardo Jambeiro disse :

— Não é possível, João Lopes Não. Uma coisa d'estas, não. Você comprehende Não, João Lopes.

— Pois eu hei de consentir uma coisa d'estas ?

— Mas nunca se fez.

— Fez-se. Eu já o fiz Já o fiz...

— Não, João Lopes — atalhou Cincinato — E' um habito de todos os parlamentos.

— Na Camara franceza — emendou Alberto Sarmento — ha verdadeiras discussões entre o deputado e o pessoal das galerias.

— E' — concordou admirado Palmeira Ripper.

João Lopes perguntou :

— Que querem vocês então que eu faça ?

— Não evague — respondeu Jambeiro...

O presidente balouçou a cabeça :

— Ora Jambeiro...

Muito calmo, falou em seguida Cincinato :

— João Lopes, você deve lembrar-se que na monarchia sossobraram quatro ou cinco presidentes por evacuarem as galerias...

João Lopes despediu-se, muito amavel.

— 5 de Julho.

Novo discurso de Irineu contra a candidatura Hermes. Querendo prolongal-o, o presidente lembrou-lhe que estavam inscriptos para falar seis deputados. Palmeira Ripper protestou:

— Não pôde! O sr. Seabra falou quatro dias!

Puzeram-se de pé outros deputados anti-hermistas gritando muito contra a observação do presidente. Respondia-lhes Rivadavia Correia. Ouviam-se, no tumulto, pedaços de phrase. Dizia Alberto Sarmento:

— A Junta! A Junta!

Rivadavia Correia commentava:

— A Junta... A Junta... Mas que mentira convencional!...

— E' a Republica! — respondia alto, com o imdicator teso, Palmeira Ripper — E' a Republica! Nós queremos salvar a Republica.

— 6 de Julho.

Discussão de Irineu contra Seabra por causa de Bryce, citado em favor da candidatura Hermes pelo ultimo. Irineu trouxe o livro citado, no original. Seabra escrevia á mesa e, ouvindo o nome de Bryce, pousou a caneta e exigiu:

—Leia Bryce!

—Já li.

—Leia mais. Leia mais. V. exc estava lendo Bryce. Leia agora que nós queremos ouvir...

—Bom, mas isso virá em tempo.

—

Seabra discursou. Lamentou que a minoria, quando se trata de assumpto estranho á successão presidencial, se retire. «Parece que a minoria, está em oposição ao governo do sr. Nilo Peçanha...» A minoria arregimentou-se e começou a combater o discurso de Seabra, com ensurdecedora algazarra.

—Mas eu só vim registrar um facto — dizia jovialmente Seabra quando a balburdia diminuia. Logo os gritos recomeçavam e ninguem podia ouvir o orador. A maioria esquiva-se sempre que tem de acompanhar o seu *leader* compromettendo se na questão presidencial. Diz-se que ha Estados, cujos representantes assignaram o manifesto Hermes, que, em segredo, prometteram aos chefes da liberdade civil a sua solidariedade. O que se pode assegurar é que varios deputados hermistas mostram não crer na victoria do marechal. Entretanto, procedem de maneira que, vencendo elle, terão em seu favor a solidariedade, que, embora não leve a combate franco, fica valendo pela não diserção. Referindo-se á maioria, Paulo de Barros, anti-hermista, perguntava em meio ao barulho:

— Mas que maioria é esta?!

Seabra tinha de resistir á minoria, auxiliado apenas por deputados gaúchos e deputados mineiros. Rivadavia repetia:

— E' oposição! Estão fazendo oposição ao governo!

A attitude aos anti hermistas procede da certeza, em que estão, de andar o presidente Nilo auxiliando a política hermista. Por isso ha oposição, embora disfarçada. Seabra alvitrou que a maioria se deve fortalecer para a defesa do governo. Cândido Motta, então descrendo da maioria e certamente inspirado pela convicção da dubiedade d'ella, assim a classificou:

— Maioria imaginaria...

Quando Cândido Motta falou, Jesuíno Cardoso recordou que a maioria ouve os oradores da minoria, censurando que estes não queiram ouvir aos primeiros. Seabra ameaçou:

— Mas hão de ouvir! Hão de ouvir!

Terminando Cândido Motta o seu discurso, a minoria retirou-se para o corredor:

— E... — disse Seabra — Chegou o inverno, lá se vão as andorinhas...

Irineu pôz-se a troçal-o em altas vozes:

— Vamos fazer *leader* ao sr. Seabra! Vamos fazer o sr. Seabra *leader* da minoria! Vamos, meus senhores

7 de Julho.

Mais um discurso de Irineu, durante o qual os deputados conversavam alto.

— Pois, senhores — reclamou o presidente — os deputados que andam fóra do recinto, falam mais alto que o orador !

— Naturalmente... — explicou, a rir, Irineu
— Eu não tenho a voz de 300 carroças...

Tendo se de votar, a minoria correu do recinto para o corredor. Seabra censurou-a da tribuna. Explorou, porém, a ausencia de membros da maioria pedindo a todos que dessem numero para as votações dizendo ter havido uma *entente cordiale* entre maioria e minoria. Em vista d'esta *entente* obrigaram-se, todos, a não ligar os casos geraes, orçamentos, etc, á questão politica. Por isso alguns deputados da maioria tinham ido aos respectivos Estados...

— E a minoria — lamenta o *leader* — á ultima hora, deu uma oposiçao que vae além da questão de candidaturas, que se extende ao governo da Republica.

Ripper bradou :

— Não apoiado !

— Não apoiado ! — bradaram outros.

— Apoiado ! — contradisse-os nervoso Baltazar Bernardino, fluminense — Não é mais questão de candidaturas ! E' uma oposiçao franca !

E Raul Veiga, tambem fluminense :

— E' oposição ! Ha ahi um credito urgente para o ministerio do exterior e não querem votar !

Já calmo, Balthazar dizia na bancada mineira :

— Não é oposição... Mas se elles não podem mascarar mais.

8 de Julho.

Mais um discurso de Irineu. Prestaram-lhe pouca attenção. As palestras redobravam. O proprio Irineu reclamou :

— Sr. presidente, contenha os deputados que estão conversando...

E depois, para os conversadores, que se não calavam :

— Se querem conversar lá está a sala do café. Vão p'ra lá.

9 de Julho.

A maioria abandona a Camara protestando que Irineu não deixa de falar e a minoria não dá numero. E Irineu inda falou. A proposito do carvão, atacou a candidatura Hermes.

Disse com emphase :

— Eu represento a coragem da multidão de minha terra natal.

Ao terminar, a minoria e as galerias deram-lhe palmas.

estreou o deputado gaúcho João Vespuio Physisnomia sympathica, usa oculos e fala com algum brilho, tendo um pequeno defeito de pronuncia : *Ixtuídar, necezário.*

Conversavam, á bancada paulista, o conselheiro Maciel e Francisco Romeiro. Romeiro é um deputado que chega á Camara, senta-se e fica no mesmo lugar, com os olhos semi-cerrados, até o fim da sessão. Caso, porem, o vá cumprimentar um deputado seu amigo, algum velho (porque Romeiro é velho, apesar do seu cabello preto), pula da poltrona, abraça-o, fala, ri até o outro se retirar. Ficando só, recae imediatamente no seu recolhimento. Romeiro conversava com o conselheiro Maciel, quando Irineu se aproximou:

— Ireneu — perguntou o conselheiro — que história de conspiração contra o Hermes é que estão falando ahi?

— Conspiração? Não sei. Nem creio. Eu é que não ando conspirando Nunca conspirei. Accusam-me no caso do Prudente, e a verdade é esta: eu era prudentista em essencia.

As palpebras de Romeiro subiram para Irineu. Romeiro olhou-o vagamente, como numa evocação.

— E' a verdade! Eu era prudentista em essencia.

E como o conselheiro falasse novamente em conspiração:

— Com franqueza; eu sou contra essa coisa de conspiração. Mas, se o Hermes vier eleito com 200.000 votos do norte, com eleição a bico de pena, duplicatas falsas da Bahia e de S. Paulo, e quizerem-no reconhecer assim, opino pela revolução.

— Mas, Irineu, se elle for mesmo eleito?

— Inda que seja eleito! Sou pela revolução. Não acho o Hermes capaz de ser presidente da Republica!

Numa roda onde adversarios do presidente Nilo o censuravam desabridamente, Luiz Murat philosophou:

— O mal não é da Republica. Nós não mudámos. E a Republica, que se fez para reconstruir o caracter brazileiro, facilitou a maior depravação. Mas pode-se responsabilisar a Republica por isso? O mal vem da monarchia.

10 de Julho

Ha dias apparece, na Camara, sentado no primeiro banco da galeria esquerda um moço magro, cõr de bronze, olhos pequenos, queixo fino e cabellos negros, muito longos, abertos para os lados. Assiste toda a sessão com as mãos nos joelhos, a calça preta muito sungada, deixando ver bem os sapatos escuros, meias amarelas e um pedacinho da liga listrada e encardida.

Hoje mudou para a galeria direita. Falava Jesuino Cardoso, e' oquente e vibrante, a favor da candidatura Hermes. O politico carioca Nicanor do Nascimento, que já apoia a candidatura Hermes, levara muitos individuos á galeria esquerda para applaudirem a Jesuino. Jesuino é orador do tempo da propaganda. Sabe impressionar a multidão. Mas Nicanor era quem a dirigia. Ella só dava palmas quando o seu chefe accenava com a cabeça. Os que festejavam aos oradores da liberdade civil, permaneceram calados até o aparte de Ripper:

—V. exc. acceitaria qualquer candidatura que não fosse apoiada por S. Paulo! E' isto!

A galeria direita, só por isso, fez uma ovacão a Ripper. Tympanos, tumulto, e Ripper não cessou mais de apartear a Jesuino. Quando este sentou,

Ripper, como tendo enlouquecido, atira para os lados, freneticamente, os braços e a cabeça, amaldiçoando a candidatura Hermes. Os populares de Nicanor davam palmas a Jesuino; os demais, a Ripper. Não tardou que se puzessem a insultar uns aos outros, duma galeria para outra

Em baixo discutia Jesuino com os anti-hermistas. O bater dos tympanos desapareceu na gritaria Das archibancadas desciam vivas, morras, assobios.

De repente, estalou uma bofetada. Voltaram-se muitos para a galeria esquerda. Era no rapaz côr de bronze e meias amarelhas. Elle já estava de pé. Fizera-se um claro em torno. Um soldado agarrou o aggressor. Quasi todos tentavam-se afastar do conflito e sair. Veiu a scena commum dos empurões.

Um sujeito partidario da liberdade civil, cara redonda e sem dentes, aproveitou o rolo e debruçou-se para o recinto, rubro, com os olhos em Nicanor:

— *Assóbe, seu indecente!* Vem p'ra cá! *Assóbe!*
— *Assóbe, seu indecente!*

Nicanor deu lhe as costas; elle prosseguiu:

— Vem p'ra cá! *Assóbe seu...*

Foi uma palavra obscena. Empurraram-no. Nesse momento soou outra bofetada. Os soldados precipitaram-se sobre o valentão, queinda pôde dar um ponta-pé. Esse ponta-pé bateu, por acaso, no moço côr de bronze e meias amarelhas. Então, outro, com os mesmos traços, mas claro, segurou-o pela

perna. O polícia afastou-o. O recinto serenava. A galeria da direita ficara rindo, aparteando a outra:

— Isto !

— Apoiado !

— No pé do toitiço !

— Aguenta !

Inda se ouviu, em baixo, João de Siqueira dizer alto a Palmeira Ripper:

— Isso tudo que está-se dando, é pago pelo Thesouro de S. Paulo e pelo Thesouro da Bahia.

Trapalhado Ripper protestou :

— Olha, *eu arranco-te a casca !*

Gabinete do Presidente — Derreado numa conversadeira, o collarinho molhado de suor, Jesuino resfolegava segurando um rolo de tiras amarrotadas. Era o discurso, pronunciado minutos antes. Um reporter pediu lh' o para publicar.

— Não é possível, meu filho.

— Mas o doutor não tem ahi *um resumo* ?

— Não. Não é assim.... A gente decora um discurso, mas vem p'ra cá, ha os incidentes. Esse discurso fica modificado. Não posso, tem paciencia.

Depois, a outro reporter que tambem pediu e não obteve o discurso escripto :

— Não vê como estou magro ? Vim para aqui doente. Olhe meu rosto. Estou magro. O senhor não acha ?

— Sim ; V. Ex.^a está magro.

— Pois? Vim doente. Estou fatigado.
E não deu as tiras.
Defronte, Cincinato olhava-o de braços cruzados.

13 de Julho

Discurso de Luiz Murat, que falou da tribuna, com elevação, entremeando os argumentos de recordações historicas e conclusões philosophicas O fim do discurso foi provar a legitimidade da candidatura Hermes Para isso alludiu a incoherencias de Ruy Barbosa, que considerava, outrora, o exercito a segurança da Republica e hoje nega a um militar qualidades para governar a nação.

— O illustre senador — aparteou João de Siqueira — já conferiu ao exercito até funcções legislativas.

— Quando? — perguntou-lhe Alfredo Ruy.
— Quando, hein...
— Eu responderei a S. Ex.^a! Responderei.
— Pôde ser, meu menino, mas falta isto.

E tocou na cabeça e na boca, significando intelligencia e capacidade oratoria Depois curvou-se e juntou as mãos em fórmula de livro aberto :

— E mais isto...

Luiz Murat foi ouvido com muita consideração, mesmo pelos anti-hermistas. Lamentou se-lhe, porém, a má voz, a pronuncia falha, certa precipi-

tação nas phrases longas. As galerias permaneceram caladas.

Antes de terminar Luiz Murat, espalhou-se que Jusuino Cardoso falaria para uma explicação pessoal. Immediatamente Palmeira Ripper procurou o presidente :

— João Lopes. Eu sei que Jesuino vai falar. Você não deixe, João Lopes ! Você não deixe ! Você sabe que eu sou meio doido ! E ha barulho.

— Mas eu não o posso prohibir .

— Não sei, mas você não deixe, porque ha barulho.

A bancada paulista, quando soube da intenção de Ripper inquietou-se. Alguns lhe pediram :

— Não fale, Ripper.

— Falo !

Rodrigues Alves Filho chegou a estirar-se por sobre a carteirinha da bancada :

— Não. Não responda.

— Falo ! Falo por mim só, mas falo.

E como Jesuino não desistiu da palavra, como respondeu ao aparte «V. Ex.^a aceitaria qualquer candidatura que não fosse apoiada por S. Paulo», Ripper fallou Esteve de muita variedade. Referia um phenomeno biologico quando viu perto o dr. Nuno de Andrade, ex-professor da Faculdade de

Medicina e redactor chefe do *Paiz*. Perturbou-se, porém aproveitou a propria perturbação em favor da referencia :

— Como muito bem dizia o meu antigo mestre dr. Nuno de Andrade . . .

O dr. Nuno sorria a olhal o, com os olhos azues e vivazes.

— Tanto que, tocando-se o epigastro de uma rã, ella morre

Riam no recinto e na bancada da imprensa. Ripper confessou que, sabbado, talvez estivesse excessivo :

— Mas hoje eu estou calmo, hoje eu estou regular . . .

Cincinato aproximou e disse-lhe baixinho :

— Você já exgottou o assumpto. Basta . . .

O ex-deputado Menezes Doria contava ao joven Caio Machado, filho do fallecido politico paranoense Vicente Machado :

— O Correia Defreitas estava no directorio do partido ; mas, sabendo que o Xavier (presidente do Paraná) não sympathisava com a candidatura do Hermes, publicou um artiguete dizendo assim : « Por saber que o sr. presidente é contra . . . » O Xavier, pá ! declara-se a favor do Hermes e o Correia teve de ficar fóra.

Depois, para o almirante Araujo Pinheiro :

— No Paraná é assim Teem-se de nomear uma supplente de professora lá p'ra fronteira : primeiro o Xavier telegrapha para o Rio. Trocam-se telegrammas e telegrammas.

— Por conta do Estado — atalhou o joven Caio

— E, para conciliar os interesses, nomeia-se um homem professora

—

José Carlos de Carvalho falava nas possiveis publicações sobre a industria siderurgica :

— Que não venham tres volumes eguaes aos do Calogeras Depois, dos «*Tres Capitães*», do Zama, é a maior publicação que faz a Imprensa Nacional.

—

15 de Julho.

Debaixo da galeria direita, Luiz Domingues, deputado e candidato ao governo de Maranhão, conversa com alguns collegas maranhenses. Pilheriam, quando José Bezerra pernambucano, promovendo o grupo a uma assembléa, fez se della presidente :

— Ou juiz — alvitrou Luiz Domingues galhifeiro — Você é o juiz, Zé Bezerra.

— Pois seja. Mas, que diabo! fala tudo ao mesmo tempo... Cala a bocca, canalha!

Riram muito e Luiz Domingues, depois duma pausa, meio triste, disse:

— Eu morro lá...

— Morre?...

— Morro...

— Não vá então — aconselhou José Bezerra.

— Vou, mas morro... Isso, afinal... Eu tenho lá mausoléo, parentes... Não é máo, hein?...

Os outros ficaram espantados. Olharam-no nos olhos. Luiz Domingues então riu.

16 de Julho.

Alberto Sarmento, a propósito de uma *Carta aberta*, que escreveu ao presidente Nilo Peçanha, esteve demonstrando que a candidatura Hermes é uma candidatura militar Ripper ajudou-o com ápartes gritados e provocações offensivas aos deputados que discordavam do orador. Henrique Borges, do Rio de Janeiro, anti-hermista, recordou:

O capitão Philadelpho publicou uma ordem do dia, em Niteroy, dizendo, muito antes, que o marechal Hermes seria o futuro director dos nossos destinos...

Frederico Borges, na sua estranha maneira de

fallar, mais com arremeços de cabeça que com palavras tentou diminuir a importancia do facto.

— *Ma, ma*, mas isso é historia antiga.

— Não é historia antiga, não, senhor !

— Ora vai-te embora d'ahi, Henrique Borges.

— Vai te embora, não ; E' a verdade : o capitão Philadelpho baixou essa ordem do dia.

— Estais, então, com medo da espada do marechal Hermes ?

Sarmento falava, entretanto, e os dois sentiam-se á vontade

— Medo, não — replica Henrique Borges. —

Porque a espada do marechal Hermes brandirá primeiro no Ceará

— No Ceará, não ; nas suas costas.

— Nas suas, Frederico.

— Nas suas !

— Ora, não seja insolente, Frederico.

— Insolente, não ! Insolente é você !

—

Cassiano do Nascimento, eleito senador, despediu-se dos collegas deputados. Abraçando Rodrigues Alves Filho, perguntou-lhe pelo pai, pelo *velho*.

— Vai bem.

— Olha, eu brevemente vou lá á minha Meca (Pindamonhangaba, cidade onde reside o ex-pres-

dente) Brevemente vou lá. Manda-lhe lembranças.

— Obrigado.

E tornaram-se a abraçar.

17 de Julho.

Estréa de Monteiro Lopes. O deputado negro estreou combativo, pedindo actividade á camara e clamando pelas reivindicações proletarias. Monteiro Lopes parece haver preparado mui cuidadosa e pacientemente o discurso. Prejudicou-o, no entanto, pela defeituosissima pronuncia na qual não apparem os *r r* e as palavras longas se não concluem. A camara toda reduziu a um motivo de divertimento o discurso, e riu immenso d'elle.

Estreou tambem Carlos Cavalcante, engenheiro, militar, que representa o Paraná. Falou em defesa do exercito, respondendo a Irineu. Carlos Cavalcante é alto, moreno, careca. Temperamento apaixonado, discursou com extrema violencia nos conceitos Chamou os anti-hermistas «batrachios que se envolvem no pantano da decomposição». Depois :

— O exercito não é um punhado de eunuchos, que se possa tratar a chibata.

Havendo classificado «exaggerada» a oposição:

— *Opposição!* — exclamou Leovigildo Filgueiras — *Mas oposição a quê?*

— *Opposição a nós (o exercito) — E batendo no peito com orgulho — Oposição a mim! Oposição a mim!*

Entrava Irineu e lembrou que não atacára ao exercito. Ao contrario, dissera que o exercito não está preparado.

— Foi o que eu disse. Que não temos exercito preparado! Disse isto, como affirmei que se está preparando uma conspiração militar, entre certa parte do exercito.

Apartaram-no. Elle disse tudo :

— E' isto! Uma conspiração militar chefiada pelo general Dantas Barreto! Tapem o sol com uma peneira!

A bancada riograndense enfureceu-se. Ireneu olhou-a :

— Fazem e não querem que se diga; não se querem sujeitar á critica.

Carlos Cavalcante ficou a ouvir, os braços cruzados, as palpebras caidas e um sorriso amortecido.

Quando o deixaram falar, abriu os olhos :

— Sr. presidente, eis a prova provada do que affirmei :

Irineu encarou-o.

— Prove que temos exercito!

— Provo.

— Já!

— Já !

E evocou a reorganização do exercito. Irineu
inda aparteou :

— O marechal Hermes não organizou o exer-
cito, aumentou a desorganização . . .

Riram. O orador recordou feitos militares do
marechal Hermes, na retirada da Laguna :

— Com 15 000 soldados, oppoz Irineu. — São
os bachareis de espada, na classificação do Sr. Tasso
Fragoso.

— Pois se ha bachareis de espada, ha tambem
os politicantes . . .

— Pois eu fico sendo *politicante*, mas V. Ex.^a
é bacharel de espada

E entrando na bancada paulista :

— Bacharel de espada. Eu sou paisano, mas
não levo desaforo para casa.

Ripper, que é medico, elogiou em discurso
a Arnaldo Cruz, enaltecendo a obra de saneamento
da cidade. Quiz, porém, nomear o microbio da va-
riola e não se lembrou. Procurou, com o olhar, um
medico. Ouvia-o um, João Penido.

— Penido, qual é o nome do microbio da va-
riola ?

— O quê ?

— O microbio da variola ?

— Não sei...

19 de Julho.

Seabra discursou em propaganda da candidatura Hermes. Procurou provar que a candidatura nasceu da vontade popular.

— O marechal não era candidato á presidencia da Republica, mas, de repente, os politicos se lembraram do seu nome.

Candido Motta, que se distrarira, por habito de contradizer a Seabra, contradisse a sua propria politica :

— Era, sim, senhor ! Era o candidato apontado de norte a sul do paiz, pelo povo !

— Como ? — interrogou Seabra satisfeito — Então o marechal Hermes era o candidato apontado de norte a sul do paiz ? Muito obrigado a v. ex.^a...

— Registre-se o aparte — pediu Astolpho Dutra.

Os deputados gargalhavam. Então Candido Motta corrigiu :

— Era ! Era candidato ! Mas apontado por vos-sas excellencias !

Na bancada fluminense, um deputado novo censurava que, pretendendo á presidencia da Republica, o marechal não deixasse amadurecer a sua idéa. O sobrinho do finado presidente Prudente de Moraes, Paulo de Moraes Barros, paulista e tambem depu-

tado novo, por habito de contradicção igual ao de Cândido Motta, contrariou ao outro;

— Estava madura ! Sim, senhor ! A idéa estava madura !

E como Seabra figurou n'uma *cata-dupa* o concurso de adhesões á candidatura Hermes :

— Cata-dupa ? Cata-dupa, mas cata-dupa secca !

— Senhores ! -- diz Seabra depois — a candidatura Hermes é unanim e no norte.

Paulo de Moraes Barros novamente contestou, a seu modo original :

— Sim... Essa unanimidade traz agua no bico...

O discurso varias vezes motiva o tumulto. Em meio á balburdia, Seabra exclamou :

— O' senhores ! Não me deixam falar !

Entrava Ripper, com a cabeça pellada :

— Eu não sou...

—

20 de Julho.

Seabra explicou porque se reconciliou com o senador Pinheiro Machado. De facto o senador Pinheiro chefiára o grupo que o depurou no senado, quando foi eleito por Alagoas.

— Mas, no commettimento desse abuso, houve uma cabeça a um braço. Um pensou, architectou, urdiu ; o outro executou A cabeça foi o sr. senador

Ruy Barbosa; o braço foi o sr. senador Pinheiro Machado. Na situação politica presente, a cabeça afastou-se do braço, e eu tinha de tomar partido, ficar com a cabeça ou com o braço: escolhi o braço, porque a cabeça é mais perigosa.

Em seguida baptisou de *Arca de Noé* a Junta que se vae reunir e escolherá candidato contrario ao marechal.

— Ora todos os Estados já se manifestaram a favor da candidatura Hermes, e diz a gente da Junta que reunirá representantes de todos os municipios... Quem os representará, pois, na *Arca*?

«Só se delegarem — Antonio «Formiga», Bernardo «Pacca» (*hilaridade*) Candido «Gavião» (*hilaridade*), Eduardo «Cotia», Frederico «Pinto», Geraldo «Tigre», Henrique «Gallo», Ignacio «Leão», Luiz «Camello», (*riso*), Manuel «Cordeiro», Nestor «Pombo», Octacilio «Cordeiro», Pedro «Sardinha», Reinaldo «Patury» (*hilaridade*) Santos «Rola», Torquato «Cabra», Ubaldo «Coelho», Zoroastro, «Rapoza», N. «Barata», etc.

Mesmo os anti hermistas riram. As bancadas mineira e gaúcha deram palmas ao fim do discurso.

21 de Julho.

— Discurso de Arthur Orlando contra a Companhia de Seguros *Equitativa*.

Arthur Orlando é baixo, gordo, moreno e pouco elegante. Não é orador. Illustre professor de direito, critico erudicto, philosopho ás vezes, mas, na tribuna, perde todas estas eminentes qualidades. Eis porque escreveu o discurso e, ao pedir a palavra, sacou-o do bolso do fraque, um grosso maço de tiras escriptas. Ouviram-n'o apenas Seabra e Gonçalo Souto, que cofiava a barba branca.

22 de Julho.

Mais uma vez Manuel Fulgencio apresentou o seu projecto annual de adiamento dos exames de maturidade. Falou na primeira hora, nervoso e pouco diferente do anno passado. Apenas accrescentou desejos de felicidade ao marechal Hermes.

Vendo-o falar, vermelho, o cabello branco repartido de lado como o de D. Pedro II, olhos azues, bigode e cavaignac amarellecidos pelo fumo, Erico Coelho perguntou a um collega:

— Inda tem netos para matricular, este homem?

João de Siqueira fez o seu discurso hermista da bancada gaúcha. Ripper aparteou-o, mas moderadamente Cincinato, com a cabeça pendida para a carteirinha, ria apertando a ponta do nariz João

de Siqueira é moreno e alto. Treme todo quando fala. Até a voz lhe tremem. Dá á phrase intonações variadas, alonga as ultimas palavras imprimindo lhes um tom grave impressionante.

O gesto é largo, as attitudes da cabeça energicas e altivas Tudo mais é fraco e de qualquer orador commum. Argumentação rasteira e nenhum brilho d'expressão. Terminando, Ripper pediu a palavra. O presidente avisou-lhe de que só tinha cinco minutos, pois estava a findar a hora do expediente. José Carlos de Carvalho disse a Ripper:

— V. Ex.^a pode fazer um grande rolo n'esses cinco minutos...

Ripper sempre usou da palavra Chamou «trovoada secca» ao discurso de João de Siqueira e accrescentou:

— Como estamos em tempo de *sports*, e como um d'elles, na actualidade, é a briga de gallos, ha uma occasião em que depois da lucta um dos belligerantes, bicado, picado, vencido, afinal, torna o corpo muito esguio e foge do outro. O gallo vencido faz, então, o que os entendidos chamam *afinar*. O gallo *afina* Foi o que o Sr. João de Siqueira fez -- *afinou*...

— E V. Ex.^a queria que eu o aggredisse?

Ahi Ripper se afastou da poltrona e saiu com um hombro pendido, pulando e repetindo:

— O sr. João de Siqueira *afinou!* O sr. João de Siqueira *afinou!*

João de Siqueira calou-se e Ripper sentou-se relatando Cândido Motta :

— Eu só disse *afinou*. O gallo *afina* e depois canta como gallinha. Mas eu só quiz dizer o termo classico — *afinou*...

E depois :

— Eu lá podia responder outra coisa ao argumento de João de Siqueira !

José Carlos relembrou :

— Eu não disse que isso daria um rolo ?

23 de Julho

Esperava-se, segundo uma carta anonyma recebida pelo presidente, que desabasse hoje o velho edifício da Câmara

Algumas representações não compareceram. Nada houve, porém.

José Carlos tratou de vários assuntos, na hora do expediente. São sempre assim os seus discursos. Faz rir às vezes, e sempre deserta o recinto. No entanto, os seus discursos commumente estudam alguma questão importante e de interesse geral.

Irineu censurou a intervenção d'um capanga hermista, que, de faca desembainhada, dispersou uma reunião de anti-hermistas no largo de S. Francisco de Paula.

Barbosa Lima avisou o presidente de que recebera uma carta anonyma ameaçando-o de morte, caso continue a atacar a candidatura Hermes.

— Porém eu falarei ! Falarei !

As galerias romperam em palmas.

Seabra seguiu para a Bahia. Disse que ia organisar ali o partido hermista.

24 de Julho

Na saleta do café, Barbosa Lima contou que, ha dias, collegas seus, militares, avisam-no de que lhe estão preparadas aggressões. Esses boatos merecem-lhe inteiro credito. E, portanto, está preparado para reagir á primeira demonstração. Quando referia essas occorrencias, entre dois goles de café,

irritou-se, e, sacando de um revólver, mostrou-o com o dedo no gatilho :

— Podem matar-me, mas morrerei de pé. Em Pernambuco, minha familia passou muitos dias de sobresalto. Agora, eu venho para a rua Só! A' primeira ameaça defendo-me !

As pessoas presentes ouviram-no de olho arregalado, sem uma palavra, mas approvando-lhe a disposição.

No recinto pedia a palavra Jesuino para responder. Irineu pôz se a ouvil-o com a cabeça de lado pestanejando sob os oculos fumaçados.

Galerias e tribunas cheias. A' direita, do lado do mar, collocaram-se os partidarios dos politicos anti-hérmistas. A' esquerda, os da candidatura Hermes, com o agitador Pinto de Andrade, no centro, de pé, apoiado a uma bengala amarela, a testa ampla e os olhos accesos para o orador

De um e outro lado havia estudantes

Jesuino discursava nervosamente, com vivacidade extraordinaria.

Quando criticava ao deputado Irineu, Pinto de Andrade, gravemente, concordava com a cabeça. Isso indignou a muitos. O presidente mandou tomar-lhe a bengala. Desde então, os braços cruzados, o queixo sobre o thorax, era o tronco que aplaudia, indo e vindo com magestade.

Em poucos minutos, Irineu passou a interromper o orador. Trocaram-se muitos apartes, os tym-

panos intervieram e affirmou-se estar presente um capanga, que chegara á rua da Misericordia em automovel. Por fim, Irineu passou para o corredor e pôz-se a passear. Jesuino continuou a resposta. Quando censurou os epithetos asperos proferidos pelo deputado carioca contra Seabra e Pinheiro Machado, José Carlos de Carvalho, que assistia recostado á tribuna, firmou se e disse, em defesa de Pinheiro Machado:

— Mas não é assassino!

Irineu estacara, voltando-se immediatamente para o ponto de onde partiram aquellas palavras.

— Mas não é assassino, repito!

E batendo no peito:

— Quem o disse fui eu! Prompto.

Irineu caminhou rapido e, parando á bancada bahiana, disse encolerizado, com o indicador para João Lopes:

— Se a Camara tivesse um presidente, havia muito tempo que certos individuos não entrariam aqui.

Inda de pé na galeria, Pinto de Andrade julgou-se offendido com estas palavras e fechou a cara para o deputado, rangendo os dentes.

Irineu viu-o n'esta posição.

Com um gesto aggressivo, o agitador disse uma palavra, que se não percebeu.

— E, censurou revoltado Irineu, consente-se q ui um individuo que vem insultar um deputado.

Pinto de Andrade gritou lá de cima :

— Assassino ! Assassino !

Em torno, populares punham-se de pé nos bancos, alguns sahiam. O agitador, cada vez mais encolerizado, descompunha Irineu.

— Assassino ! Anda p'ra rua, assassino !

N'esse momento, Galeão Carvalhal perdeu a calma e virando-se para os seus collegas paulistas, convidou-os:

— Vamos protestar !

João Lopes mantinha-se sereno, com os olhos no orador, que suspendera o discurso e olhava a mesa pestanejando.

— Vamos protestar ! bradaram ao mesmo tempo diversos deputados da minoria, salientando-se Costa Pinto, que batia na carteirinha.

Irineu fallava continuamente, ora dirigindo-se á mesa, ora indicando a galeria. Pinto de Andrade respondia:

— Assassino ! Assassino !

De repente puxou um revólver. Um guarda civil levantou-lhe o braço. Outros guardas e soldados cercaram-no, enquanto muitos se afastavam atemorizados. A Camara toda estava de pé. Da banca da paulista diziam :

— Mande retirar esse homem da galeria, sr. presidente.

Irineu clamava :

— E' uma desmoralização para o parlamento ;

— Vamos protestar!
 — E' uma vergonha!
 Da galeria vinham vivas.
 — Viva o marechal Hermes!

João Lopes suspendeu a sessão. O orador foi para o gabinete do presidente. Pinto de Andrade era preso e conduzido para fóra da Camara. Em baixo, populares receberam-no furiosamente.

— Mata! Mata!
 — Viva a policia.

Davam palmas. Entrava no recinto, surpreso pela anarchia que reinava, Carlos Peixoto. Todos discutiam o caso. O maior numero, profundamente exaltado. Um grupo de amigos do ex-presidente cercou-o e, por alguns minutos, uma onda affectuosa de saudações acompanhou o, cortando alegremente o rumor dos protestos e recriminações.

Ouviam-se as palavras indignadas de Irineu:
 — Querem assassinar-me! Mandam capangas para a Camara para assassinar me. E' uma ámostra do governo que vem moralisar a Republica!

Era esta, mais ou menos, a expressão de todos os deputados da minoria e de alguns da maioria, que se revoltaram com o caso. A galeria da direita, onde estavam populares sympatheticos a Irineu, permanecia silenciosa. Da outra desciam, de vez em quando, aclamações extemporaneas. Um negro atarracado, a cara quasi quadrada, carapinha aberta ao meio, a boca enorme, beiços grossos, den-

tes alvissimos, sempre que augmentava a balbúrdia do recinto, bramia, com a cabeça de banda :

— Viva o *marechá Herme!*

Coelho Netto saira de sua poltrona, viera até á mesa n'uma extrema exaltação :

— Nunca se viu isto em parte alguma ! Protesto contra este vandalismo ! Não é na defeza do collega offendido ! E' em nome do decoro da Camara ! E' descer de mais ! Não temos garantias ! E' preciso protestar em nome da dignidade d'esta Camara !

Carlos Peixoto tomou-lhe o braço. Coelho Netto não o reconheceu imediatamente :

— E' descer de mais ! E' descer até á lama !

— Venha cá, *seu* Coelho Netto. Quero abraçal-o, que não o vejo ha muito tempo.

Abraçaram se. Na bancada do Rio Grande do Sul applaudia-se o caso do dia, justificando se, como represalia ao que, dizia-se, tem a maioria sofrido dos capangas trazidos pela minoria. Rivadavia exclamava :

— Mas quem iniciou ? Foram elles ! Traziam. Nós nos calavamos. Agora faz-se o mesmo e vão protestar . . .

Veiu um collega recordar :

— No começo das sessões foi prohibida a entrada de Pinto de Andrade aqui, que andava fazendo seguros de vida. O Irineu foi quem arranjou com a mesa a entrada d'elle novamente.

— Foi o proprio Sr. Irineu!

A' ponta da bancada paulista, cercado por muitos collegas e reporters, Barbosa Lima contava :

— Eu tenho sido ameaçado. Querem tolher-me a palavra. Pois falarei ! Se é esta a amostra do governo que vem moralizar a Republica, fujamos d'esse governo !

A' bancada mineira appoia-se a aggressão considerando-a um meio de harmonisar a situação das galerias. Manoel Fulgencio, de pé, enraivecido, apontava para o lado onde Irineu resurgia, rubro, protestando sempre. No corredor o almirante Araujo Pinheiro censurava a policia do Sr. Leoni Ramos. Então Balthazar Bernardino, que lhe estava ao pé, convidou-o :

— Venha dizer isso no recinto ! Tenha a coragem de fazel o publicamente ! vá pedir a palavra ! Diga no recinto !

Outros o acalmaram. Barbosa Lima ainda fala va :

— Eu não mudei ! Estão enganados ! Sou o mesmo de 20 annos atrás Sou o mesmo tenente que se oppoz á eleição de Deodoro E tenho hoje os mesmos motivos. Querem matar-me por isso. Mas eu hei de falar !

Os deputados paulistas e alguns bahianos protestavam alto :

— E' uma vergonha !

— E' a desmoralisação do regimen !

— Indigno do parlamento.

— E' preciso providenciar.

De surpresa, entra Jesuino zangado, apontando para o corredor. Cercam-no. Elle diz:

— E' aquelle homem! E' aquelle homem!

Mas, sóbe da rua uma grande algazarra. São individuos que desceram da galeria, aos vivas, aos morras! Correm deputados a vel-os. O tumulto diminue, vae-se extinguindo.

Muitos se sentam. Alguns bebem agua, e João Lopes, entrando, sisudo, reabre a sessão.

Falam diversos deputados pela ordem. Quando estava com a palavra Irineu Machado, o negro da boca enorme, beiços grossos e dentes alvos, interrompeu-o:

— Viva o *marechá Herme!*

Surgiram outros vivas. Immediatamente, deputados da maioria e da minoria pediram fosse evacuada aquella galeria. Luiz Murat, que chegava e conversava com Coelho Netto, levantou-se com indignação:

— Mande evacuar a galeria! Mande evacuar a galeria!

E outros:

— Mande evacuar a galeria!

— Cumpra o regimento, sr. presidente!

Foi evacuada a galeria da esquerda. A do lado do mar assistiu calada, pacatamente.

Antes de descer, o negro deu outro viva:

— Viva o marechá Herme!!...

Entrou, então, um largo jacto de luz, clareando o recinto, enquanto batiam ferraduras no calçamento. Era a cavallaria que rodeava o edificio. Na rua estacionavam centenas de pessoas.

Pinto de Andrade contava proezas:

— O Irineu aecusou-me Chamei-lhe assassino e acabei a sessão da Camara.

26 de Julho

Pedia Antonio Nogueira o andamento d'um projecto anti-proteccionista, de Barbosa Lima, o que manda diminuir de 30% o imposto sobre alguns generos alimenticios, entre os quaes o xarque. Como Eloy de Sousa apoiasse o orador, Nabuco de Gouveia, gaúcho e o mais musculoso dos deputados, poz-se a combatel o. Ficaram os dous, defronte um do outro, a discutir. De repente Eloy de Sousa alteou a voz:

— E' uma injuria que V. Ex me faz!

Olharam-no todos. Elle repetiu:

— É uma injuria! Eu não defendo interesses de companhia alguma!

— Defende, brada Nabuco, defende interesses de duas companhias !

— E' uma injuria! Defendo interesses do meu Estado!

— Não senhor ! V. Ex. defende interesses de salinas!

— E' uma injuria!

Nabuco respondia tambem alto, com muitas palavras, enquanto Eloy de Souza, reagia:

— V. Ex. é um grosseiro! Vem para aqui offender seus collegas! E' um grosseiro! E' um grosseiro! E' um grosseiro! E' um insolente !

E como Nabuco de Gouveia insistisse na affirmação offensiva, Eloy precipitou-se para elle destemidamente. Então José Carlos de Carvalho, que estava á entrada da bancada, levantou-se e abraçou-os. Outros correram, puzeram-se-lhe á frente e evitou-se maior conflicto. Barbosa Lima, que assistia á ponta da bancada paulista, disse :

— São as bellezas do regimen proteccionista. São os golpes de tarifa...

Eloy retirava-se. Mas, passando por Barbosa Lima, ainda falou :

— Grosseiro ! Dizer que eu defendo interesses de salinas ! Eu que entrei para a politica com alguns haveres e estou pauperrimo !

— V. Ex.^a devia ter dito que defendia o xarque...

Eloy dirigiu-se para a mesa, onde ficou a escrever. Nabuco passou a tarde explicando-se, justificando-se. Que não quizera offender.

—
João Mangabeira discursou sobre a successão presidencial. Romantico, porém loquacissimo. As galerias aplaudiram-no longamente, estrepitosamente. Não satisfeitas, esperaram-lhe a saída e acompanharam no, aos vivas, ás palmas, até a avenida Central.

Foi escolhido *leader*, em substituição a Seabra, o deputado mineiro Astolpho Dutra.

—
28 de Julho

José Carlos, com a palavra, perguntou:

— Não ha quem se queira ocupar do assumpto momentoso das candidaturas presidenciaes?

Não havia...

— Não ha? Pois falo eu.

Na rua operarios assentavam trilhos para a nova linha de bondes electricos do largo do Paço á Lapa, malhando compassadamente nas barras de aço. E José Carlos, alteando a voz, luctando com o som metalico, terno pardo, face bronzeada, olhos castanho claro, cabello grisalho, com trumpha e uma corrente de ouro grossa atravessada da casa para o bolso baixo do collete, começou a combater a opinião escripta de um tenente da armada, sobre a escola de aprendizes marinheiros de Pirapóra.

— Eu fui á Pirapóra !

Tinha ido, e queria para si a primasia nos estudos sobre a Pirapóra :

— Sr. presidente ! Cada vez que folheio os annaes d'esta casa, vejo, pagina a pagina, manifestações de minha dedicação á causa publica. Eu não me comparo com os cogumelos. Não me posso comparar a um simples 2.^º tenente, com cinco annos de prática ! Não se pode comparar o trabalho de um collega ao de uma tartaruga ! Ao de uma preguiça ! Para que não se veja simples fantasia no que digo, aqui está.

N'um arranco dramatico, mostra um livro aberto, onde, de longe, se vê, em photogravura, um navio.

— Aqui está a figura do orador trepado em cima do monitor *Rio Grande*. Sr presidente, eu fui offi-cial do *Rio Grande*, na guerra do Paraguay. O *Rio Grande* foi a guarda avançada da nossa esquadra, na passagem de Humaytá. Mudando de comandan-te, fui convidado para immediato.

O deputado Sebastião Mascarenhas, que digeria silenciosamente á ponta da bancada mineira, ou-vindo taes referencias á guerra, aconselhou, falando para si :

— Homem, prenda logo o Lopes e acabe com isso . . .

Imperturbavel, o orador proseguia :

— Pois, Sr. presidente, é um homem da competencia do orador, com tradições e serviços na de-

fesa da patria, que vem ser contestado por uma creança !

Contou depois que visitou a Pirapóra com um official de marinha. E mostrando uma photographia:

— Está aqui o retrato do official! Para attingir ás pedras, dei-lhe a mão! Dei-lhe a mão! E no salto, Sr. presidente, o cachorro se mostrou mais perito que o mestre da academia naval.

29 de Julho

Estreia de Coelho Netto combatendo o parecer de Germano Hasslocher sobre o hymno nacional. Germano Hasslocher opina que a letra não é condição essencial do hymno. Pensa ao contrario Coelho Netto. A estreia, fel-a Coelho Netto depois das discussões partidarias. Iam a sair, já fatigados, os deputados; mas ouviram ao presidente: «Tenha a palavra o sr. Coelho Netto», e tornaram ás bancadas. Coelho Netto caminhou nervoso, a vista baixa, para a tribuna. Fez-se um grande silencio. Elle subiu, olhou á mesa atravez as lunetas, fixamente, e, com uma energia quasi aspera na voz, maneira que lhe é natural, disse :

— Vim aqui como artista.

Vinha como artista, combater a seu companheiro de mocidade, um dos espiritos mais lucidos que a sua intelligencia defrontara, Germano Hasslocher.

Sentado em frente, Germano Hasslocher sorria. Coelho Netto recordou-lhe a origem germanica, e a primeira parte do discurso foi uma scintillante conferencia sobre a musica e a poesia patrioticas da Allemanha. Porem, depois, criticou o parecer, apostrophando a letra do hymno brazileiro, que não passa de adulaçao ao imperador Pedro de Alcantara, moldada em pessimos, ignobéis versos. Contou que Euclides da Cunha, quando n'uma commissão no Purús, uma noite ouvira um canto religiosamente sentido, propagando-se na floresta, canto que lhe vibrou a nervosidade requintada de artista. Approximou-se e, a certa distancia, viu, em torno de uma fogueira, um troço de peruanos cantando o hymno de sua patria. Uma immensa tristeza encheu, então, a alma do nosso illustre patrício. Chegaria o dia 7 de setembro, os peruanos avançariam e, enquanto elles lembravam a terra distante nos versos e na melodia do seu hymno, os brazileiros não possuiam palavras para cantar a nossa grandiosa musica civica. D'este facto Coelho Netto conclue que o nosso hymno é um hymno que não fala, e termina apresentando um projecto promettendo o premio de dois contos de réis ao poeta que melhores versos adaptar á musica de Francisco Manoel.

O discurso entusiasmou o auditorio, que effusivamente applaudiu a Coelho Netto. Germano Hasslocher respondeu, com uma erudicção espantosa. Discurso menos litterario, porem muito brilhante,

mais documentado e por isso mais demonstrativo. O pensamento essencial da resposta de Germano Hasslocher foi que a musica se deve inspirar nos versos, e nunca a poesia interpretar a musica

—
2 de Agosto

José Carlos e Bezerril Fontenelle, um dos deputados de maneiras mais simples, encontraram-se junto á mesa:

—Então você chamou o Irineu bandido, hein, seu Bezerril?

Afastando-se, Bezerril fez um beiço de zanga e contestou, na sua pronuncia cearense, sem *rr* e sem *ss* finaes:

—*Sinhô*, eu já disse e até já publiquei no *jornal* que não chamei o Irineu bandido. Isso é uma *mintira* que aqui foi inventada. O *qu'eu* disse foi só isso. O Irineu *tava* fallando aqui sobre greve e eu dei um á parte, chamando bandidos *todos esse* que *andon pur ahi isplorano c'os opéraro, fazeno greve.*

—Mas é o que corre...

—*Sinhô*, eu havia de *chamá* o Irineu bandido, que eu *cunheço* desde o Irineu pequeno? Ora! *Tá-se* vendo logo *qu'é* intriga

Despedindo-se de José Carlos, Bezerril Fontenelle foi cumprimentado por Lindolpho Camara, ex-secretario do ex-ministro Campista e representante

do Rio Grande do Norte. Deputado novo, e já Lindolpho se queixava de ocupações, muitas ocupações :

— Pois, senhor, nem tempo tenho de arrumar os meus livros !

— Ai ! Ai ! Ai ! Eu cá sou a mesma coisa ! A mesmíssima coisa ! Tenho *munto* livro, muito folheto, muita revista, mas não sei onde está coisa *ninhauma* E' uma misturada de todos os diabos.

— E' o que se dá comigo — informa Lindolpho melancolicamente — E eu não sei onde está nada e não tenho tempo de arrumar. E' uma balburdia. Um livro por cima do outro, jornaes pelo meio.

— E eu tenho mais isto. Um menino lá, um menino que pega em um livro, abre, sacode p'ra lá, ninguem sabe. Olhe, nas ferias eu me lembrei de arrumar tudo. *Mas quá !* Tive lá tempo ! N'essa terra a gente tem tempo p'ra nada !

As palpebras de Lindolpho Camara derrearam-se :

— Eu cá, quando preciso, não acho nada. Tudo desarrumado. Pois, na província, eu tinha tempo para tudo, lia, estudava, arrumava. Aqui não sei. .

Também Bezerril, na província, tinha tempo para tudo :

— *Sinhô*, sobrava-me folga até p'ra *tratá* de uma *plantaçāosinha*, de uma horta lá *in casa*, e agora . . .

3 de Agosto

Os hermistas teem comparecido em pequeno numero. Porque andam os anti-hermistas em preparativos para a reunião da Junta, que será a 22, vão igualmente poucos á Camara. Têm sido curtas e desanimadas as sessões.

5 de Agosto

Uma senhora esperava, no gabinete destinado ás senhoras, um continuo que lhe levasse o cartão a Eusebio de Andrade. O salão fica ao fundo. Abre para a rua da Misericordia. Afasta se um repos-teiro verde e dentro estão sentadas as mulheres de varias edades e varias condições, que esperam deputados. E' forrado de papel cinzento o gabinete. Das paredes lateraes pendem dois altos espelhos antigos, de moldura larga, que assentam sobre *consoles* negras com recamos dourados. Ha um sofá á direita de quem entra e cadeiras baratas espalhadas no tapete. Ao fundo, um filtro sem agua. As mulheres sem attractivos que frequentam o gabinete, passam tardes inteiras sem serem attendidas. Outras, novas e bonitas, são mais felizes. A que procurava o deputado Eusebio era uma pobre creatura mal vestida. Como o continuo demorava, foi para a porta,

e aconteceu que, ao chegar, viu Eusebio pelas costas, subindo a escada que leva ás salas de commissões. Subiu. Eusebio, porém, sumira se. Esperou. Afinal apareceu um sujeito :

— O senhor é d'aqui ?

Era. Não vira o doutor Eusebio de Andrade, mas podia procural o. Foi e voltou sem o ter encontrado. Entretanto, ficou se ao pé da senhora. D'ahi a pouco, em baixo, ouviram se gritos:

— Socorro ! Este homem quer-me roubar !

O sujeito era um gatuno, que, ficando com a senhora, procurara meios de lhe subtrair a bolsa.

6 de Agosto

Barbosa Lima prometteu combater, por todos os meios ao seu alcance, a candidadura Hermes. Declarou :

— Sou incuravelmente adversario da candidatura militar.

7 de Agosto

Na ordem do dia, os anti-hermistas correram para o corredor. José Carlos avisou ao presidente :

— Tem dez lá fora, sr. presidente . . .

Justificando um projecto sobre o contrabando, Honorio Gurgel constatou que ha mercadorias que pagam, ao entrar no Brasil, 200%. Honorio é ledor. Citou Cicero :

— Já Cicero contava que, em Roma, não só os peregrinos eram revistados ao penetrar na cidade eterna. Tambem o eram os imperadores.

9 de Agosto

Affonso Costa, um nervoso, que é poeta e discute questões de ensino, discursava sobre a marinha mercante.

— E' de Pernambuco que elle está fallando? — perguntou João Cordeiro a Correia da Costa, pessimista irreverente quando confidencia.

— Marinha mercante! O melhor é esta do ministro da marinha. Baixou um regulamento obrigando as barcaças a conduzir um piloto, que ganha mais que o frete de toda a carga.

— E', hein?

— Pois não é? Vê, um pobre que tem uma em-barcaçãosinha de vela, navegando de Alagoas p'ra o norte, pôde pagar 300\$000 réis a um piloto? Porque tem dois mastros — diz lá o regulamento.

Tem dois mastros, elles pintam, dão até o nome de hiate, mas é uma coisinha de nada. . .

— Então é d'isso que elle está fallando?

— Não, senhor. E' da marinha mercante... — responden Correia da Costa, e retirou se. Mas parou junto a Alberto Sarmento:

— P'ra que aquillo?! Vem p'ra'qui, grita, blazona, e que é que consegue? Nenhum faz caso do outro aqui dentro. Cada qual vive p'ra si. Eu acho inutil esta instituição. O executivo faz o que quer, casa, baptisa... Acho inutil.

10 de Agosto

Depois da sessãozinha de doze minutos, contavam-se anecdotas picarescas, quando principiou de circular um album de photographias da cidade, destinado á actriz franceza Louise Sylvain, colhendo assignaturas de deputados Levou-o o offertante, o redactor da *Etoile du Sud*, Henri Morel.

Indo assignar Barbosa Lima, mostrou-lhe Semão Leal um alfinete de gravata terminando por uma chaleira de ouro.

— E' do Bueno de Paiva...

— Não, não pego; esta chaleira está na ponta de uma espada.

—
12 de Agosto

Prestou compromisso Costa Marques, de Goyaz. E' alto, esguio, moreno escuro, andó grisalho, olhos grandes. Parece um arabe.

—

José Carlos apresentou um projecto mandando construir um palacio para o Congresso Nacional, um edificio para a Faculdade de Medicina, um para o Forum e outro para o Correio.

—

Votaram-se alguns projectos. Mas, de repente, Candido Motta pediu verificação Restavam 107, o numero de deputados indispensavel para as votações Então Candido Motta se retirou chamando os collegas:

—Altino, sae...

Altino estava distraido:

—Hein?

—Vai te embora...

Na chamada, Graccho Cardoso respondeu em francez:

—*Je suis présent...*

—

Barbosa Lima criticou a politica megalomana dos presidentes da Republica brasileiros. Quando se referiu ao credito illimitado, que se votou para a recepção do rei de Portugal, José Carlos lamentou-se:

—Estou muito arrependido de ser o auctor d'essa idéa.

Barbosa Lima ironicamente concordou :

—Sim; porque o rei morreu e o credito inda vive...

13 de Agosto

Hosannah de Oliveira, da familia catholica da Camara, pediu que venha á ordem do dia um velho projecto sobre o Acre. Contou que o projecto, antes de ficar esquecido na commissão, fizera uma longa viagem, fôra ao Acre Soubéra o no Cattete, do presidente Penna.

—Eu tenho necessidade — confessára o presidente — de ouvir os prefeitos sobre o projecto. E só depois d'elle voltar, conforme a informação que tiver...

—Mas não estou comprehendendo, dr. Penna. Quem é que volta ?

—O projecto, senhor ! Pois não sabe? Eu mandei o projecto para o Acre. Depois, então... Sim, de acordo com os prefeitos, farei o possivel.

Lembrou Cardoso de Almeida a Luiz Domingues que podia este organizar «uma oligarchiasinha no Maranhão» ...

— Não. Falta-me vontade e parentes...

Os anti-hermistas destacam diariamente um collega para pedir verificação. Chamam-lhe o *com-mandante*.

Regressará amanhã Seabra.

— 15 de Agosto

Aproveitando a ausencia dos deputados hermistas, que tinham ido receber Seabra, os anti-hermistas fizeram uma sessão constituindo a mesa de elementos seus. Houve discursos. E dois deputados hermistas que não foram ao caes, Affonso Costa e Germano Hasslocher, usaram da palavra.

16 de Agosto

A morte de Euclides da Cunha.

Os primeiros deputados, chegando, renovaram as suas distrações habituaes. Este contava do frio, maior que o da noite de S. João; outro explicava a ausencia de Carlos Garcia, que, depois do reconhecimento, só agora volta á Camara. Adoeecera. Seabra reapparecia e era acolhido por abraços de boas vindas. Os reporters prenunciavam não haver sessão por causa da chuva. Era quasi 1 hora, quando Coelho Netto entrou, parando sob o relogio, onde encontrou João Lopes. Formou-se, então, na bancada da imprensa um pequeno grupo entristecido, lamentando a incommensuravel desgraça, a morte tragică de Euclides da Cunha. Pelos gestos de Coelho Netto, adivinhavam se as suas palavras e a grande amargura que o alanceava. O presidente ouvia-o, sugestionado pela narrativa, com um ar funebre. Pôrém lobrigou, entrando do corredor, o segundo vice, recem chegado do Espírito Santo. Nada mais o interessou. Despediu-se do publicista e foi saudar o collega.

Abraçaram-se junto á mesa, effusivamente.

Torquato Moreira trouxera da viagem muita alegria, e dando a mão a João Lopes, transmittiu-lh'a toda. Inda trocaram um *shake-hande* theatral, com

vigorosos puxões, como nas pantomimas norte-americanas.

Coelho Netto ficara ao lado de Paula Ramos. Um momento falou do infeliz amigo morto.

— Era um puro. Era uma alma muito pura. Estalou...

E sem terminar a phrase, desceu, demorando-se ao pé da tribuna, onde se sentava Luiz Murat, abatido no seu *pardessus* claro. Foi um encontro doloroso para os dois homens de letras. Entreolharam-se, comunicaram-se n'esse olhar a funda commoção que os abalava, e foi Coelho Netto quem fallou de Euclides. Fôra um bom. Sabio, trabalhador, vivia na sua torre de marfim, fazendo de seus amigos uma especie de culto. Logo ao saber da morte de Euclides, correra á Piedade. Tivera uma vertigem, cairá n'uma cadeira.

— E sabem quem me veiu alentar?

Já estavam Faria Neves Sôbrinho e outros.

— O proprio filho de Euclides.

Uma surpresa incomparavel o fim d'essa existencia luminosamente boa. E quasi abandonado na morte. O cadaver passara a noite desrido, n'uma mesa de marmore do Necroterio. De manhã cedo, Olavo Bilac fôra á sua casa:

— Netto, é impossivel! O cadaver de Euclides está inteiramente nú.

O barulho dos tympanos annuciou a sessão. Finda a leitura do expediente, Erico Coelho,

descalçando as luvas pretas, caminhou para a sua bancada e pediu, em poucas palavras, um voto de pezar pelo falecimento do extraordinario brazileiro, que nascera no seu Estado, o Rio de Janeiro.

Depois, Coelho Netto chegou-se, ficando defronte da presidencia, entre as duas ordens de bancadas. Todos os deputados vieram ouvil-o de perto. Notava-se que só no cumprimento de um dever estava elle ali. Pallido, o olhar quasi n'um desvairamento, a voz mudada, fez o elogio do forte burilador dos *Sertões*. Havia no recinto uma attitude geral de respeitoso carinho por aquella oração dolorosa e eloquente, diante do drama brutal, em cujas malhas perfidas succumbira o mais viril representante da cultura brazileira.

Coelho Netto começou a descrever a scena que defrontara no casebre da Estrada Real de Santa Cruz. De repente, parou, derivando o discurso para a apreciação do irreparavel, que ha para todos na perda do grande homem :

—A morte vive a ceifar a fina flor do nosso espirito.

Sente Coelho Netto que ha um mysterio que sua palavra não quer desvendar, e que não occulta o nobre, adamantino caracter de Euclides da Cunha.

—Mas o paiz deve conhecê-lo — aparteia Luiz Murat.

Agora é o sertanejo que agradece ao excepcional estylista a reivindicação da terra desconhecida

do norte, raça de caboclos trabalhadores e bons, reserva poderosa da nossa nacionalidade, que Elle, o poeta dos simples, dos humildes, tão clara e affectuosamente comprehendeu.

Coelho Netto termina, sempre brilhante, tributando a Euclides da Cunha um voto de agradecimento, em nome da gratidão do norte, voto de admiração, de saudade e de amor.

17 de Agosto

Subindo a escada, Rodolpho Paixão deparou um continuo e responsabilisou os continuos pela falta de pontualidade no recebimento da sua correspondencia.

— E olhem lá ! Que não aconteça outra ! Porque senão pedirei providencias á mesa !

— Mas seu doutou, as cartas foram para a secretaria De lá é que devem seguir.

— Não, senhor ! Que não aconteça outra !

Votação. Eduardo Socrates, *commandante*, pediu verificação e saiu da bancada :

— Não senhor ! Não saia ! Peça verificação, mas fique --- clamou-se.

—Vou examinar, vou contar eu mesmo! —respondeu caminhando para a mesa.

Fizeram-se novos protestos. Aquillo era uma affronta aos secretarios. Era uma affronta á maioria. Sobressahia a voz de José Carlos:

—Não pôde! Não pôde!

Alcindo Guanabara e Torquato Moreira contemplam as bancadas. Está se votando sem que ninguem queira perceber o que vota. Torquato observa:

—Você vê, esta Camara é a mesma da legislatura passada. Os novos são muito poucos. A mesma. Não mudou e está cançada, Alcindo.

—Eu —disse Alcindo Guanabara -- não vejo na ordem do dia nada que me attraia.

—E é.

—Quando houver na ordem do dia alguma coisa importante, eu venho. Mas para votar coisas de interesse pessoal, não venho aqui.

Estando a Camara cheia de adversarios da candidatura Hermes, Seabra tentou impedir Barbosa Lima de fallar. Deputados em grande numero e mais de cem delegados da convenção dé depois d'amanhã estavam espalhados pelo recinto, nos corredores,

traindo a satisfação e espanto d'aquelle logar respeitavel, olhado da província e, effectivamente, na occasião, apresentando uma solemnidade grande. A tribuna dos diplomatas encherá-se. Na outra havia senhoras. Nas quatro dos cantos apertavam-se os parentes dos deputados, pessoas gradas, distinguidas por um cartão de entrada especial. E nas duas galerias, de pé, viam-se centenas de estudantes, pessoas de outras classes, de postura respeitável e curiosidade aguda.

Seabra levantara uma questão regimental: que Barbosa não podia falar para explicação pessoal durante a ordem do dia:

—Ha precedentes — contestou Carlos Peixoto — O sr. Barbosa Lima pode fallar. Ha o precedente do sr. Correia Defreitas; ha o do sr. Jesuino Cardoso!

Seabra simplesmente observou-lhe:

—O nobre deputado entusiasma-se muito.

—Eu me entusiasmo quando quero! Não peço licença a ninguem!

Deputados anti hermistas apoiaram Carlos Peixoto. Tumulto. Os tympanos serenaram a todos. Por fim, o presidente, João Lopes, resolveu a favor de Barbosa.

Assim animado, o deputado carioca subiu á tribuna, saudado por uma prolongada salva de palmas. Levava um maço de tiras escriptas, muito largas, e, começando, fechou a sobrecasaca sobre o peitilho lustroso e uma gravata branca, de laço á ingleza

A multidão aplaudiu-o calorosamente.

— *21 de Agosto*

Vespera da Junta da Convenção anti-hermista. Poucos deputados da minoria compareceram. Houve varios pequenos discursos. Fallou primeiro Germano Hasslocher, contra o Lloyd. Discurso esmagador. José Bezerra chamou verdadeiras «negociatas» as transacções do Lloyd.

— Verdadeira quadrilha — acrescentou Camillo de Hollanda — Verdadeira quadrilha de ladrões...

— Josino de Araujo discutiu o unico assumpto alheio á successão presidencial agitado agora na Camara, a industria Siderurgica. Josino é orador muito original, pelo pittoresco das suas ideias e da sua expressão. Estatura mean, carnudo, moreno pallido, é d'uma espantosa verbosidade. Alguns collegas vão ouvil-o para rirem. Depois de Josino, Alcindo Guanabara esclareceu a questão com muito methodo e muita claresa.

— *24 de Agosto*

E' pequena, desanimada a comparencia dos de-

putados hermistas. Hoje Seabra mandou um contínuo chamar os que tomavam café. Vieram. E não houve ainda numero.

—E hoje ainda não ha numero para as votações — lamentava o ex-deputado Ildefonso Alvim ao dr. Nuno de Andrade, que respondeu, referindo-se á reunião da Junta ante-hermista :

—Que quer, meu amigol Hontem foi a noite de nupcias — e estamos justamente na hora do chocolate . . .

25 de agosto

Estréa. Alaor Prata, mineiro, engenheiro, com uma viagem á India Alto, pallido, traja elegantemente e é distinco no trato Modestamente pediu a palavra á ponta da sua bancada e collocou em cima da carteirinha uma rumia de petições. Eram escrivanias eleitoraes pedindo remuneração do seu trabalho.

Os deputados mineiros conservaram-se na bancada, apenas mais perto do estréante. Com ser de uma simplicidade talvez nunca vista na Camara, o discurso representou tambem uma critica ironica ás tiradas oratorias, muitas vezes decoradas, com *pose*, attitudes solemnes e phrases campanudas... Alaor Prata justificou a representação como se estivesse palestrando em um grupo de amigos que se pudessem por ella interessar. Quando a oração ia em meio,

lamentando que os referidos funcionários fossem assim explorados, Astolpho Dutra levantou-se:

— E note-se, no Estado de Minas todos esses funcionários tiveram a chamada justiça republicana.

João Vieira aproximara-se. N'esse momento, viu-se um movimento risonho nos labios de Celso Bayma.

— Sim — concorda o orador — devemos satisfazer as suas justas aspirações. — E achando que esse *satisfazer as suas justas aspirações* é muito usado na safra actual de discursos parlamentares — a phrase é para dar solemnidade...

Astolpho achou que a remuneração do serviço não dará resultado:

— Certamente — diz o orador — e isso é até um attentado ao suborno. Mas eu não quero dizer tanto...

Para o auditorio, cansado de discursos bellicosos, dava o joven representante de Minas um esplendido exemplo

Assim, bem impressionado como todos, Celso Bayma lembrou-se de aparteal-o. Mas como falar alto seria atrair a attenção e ver o aparte publicado no *Diario do Congresso*, ciciou o seu reparo, de maneira que o tachygrapho comprehendesse não ser para tomar nota. Delicadamente, para não traír a discreção do collega, Alaor respondeu baixinho, e, um minuto o lapis do tachygrapho suspenso, ficaram os dois conversando.

Os olhos de Astolpho brilharam mais :

— Fala alto, para a gente ouvir . . . — E depois para Celso Bayma — Não interrompa o orador.

Esteve na Camara o ex-deputado Julio de Mesquita, director do *Estado de S. Paulo*. Familiarmente recostou-se á grade da acta e, poz-se a conversar com José Lobo. Falaram de horoscopos. Julio de Mesquita disse :

— Eu nasci em agosto, o mez dos desgostos.

Depois, pessimista:

— O peior é ter nascido Já dizia Anthero de Quental: «Sempre o peior é ter nascido.»

— Eu, com franqueza — responde José Lobo — não sou assim pessimista Acho a vida muito boa. E creio que não se inventou, nem se inventará melhor.

Chegou á Camara um telegramma dos estudantes do Paraná protestando contra a existencia da legação brasileira junto á Santa Sé.

26 de Agosto

Depois da Convenção, cuja secretariou, Cincina

to foi á Camara pela primeira vez. Entrou calmo, como distraido, folheando a ordem do dia, enfiou pela bancada bahiana e defrontando o seu adversario Rivadavia Correia, abraçaram-se os dois demoradamente, cordialissimamente.

Em conversa, na saleta do café, Ripper disse a Elpidio de Mesquita:

— Eu não sou hermista nem anti herminista. Eu sou *impedista*...

Como desconfiou que os reporters, que o ouviam, lhe publicassem a conversa, accrescentou olhando-os de lado:

— Digam o que quizerem de mim Mais do que burro, mais do que cavallo não me podem chamar.

27 de Agosto

Os actos da minoria hoje foram de oposição ao governo Nilo Peçanha. Deve ser que a minoria se haja convencido absolutamente da parcialidade do presidente, que está auxiliando a politica hermista. Iniciou o ataque Eduardo Socrates, a proposito do decreto que extingue a accumulação de empregos remunerados. Socrates chamou ukase ao decreto. Na ordem do dia, votou-se o primeiro artigo do pro-

jecto de eletrificação da linha suburbana da E. F. Central do Brasil Irineu criticou a forma d'esse primeiro artigo.

—Esse artigo já está votado — observa o presidente.

—Não importa! — E criticou o processo praticado pelo governo na adopção das propostas para a eletricificação:

—As normas seguidas, tratando-se de concorrência publica, é aceitar a proposta que mais vantagens offerecer. Aqui se escolhe a *preferivel*.

Irineu promette emendar o projecto na 3.^a discussão, explicando a critica de agora:

—Trato agora, porque não se deve deixar passar camarão pela malha, e eu quero levantar a ponta do véo. E' um esclarecimento.

Terminando, diz:

—O que se está fazendo é uma simulação de concurrencia publica.

E depois:

—Ha uma serie de negocios para a qual é preciso chamar a attenção da Camara: a Leopoldina, a eletrificação da Central e outros...

Em seguida pediu verificação da votação. Havia numero. Um minuto após já não havia. Novo pedido. Nova chamada. 108 presentes. Recomeçada a votação, manifestaram-se apenas 95...

Depois da convenção, depois que, com a escolha de Ruy Barbosa para candidato anti hermista, resolveu combater a candidatura Hermes e, ao mesmo tempo, o governo Nilo, a minoria passou a fazer a seguinte pilheria com a maioria. Pede verificação, respondem todos os oposicionistas á chamada e, uma vez recomeçados os trabalhos, vae saindo um d'aqui, outro d'ali, até que desfalcam o *quorum*. Então se pede outra verificação, com segunda chamada e desanimo da propria maioria, cujos membros, enervados, começam a deixar o recinto, ficando absolutamente impedida a votação.

Uma mulher do povo, mal vestida e velha, pendia, no gabinete das senhoras, um obsequio a Irineu. Perto, outra mulher, mais nova e bem vestida acabava de cochichar com um deputado.

— Parece atriz — disse Irineu a um reporter que olhava a velha. Esta, porém, se apressou em dar a seguinte informação:

— Aquella é parteira Eu conheço: é uma parteira e é hermista; agora eu sou toda Ruy Barbosa.

Esteve na Camara a actriz brasileira Nina Sanzi. Foi procurar Coelho Netto. Conversavam os

dous no gabinete das senhoras, quando Rodolpho Miranda entrou procurando-a.

— Oh! Como está a senhora? — perguntou apertando-lhe a mão — Inda é viva?

— Naturalmente...

—

28 de Agosto

Discussão de Socrates com Marcello Silva, também goyano, mas hermista e, sobretudo, dedicado ao ministro da fazenda, Leopoldo de Bulhões. O assunto foi a nomeação de um funcionário dos telegraphos para fiscal do governo junto a um collegio em Goyaz. Seabra soprava ao ouvido de Marcello argumentos contra Socrates. A minoria formou com Socrates e, em coro, atacava o decreto «desacumulador.»

— V. exc. é um despeitado! gritou Pedro Lago a Socrates.

— Despeitado, não! Isso é uma injuria que v. exc. me faz!

Acalmaram-se, porém, pois Lago se desculpou:

— Bom — applaudiu Henrique Borges — isso é mais delicado...

No entanto, Faria Souto, fluminense e adversário do sr. Nilo Peçanha, dirigiu-se n'estes termos a Socrates:

— V. exc. deve lançar o seu protesto assim : « Protesto contra o acto de ignorancia empavezada do presidente da Republica! Acto de ignorancia jurídica! »

E referindo-se á nomeação de Goyaz, já sentado, com a perna traçada:

— Isso só poderia acontecer na Ethiopia.

—
30 de Agosto.

Graccho Cardoso falou da tribuna, excessivamente lyrico. Tinha no parapeito um copo de cognac com agua e assucar.

—
31 de Agosto.

Estréa de Celso Bayma. Discursou contra o decreto extinguindo as accumulações. No meio do discurso pediu a Eduardo Socrates:

— Me mande vir agua que eu estou cons..., agua com um pouco de *cognac*, sim?

Veiu agua com *cognac*. Baseando Celso Bayma a sua argumentação na lei 44 B, que facilita as accumulações, a favor da qual votára, sendo deputado o actual presidente, Socrates accrescentou:

— O sr. Nilo falta á fé do seu voto.

E Araujo Pinheiro, fluminense, concluiu:

— E' caso de responsabilidade.

Prestou compromisso Felix Pacheco, poeta, prosador de muito merecimento, secretario do *Jornal do Commercio*. Representa o Piauhy, seu Estado. Foram á Camara assistir á solemnidade muitos jornalistas, que, prestado o juramento, abraçaram afectuosamente o novo deputado Vendo de longe Felix Pacheco cercado dos collegas de imprensa, Seabra correu a associar-se á manifestação. E abraçando a Felix Pacheco:

— Felix, meus parabens.

Ao contrario do commun dos «reconhecidos», por uma extrema modestia, não quiz Felix Pacheco seguir para sua poltrona por entre as duas ordens de bancadas, atrairindo a curiosidade de todos. Deu uma grande volta, ganhou ao corredor, atravessou o gabinete do presidente, sala dos retratos, gabinete do secretario, e pelo outro corredor chegou á bancada do Piauhy, que fica a um canto do recinto, quasi escondida debaixo da saccada de uma tribuna.

—
1 de Setembro.

Estréa de Faria Souto. Moreno, alto, bem penteadó, com alguns cabellos brancos. Tomou a palavra severamente, o paletó azul fechado, a mão direita mergulhada no bolso da calça. Atacou ao presidente Nilo, com adjectivação aspera. Contou que o deputado fluminense Oliveira Botelho pretende reformar o regimento da assembléa do Rio de Janeiro, regimento que o proprio Oliveira Botelho inspirára. Socrates commentou:

—E' o pae que renega o filho.

Mas Faria Souto passou a sustentar que o presidente da Republica é tambem chefe da opposição ao governo fluminense.

—Elle mesmo! Ajudado pelos seus sequazes!

—Como? — perguntou approximando-se Raul Veiga—Sequazes?! Se nós somos sequazes do presidente da Republica, v. exc. é sequaz do governo do Rio de Janeiro.

—Pois retiro o qualificativo. Retiro.

No emtanto, Pereira Nunes disse:

—No Estado do Rio está-se fazendo uma politica de improbidade!— E como Henrique Borges lhe respondeu gritando:— Não pense que eu tenho medo dos seus gritos! Seus gritos não me amedrontam!

—Nem os seus!

Tumulto. Tympanos. No meio da algazarra, Fa-

ria Souto conservava a mão no bolso da calça. A voz de Socrates sobressaiu:

— Hão de vêr! Hão de vêr!
E depois a de Barbosa Faria:
— E' o regimen das patotas!

2 de Setembro.

Socrates tornou a chamar o decreto contra as accumulações *ukase*.

— Ukase, ukeise, ukáse, seja lá como fôr! Sei lá! Contava Celso Bayma que alguns *accumuladores* haviam recebido os vencimentos de todas as funcções:

— Eu — refere Bezerril, que é militar — Eu não me achava com direito. *mais fôru* lá *in casa* me *chamá p'ra receber o dinheiro*, prompto! Que ve-nha...

Fedindo a collaboração dos collegas para combater o decreto, Celso Bayma disse que a Camara se não devia suicidar:

— Não deve — repetiu — Não! porque seria morrer como o Senado romano, que não teve a dignidade de morrer dignamente.

— Celso — falou-lhe Germano Hasslocher — meus

parabens. Em nome dos nossos antepassados do Senado romano.

Ferreira Braga, de S. Paulo, muito pallido (quasi todos os deputados são pallidos), que usa terno de casemira verde, apresentára um requerimento, e toda vez que se falava no requerimento, saía, desaparecia. Hoje Germano Hasslocher contou o caso :

—Não tenho que dar satisfação da minha conducta a v. exc.!

—Mas não se trata d'isso, senhor. E' que v. exc. apresentou um requerimento e toda a vez que o queremos votar, sae do recinto! Porquê?

—Porquê quero! Eu faço aquillo que entendo ! Hasslocher não se offendia:

—Perfeitamente, mas era de esperar que v. exc. ficasse...

—Não sou eu só quem sae!

—Porém os outros — intervem Bueno de Paiva — não apresentaram requerimentos!

Indignou-se tanto com isso Ferreira Braga, que até descruzou as mãos:

—Eu só faço aquillo que quero, prompto!

Queria Germano Hasslocher demonstrar que a minoria tem sido causadora do insucesso das votações. A minoria, porém, rodeou-o e, com gritos ensurdecedores, fez-o parar cinco vezes. Com tudo, Fer-

reira Braga terminou, retirando o requerimento.

—
3 de setembro.

Os deputados fluminenses discutiram o caso de haver o tenente Feliciano Sodré deshonrado uma rapariga na cidade de Macahé. Os oposicionistas responsabilisavam o presidente da Republica, protector do tenente, pelo desfloramento, e os governistas defendiam o sr. Nilo relembrando que o desfloramento se dera ainda no governo do conselheiro Penna.

— Inda no governo do virtuoso dr. Affonso Penna — observa Oliveira Botelho — Como se vê, não foi na administração do dr. Nilo Peçanha...

— Mas só agora — interrompeu-o Faria Souto — só agora se soube, depois da môça estar com cinco meses de gravidez.

— E' — diz José Carlos debochativo — só agora nasce a criança.

Gargalhada geral. Porém Oliveira Botelho, carancudo, procurou dar gravidade á discussão.

— Senhores, esse official está aqui e naturalmente sob as vistas das auctoridades judiciarias.

— Mas não foi punido! — exclamam.

— Então — pondera José Carlos — é um caso de *paixão no amor.*

—
Votação do projecto de electrificação da zona ur-

bana da E. F. Central. O deputado mineiro Vianna do Castello abandonou o recinto. Alaor Prata chamou-o.

— Venha votar.

— Não voto! Não dou numero!

— Então o dr. Vianna faz greve? — perguntou-lhe um reporter.

— Faço! Não dou o meu voto a essa patota da electrificação da Central! Não dou! Não dou!

—

4 de Setembro

Porque faltaram os deputados mineiros assíduos á hora regimental, não houve numero para a sessão. Barbosa Lima exclamou:

— Les dieux s'en vont...

E um reporter anti-hermista:

--- Qual maioria! Maioria que nem pôde abrir a sessão só porque os mineiros tomam o trem!...

—

Inaugurou-se o retrato de Carlos Peixoto, na galeria de retratos dos ex-presidentes da Camara. Assistiram unicamente o deputado Simeão Leal, segundo secretario, o director da secretaria e um redactor dos debates.

—

9 de Setembro

Discurso de Monteiro Lopes Trajava sobreca-saca preta e falou da tribuna, condemnando o decreto contra as accumulações, inesgotavel de citações:

— Já não servem as *inigualaveis* sentenças do immoredouro John Marshall, o incomparavel biographo de Jorge Washington? E Cooley, no seu livro *Constitucional limitation* (o titulo na pronuncia ingleza), os commentarios de Chief Justice Kent, Madison, Joseph Story, Ordonax, Fon Warths, os discursos de Webster em 1839 (Webster speeches), o *Journal of Convention* e o *Diario do Congresso* americano! Os deputados riam. Affirmava-se que o orador pronunciára «monsiú Cooley». Monteiro Lopes disse na peroração:

— Eu pediria de joelhos ao honra do Sr. presidente da Republica que não se esquecesse das idéas de Jefferson! Que continuasse a acatá a *indéusà* a *Repubrica*, que foi *sempre* a deusa dos *nosso sonho*!

—

Foi rejeitado o projecto de Coelho Netto offere-cendo dois contos de réis ao autor da melhor letra para o hymno nacional.

Opinião do deputado pessimista Correia da Costa:
 — A ordem do dia devia ser votada em bloco.
 P'ra que essas formalidades? . . .

— 10 de Setembro

O deputado fluminense Paulino de Sousa, adversario do presidente Nilo, declarou em discurso que, no presente exercicio, o *deficit* sobe a trinta e oito mil contos.

Conflicto entre os deputados do Paraná e os de Santa Catharina por causa da questão de limites entre os dous Estados. Não tendo de falar mais para o *Diario do Congresso*, conversaram amavelmente. José Bezerra pilheriou com Celso Bayma, por ter lhe ouvido um aparte irritado:

— *Hi, menino! Si você se mettê n'essa questão de home, eu passo-lhe a chinella . . .*

Falou-se no fallecimento de Guimaraes Passos, que morreu tysico, em Paris. Contaram-se anedoctas da vida do poeta.

12 de Setembro

Paraná e Santa Catharina. Discurso de Carlos Cavalcanti, que attribuiu soberania aos Estados. Galcão Carvalhal aparteou :

—Mas Estado não tem soberania . . .

Carlos Cavalcanti perturbou-se, porém, para não confessar que errara, sustentou obstinadamente o erro:

—Não! Eu accepto a soberania do Estado!

Galcão ria-se:

— Soberania é faculdade de União. O Estado tem autonomia . . .

Accusaram-se mais evidentes as gelhas do orador :

—Absolutamente! Soberania limitada, mas soberania.

Ha um brilho cruel nos vidros do deputado Paulo Ramos:

—Isso, não! Uma coisa exclue a outra!

Já riam. Isto levou Carlos Cavalcanti a sustentar mais energicamente o seu erro:

—Soberania! E' a minha opinião!

—

13 de Setembro

Inda Paraná e Santa Catharina. Discutiram fu-

riosamente. O orador paranaense foi Lamenha Luiz, um macambusio:

—Na defesa do Paraná não ha divergencias politicas. Desde que se trate...

—Da sua honra —atalhou Germano Hasslocher pilherico Carlos Cavalcanti gritou:

—Dos seus sagrados direitos! todos estão unidos como um só homem!

O ex-deputado catharinense Elyseu Guilherme, edoso e encanecido, respondeu baixo:

—E' como santa Catharina. .

Então Hasslocher, rindo, bateu a ponta dos dedos, no gesto de estumar.

—Sic! Sic! Sic!

14 de Setembro

Conflict entre deputados bahianos. Falava Ubaldino de Assis, nervoso, tremulo, suando. Costa Pinto deu-lhe um aparte.

— V. ex.^a foi até pouco tempo governista na Bahia.

Arremessando a cabeça, arremessando os braços, tremendo todo, Ubaldino respondeu-lhe:

— Não considero v. ex.^a com auctoridade para intervir nos meus actos! Quem é v. ex.^a?

Costa Pinto não respondeu.

— Quem é v. ex.^a politicamente na Bahia para

ter a pretenção de analysar a minha vida como homem publico?!

Costa Pinto continuava calado :

— Senhor deputado ! Seja commedido, senhor deputado !

Os deputados entreolhavam-se escandalisados.

— Seja delicado, senhor deputado Costa Pinto !

Então Costa Pinto se acalorou e poz-se a falar tambem:

— V. ex^a foi até pouco tempo governista na Bahia! Foi! Foi! Nega agora, mas foi! Foi! Foi!

Ubaldino, ao mesmo tempo, gritava de punhos cerrados:

— Eu não vim para aqui agarrado pela gola por chefe politico nenhum! V. ex^a me conhece!

Seabra, sentado a distancia, sorria.

15 de Setembro.

Discutindo a questão de limites, Carlos Caval-cante chamou os-bandeirantes «fundadores da civilisação brasileira». Germano Hasslocher exclamou:

-- Que fundadores da civilisação brasileira ! Elles fundaram foi a mascateação. Eram uns analphabetos.

16 de Setembro.

Discurso de Pedro Lago contra Seabra. Pedro

Lago defende o senador Severino Vieira, adversario que Seabra, implacavelmente, combatera da tribuna. Lago assestou o *pince nez* escuro, destendeu o braço n'um gesto forte e affirmou:

— Ninguem sabe mais injuriar que o deputado Seabra.

Seabra sentara se perto e sorria ás affirmações como esta. Quando fallava, proferia uma, duas palavras.

— Qual o homem que tendo desagradoado a V. Ex.^a, não fosse injuriado?

— Sim...

— Quem foi que esqueceu as injurias, os artigos injuriosos escriptos por V. Ex.^a contra o senador Pinheiro Machado?! Porventura essas injurias desappareceram da memoria dos homens publicos do Brazil?!

— Sim, vá dizendo...

— Por que havia então de escapar o senador Severino Vieira ás diatribes do nobre deputado, quando elle incorrera nos motivos de injuria?!...

— Póde dizer... Vá dizendo...

Recordou mais Lago que Seabra traíra ao Dr. Oswaldo Cruz, publicando, quando ministro, um relatorio que o bocteorologista lhe confiara. Seabra assumiu uma attitude imperativa :

— Prove!

E' rindo que o orador lhe responde :

—O nobre deputado está soffrendo de enfraquecimento da memoria...

—E', é! Eu estou soffrendo de enfraquecimento cerebral.—E baixo, a rir.—Ora que maluco esse!

Mas Lago, em seguida perguntou quem poderia ter offerecido ao *Correio da Manhã*, nas minudencias mais delicadas, uma conferencia que com Seabra tivera o Sr. Nilo Peçanha, em 1907, n'um compartimento recluso do *Hotel Globo*...

—E quaes eram as minhas relações com o *Correio da Manhã*?

Lago limitou-se a apontar Seabra com o *pincenex*, desdenhosamente.

17 de Setembro

Resposta de Seabra a Pedro Lago. Seabra subiu á tribuna e começou assim.

-- Só Deus sabe com que constrangimento subo a esta tribuna. E, no entanto, estou resignado, porque este é o pó da estrada politica.

Lago adoecera, não viera á sessão

Tentados pelas ultimas sessões, os *habitues* das galerias enchiam-nas Mais de cem deputados, a Bahia inteira, S Paulo civilista, sentaram-se. Havia senhoras em uma tribuna. Membros do Congresso de Geographia na dos diplomatas, e amigos de Seabra deliciados no corredor.

Pelo senador Severino aparteou apenas o deputado Eduardo Saboya. Os bahianos, adversarios de Seabra na politica federal, mas advesarios do senador na politica estadoal, mostraram-se satisfeitos com o discurso Seabra, por fim, renunciou ao cargo de *leader* da maioria.

18 de Setembro

A maioria negou a renuncia de Seabra.

Cincinato Braga defendeu se de accusações de jornaes hermistas, que o deram como chefe de uma conspiração politica com o fim de assassinar o marechal Hermes e o senador Pinheiro Machado. Cincinato chamou *bandidos* aos que o accusam.

20 de Setembro

Discurso de Carvalho Chaves, do Paraná. Tendo-lhe dado a palavra o presidente, Erico Coelho pediu a palavra pela ordem, notando que havia «deixado o seu cartão de visita ao presidente, pedindo-lhe que o inscrevesse». Findo o incidente, Carvalho Chaves pousou na carteirinha algumas tiras e pôz-

se a lêl-as, assumindo, porém, attitudes de quem improvisava Na saleta do café, Erico Coelho disse:

— A'manhã eu venho aqui com testemunha, ás 5 horas da manhã. Quando der o tiro das cinco, estou na porta da Camara para inscrever-me.

Na mesinha defronte senta se Carvalho Chaves, soprando e suando. Bernardo Horta, que se colloca entre os dous, diz a Erico que já é tempo de acabarem Paraná e Santa Catharina com essa guerra... E, para Carvalho Chaves :

— Então, cheguei, falei, arrolhei...

— Arrolhei, não! — contesta Celso Bayma, mexendo o seu café. Fui arrolhado Pois o Erico quasi dá n'elle...

21 de Setembro.

Barbosa Lima foi escolhido *leader* da minoria. Estreou no cargo com um longo discurso oposicionista.

Na gaiolinha da acta. Os deputados dão parabens ao velho Sá, o apontador dos deputados que entram, pois obteve aposentadoria.

— Sá, meus parabens.

— Sá, então tardou, mas veiu, hein.

— Sá, felicitações, pela aposentadoria.

Sá agradecia : «Muito obrigado, *seu doutor*».

«E' verdade, *seu doutor*», a perna traçada, defronte do substituto, que, com o amor paciente das iniciacões muito tempo alvejadas, enchia de cruzes a lista dos deputados.

Depois, como lhe perguntassem que annos passára na Camara, elle passou os pequeninos olhos pelo recinto e com as gelhas da testa salientes, cruzou as mãos sobre o joelho :

— Trinta e oito e meio. Entrei p'r'aqui em 71... Foi quando se fez a lei do ventre livre.

Elle se lembra perfeitamente, e é talvez a mais viva recordaçao d'esses trinta e oito annos de trabalho, a dos discursos do visconde do Rio Branco

— Era bem d'ali...

— E o visconde falava bem?...

— Oh! Era um parlamentar! Depois foi presidente do Conselho.

A perna tremia-lhe, quando fumava, com o lapis suspenso e os oculos descançando na orla da calva:

— Olhe, ali é que os ministros eram interpelados, ao pé da mesa, de frente p'r'as bancadas. Ah! n'aquelle tempo!

No intimo, Sá vê maiores os homens do passado. Mas não diz. Apenas, com o olhar brilhante e remoçado, cita-os. «Oh! Silveira Martins, Martinho de Campos, Affonso Celso, Lima Duarte, Zacharias! O visconde, esse era muito acatado».

— E expansivo, não? Conversava, andava pela sala, pelos corredores como os de agora...

— Sim... Conversava com a gente d'elle. O visconde era conservador. E um diplomata. Olhe, eu inda apanhei aqui o avô d'esse Paulino de Souza, o visconde de Uruguay.

Sá tambem trabalhou no Senado, e lá viu unicamente o imperador.

— Elle vinha n'aquelles coches todos envidrados! Oh! Elle e a imperatriz. Entrava com a corôa, o sceptro na mão, o manto por aqui, o papo de tucano.

E, batendo com o salto da botina nervosamente no scalho:

— Era bonito! O ministro de Estado vinha tambem. Vinha feito condestavel, n'um carro.

22 de Setembro.

Discursos, varios discursos hoje. Graccho Cardoso justificou um projecto equiparando os vencimentos dos funcionarios publicos. Affirmou que a situação do funcionario publico n'esta capital é a de um «proletario disfarçado». José Carlos discursou com grande ardor. Enthusiasmava-se com a musica e o sabor das proprias palavras, quando a preguiça da casa foi sacudida por um rumor de vozes alegres que vinham da rua. Immediatamente, correram quasi todos para as sacadas. Em baixo passava um grupo de estudantes divertidos, cantando, pulando,

conduzindo cruzes, um caixão, uma coroa funebre. Dizia-se que os rapazes estavam «enterarndo» o commandante da policia.

Soube-se que o motivo do «enterro» fôra haver o commandante tratado mal a uma commissão de academicos. Essa commissão tinha-lhe ido pedir providencias, pois soldados de policia que guiavam uma carroça, precipitaram-n'a contra um grupo de estudantes. Das janellas da camara, toda a gente riu com a troça dos rapazes. (*)

23 de Setembro.

O assassinato dos estudantes dominou a sessão. Não estavam iniciados os trabalhos, e galerias, tribunas, corredores, regorgitavam de rapazes, em grande parte de luto, attentos, silenciosos, aguardando os trabalhos. Em todas as dependencias ocupadas, o espaço era pequeno para contel-los. Foi preciso aproveitar a tribuna das senhoras, sendo levada uma familia, que já estava, para a dos diplomatas.

Os estudantes só não entraram na sala do recinto, onde se sentavam deputados, alguns de «crois-

(*) Ao chegar o «enterro» ao largo de S. Francisco, dous estudantes de medicina foram assassinados, com punhaladas, por soldados de policia á paisana.

sé» preto, tomando suas poltronas compungidamente Uma espectativa solemne, mas com pouca luz, abafada e funebre.

Começou afinal a apparição das figuras eminentes: os dois «leaders», ambos gravemente, pouco communicativos; o presidente, rindo quando cumprimentava e fechando immediatamente a physionomia; professores, estes, na quasi totalidade, de roupa clara.

Vindo da sala do café, Irineu Machado esgueirou-se pela bancada paulista. As saudações foram breves, e, sentando se, pôz em relevo as qualidades do commandante da policia, sobre quem recahia a responsabilidade do assassinio dos dois pobres academicos.

— E eu tinha por elle uma sympathia enorme! O Aguiar é um dos melhores da sua classe. Mas isso revolta-me.

A noticia d'esse elogio correu facilmente de encontro á indignação, que ninguem continha, formulada em commentarios cheios de odio e tristeza, que, vencendo o primeiro silencio spectante, subiam de todos os lados. Afinal soaram os tympanos e, na bancada de Sergipe, ergueu se, com uma simplicidade imprevista, o deputado Joviniano de Carvalho, com a sua constante medalha encimada de uma pequena corôa real, pendendo, sobre o ventre redondo, da cadeia de ouro macisso. «Sciu! Sciu!» Cabeças curiosas procuravam n'o. «Sciu! Sciu!»

Com os olhos na mesa, Joviniano comunicou que o seu collega Silva Marques não comparecia por doença, e sentou-se serenamente.

Então, Barbosa Lima, de olhos baixos, circumspecto e respeitável, levantou se. Todos os olhares fitaram n'ó. Representante da Nação e presidente honorario do Centro Academico, cabia-lhe a dolorosa missão de recordar ao espirito justamente compungido da Camara, á Nação alarmada, a vergonhosa tragedia que se desenrolára no largo de S. Francisco. Faltava-lhe a expressão, que não achava imagens, nem colorido bastante forte para traduzir o sentimento do coração brasileiro.

Sahia-lhe suavemente o discurso, brando como a oração de um doente.

Absolutamente calada, a multidão ouvia-o comovida

Quando os olhos de Barbosa Lima se retiraram da carteirinha em que descansavam suas mãos, a voz alteou-se-lhe :

— A primavera d'este anno foi uma primavera sangrenta. Desabrochou n'uma floração que se caracteriza pelo mais hediondo, pelo mais abominavel delicto que consciencias corrompidas poderiam conceber, premeditar e realizar !

— Muito bem ! Bravo ! — E as primeiras palmas applaudiram.

— A reprovação, a condenação a esse inominavel delicto (digamol-o como um consolo) é unanime.

As bancadas que costumam manifestar-se, saudaram esta affirmação com apoiados. Barbosa Lima prosseguiu depois sob uma alternativa de applauso e recolhimento, até que, tendo-se referido, indirectamente, á força policial, João Siqueira pôz se de pé:

— A impunidade dos assassinatos de janeiro, é a causa dos crimes de hontem !

— Lamentemos — diz o orador — que ainda uma vez a auctoridade civil se ache sotoposta, esmagada pela auctoridade militar, que maneja o sabre, que maneja a carabina e que tem a seu dispôr a força material.

Seabra olha a mesa :

— Peço a palavra.

A poltrona de Irineu vae de encontro á do visinho. Irineu está de pé, com os olhos nos estudantes:

— E' uma consequencia do «varra-se a canalla !»

Barbosa Lima passou a lamentar, como cidadão, o lutooso acontecimento que a todos affligia.

Ao sentar se, acclamado vibrantemente por todos os moços e applaudido pelos membros da maioria, apresentou um requerimento pedindo que se levantasse a sessão e fosse a casa representada nos funeraes, assignado apenas por deputados da minoria.

Irineu falou, tomndo tempo a Seabra, que o olhava com inquietação. A bancada paulista agitava-se, emquanto o deputado carioca provocava

palmas, contestações, apoiados. Coube ao Costa Pinto o inicio dos gritos. Bastou que surgisse o nome do presidente Penna. Sem que ouvisse a phrase, Costa Pinto gritou :

— Apoiado! Apoiado!

— Pois é um resto do governo Penna, o caso de hontem! — repelliu João de Siqueira.

Deram-lhe palmas, que deputados paulistas quizeram dominar com exclamações insinuando balburdia

— Pois é um resto do governo do sr. Affonso Penna — diz-lhes Germano Hasslocher. — E' um resto do seu governo!

Haviam se transformado todas as disposições. A dôr, tão evidente no principio, cedia logar á retrospecção e critica do governo passado. Uns davam palmas a Irineu; outros, «não apoiados».

De repente, elle profere palavras sympatheticas ao general Souza Aguiar, passando rapidamente pelos crimes da policia, abordando a questão das candidaturas presidenciaes, proclamando que os militares andam desviados da justa intelligencia dos seus deveres.

O caso era de prepotencia militar.

Não tardaram os factos conhecidos, já declamados da tribuna com escandalo.

— E tambem em Minas, na formosa Bello Horizonte, é que se deram as primeiras manifestações de indisciplina!

Palmas na galeria direita. A bancada mineira ficou attenta.

— Em Minas um funcionario publico enlouqueceu de bofetadas que lhe deu um official do exercito!

Delfim Moreira, mineiro, de pé, olhou para Calogeras:

— Nossa Senhora! (Calogeras abanava a cabeça com reprovação). Mas é mentira, meu Deus!

Iniciou então Irineu a narração de uma série de attentados á liberdade, feita por officiaes do exercito. Mudára inteiramente o aspecto da Camara. Falava se alto nas galerias e tribunas. Muitos deputados deixaram as poltronas, e a bancada mineira dispôz-se para responder ao orador:

— E' uma exploração política! — gritava se.

— E' a exploração da morte!

— Não apoiado.

— Apoiado — bradava em côro a bancada paulista, falando com dobrada exaltação Palmeira Ripper, os punhos cerrados, o rosto congestionado, arremessando-se para o lado de onde aparteavam os mineiros.

Bueno de Paiva adiantou-se:

— Todos nós sentimos o assassinato dos dois moços. Não pôde haver politica em um caso d'estes! E' a segunda vez que aqui se explora com a morte!

— Vá embora! — vocifera Palmeira Ripper.

— Vá embora, porquê ?!

— Vá embora d'aqui !

— Porquê ?! Com que direito manda V. Ex.^a
embora aos seus collegas ?!

Estava como louco o deputado paulista :

— Vá embora ! A porta está aberta ! Vá embo-
ra ! A porta está aberta ! Vá embora ! Ou então sen-
te-se e ouça !

Está em pleno tumulto a Camara. Jesuino Car-
dosso pede a palavra. Sôam os tympanos Estudan-
tes secundam os ápartes. Da bancada mineira par-
tem respostas energicas aos gritos de Ripper e de
outros paulistas Recolhido á sua poltrona, Barbosa
Lima apenas movia as palpebras. Monteiro Lopes
fazia o mesmo. Mas os ápartes rebentam de todas
as bôccas. A exaltação generalisou-se. Os proprios
academicos falam para o recinto. Um d'elles, muito
esguio no seu terno de brim claro, debruçou-se na
grade da galeria e, indicando Irineu, disse algu-
mas palavras irritadamente. Outros principiaram
a chamar oradores :

— Moacyr ! Barbosa Lima ! Moacyr !

A sympathia d'elles era pelos oppositionistas.
Irineu, afinal, sentou-se, lançando este dilema :

— Neutralidade ou revolução !

Palmas. Seabra levantou-se. Palmas dos depu-
tados gaúchos e dos mineiros. No meio das palmas,
Costa Junior, paulista, um gordo, que se celebri-
sou, no tempo do P. R. F., por este á parte : « Meu

coração está com o Glycerio, mas minha cabeça com o Prudente», a voz pesada, observou:

— O dr. Jesuino pediu a palavra.

— Pedi e não tenho medo de falar.

As primeiras palavras do «leader» são de solidariedade com os estudantes

— Apoiado! — approva Jesuino — somos solidarios com a mocidade, mas não exploramos a dôr!

Entra novamente em scena Irineu, procurando perturbar a Seabra.

— Attenção!

Renasce o barulho. A bancada paulista ajuda o deputado carioca e levanta uma questão regimental, esforçando-se os civilistas por que não falasse o «leader» da maioria.

Junto a Barbosa Lima, Jesuino Cardoso censura a Irineu, que já responsabilisava o exercito.

— Pois pôde-se responsabilisar o deputado Barbosa Lima pelo assassinato de José Maria?! Pôde-se responsabilisar o deputado Irineu pelo crime de José do Senado e do cab. Malaquias?

Quer afastal-o Cardoso de Almeida:

— Solte-me! Solte-me! Que eu não preciso que ninguem me segure.

A questão de regimento resolve-se permittindo que fale Seabra, em nome da maioria. Immediatamente Irineu e Cincinato Braga dirigem-se para as proximidades do corredor esquerdo, onde centenas de estudantes assistem á sessão.

Quando Seabra subiu á tribuna, sob as palmas gaúchas e mineiras, justamente no ponto onde Irineu e Cincinato estavam, começam os estudantes a dizer:

— A policia acaba de atacar a Faculdade de Medicina!

Esta informação abalou toda a Camara. Das galerias e tribunas todos queriam descer ao mesmo tempo, e a phrase repetia-se: «A policia acaba de atacar a Faculdade de Medicina».

— Calma! — pediam alguns deputados — calma!

Agitavam-se lenços: «Calma!» E, sem demora, soube-se que se tratava de uma noticia falsa. De todas as bancadas pede se «calma» aos rapazes:

— Não é verdade. Não é verdade.

Custou, porém, convencel-os. Elles, naturalmente indignados, protestavam, pediam providencias: «A policia acaba de atacar a Faculdade»:

— Mas não é verdade. Não é verdade.

Alguns deputados foram para os corredores desmentir o boato. Falavam demoradamente aos estudantes. Custava lhes a crêr.

— A nossa vida está ameaçada!

Em vão, pedia ordem o presidente.

Seabra tentava falar, começava uma phrase. O tumulto abafava lhe a voz. Alguns estudantes mesmo apuparam-n'o. Impossibilitado de continuar, deixou a tribuna sob a gritaria, pretextando desistir da palavra:

— Eu não quero perturbar a dignidade d'este momento.

E desceu.

— Ordem ! — pedia o presidente. — Ordem ! Ordem !

Mas, não podendo conter a multidão, ergueu-se da curul e suspendeu a sessão. Varios deputados se dirigiram aos estudantes e explicaram a falsidade do boato. Elles, por fim, acreditaram. Porém, Ripper approximou-se d'um grupo e repetiu :

— Foi o Seabra que mandou espalhar, p'ra vocês irem-se embora e não ouvirem o que elle queria dizer . . .

—
25 de Setembro.

Como Alvaro de Carvalho, n'uma discussão, chamára «traidores» aos deputados mineiros, estes procuraram explicar a sua conducta perante a sucessão presidencial. Mineiros e paulistas exaltaram-se, e o caso levou as duas bancadas a uma grande discussão. Não houve, porém, mais offensas pessoas. O orador mineiro foi José Bonifacio :

— A mocidade é a aurora . . .

— Aurora ? — atalhou José Cordeiro. — Em vez de «aurora», ponha «meio-dia» . . .

José Carlos divertiu-se com as explicações, aparteando a mineiros e a paulistas :

— Não apoiadissimo! — contestava um á parte de

Candido Motta. — Apoiadissimo — concordava com algum mineiro e quando se dirigia a Socrates : Companheiro...

Como José Bonifacio disséra não serem a «ralé» os que estiveram nas galerias na tarde dos estudantes, Socrates perguntára-lhe :

— Então, V. Ex.^a acha que nos outros dias vem para aqui a «ralé»...

— Não confunda.

E José Carlos, immediatamente :

— Companheiro, não inverta...

Raymundo de Miranda saiu pelo meio dos «reporters» cantarolando :

— Não inverta, não inverta, não inverta...

Alvaro de Carvalho sustentou que chamára «traidores» aos mineiros. Houve mais explicações, voltou se á morte do presidente Penna, Calogeras respondeu e, no auge do falatorio, José Carlos subiu á tribuna e pôz-se a mover os labios e a gesticular sem dizer nada.

— Lembro aos nobres deputados que estamos em sessão — admoestou o presidente.

— Apoiado ! — disse Ripper apertando um ci-garrinho de palha. — Apoiado a V. Ex.^a...

27 de Setembro.

Vasto discurso de José Carlos pedindo organi-

sação para a Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira.

Pilheriava-se que o candidato á vice-presidencia, Wenceslau Braz, morrera sob o peso dos discursos civilistas.

— E quem o enterra agora? — pergunta um reporter a Correia da Costa.

— Naturalmente a Junta-Pró Hermes Wenceslao.

Discurso de Pedro Moacyr justificando um projecto extinguindo a força policial, augmentando a guarda civil e confiando lhe o policiamento da cidade. Recordou que a guarda fôra creada por Seabra, quando ministro do Interior. Galeão estava junto a Ripper e Correia da Costa. Disse :

— Depois de S. Paulo... Depois dos bons resultados obtidos em S. Paulo, foi que se lembraram.

O discurso era calorosamente applaudido pelas galerias.

— A guarda civil — repetia Moacyr — merece todo o carinho da sociedade carioca.

Ripper chegou a bôcca ao ouvido de Correia da Costa :

— Menos quando vem p'ra Camara fazer rôlo ..

Cincinato ouvia de palpebras cerradas; mas, tendo Moacyr considerado desrespeitoso o officio que dirigiu o general Souza Aguiar ao chefe da nação demittindo-se do commando da força policial, agitou a cabeça como corrigindo se d'um cochilo e aparteou:

— Brevemente será candidato á presidencia da Republica. Como o «outro» (allusão ao marechal Hermes), que foi apresentado depois de correr á pata de cavallo a populaçāo d'esta capital.

30 de Setembro.

Goyaz Socrates, oposicionista ao ministro da Fazenda, e Marcello Silva, correligionario do ministro, discutem.

— Ha em Goyaz — conta Socrates — uma originalissima oligarchia. Conseguiu o nosso insigne financista da pasta do dinheiro ter parentes, muitos parentes, todos com os nomes tão differençados, que mais parecem inimigos. Um irmão, por exemplo, que não é nem Leopoldo, nem Bulhões, e mais parece sobrinho do Accioly que mano de Sua Ex.^a...

Marcello, muito magro, moreno e amarello, afirma:

— V. Ex.^a não tem amigos em Goyaz...
Socrates ri e prosegue:

—Em Goyaz, basta que um rapaz não cumpriamente o chefe de polícia para ser ameaçado de morte! O sr. Hermenegildo de Moraes, que nós todos conhecemos por um parlamentar bem servido pela fortuna, rico, etc., é chamado, pelo jornal do sr. Leopoldo de Bulhões, de «continuador de uma política de esbanjamento e de velhacaria», ao mesmo tempo que o Estado adquiria armamento para o exercito democrático goyano, que é mais ou menos a nossa polícia militar no original...

Depois:

—Em Goyaz resiste uma pessoa à prisão. Tem o chefe de polícia o direito de mandar matá-la. Dissolve-se a Câmara, perseguem-se os juizes... E' clamoroso! Um juiz municipal teve de fugir de sua comarca em vista das perseguições que lhe faziam os amigos do ministro da fazenda. Depois demitiram-n' o, por abandono de emprego. Esta é a política do terno sr. dr. Leopoldo de Bulhões.

1 de Outubro.

Estréa de Bithencourt da Silva Filho. Baixo, grosso e alvo. Usa costelletas. Chamam-lhe D. João VI por isso. Porque, antes da deputação, elle foi intendente, começando a ouvir-o, José Carlos convidou alguns collegas.

—Vamos ouvir o intendente.

A estréa de Bithencourt consistiu n'um protesto contra certa deliberação do concelho Municipal, que votou com oito membros, contra disposição do regimento. Germano Hasslocher ouviu o estreante derreado na poltrona, o pollegar mettido na cova do collete e um leve sorriso.

2 de Outubro.

O caso do conselho. Os representantes do Distrito Federal sentem se contrariados na sua política, porque o presidente Nilo dá preferencias ao chefe senador Augusto de Vasconcellos, vulgo senador *Rapadura*. Ridiculisam o lema do presidente, *Paz e Amor*. Erico Coelho faz um trocadilho · Política pelo amor... e *Amor ao pello*...

Indignado com a falta de numero para as votações, Seabra vae á saleta do café. Está repleta. Deputados, amigos de deputados, reporters, empregados da secretaria, conversam, comem doces, tomam -café. Seabra apenas contemplou o quadro e retirou-se -No corredor desabafou. Falava só, com a testa enrugada:

-- Senhor, esta sala do café é um horror! E' preciso acabar com isto!

E encontrando um reporter :

— Vê? Vem tudo tomar café e não se vota! Não; eu hei de arranjar um meio de acabar com essa sala do café! Hei de arranjar um geito!

4 de Outubro.

Erico Coelho defendeu os amigos do governo no Concelho. Depois, passando pela bancada carioca :

— Isso aqui é uma bancada de feras...

— Bancada de feras... — confirmou Bulhões Marcial. E referindo-se á domadora que dá espectáculos na Praia Vermelha — Mas você não quer ser a nossa joven Selicka...

Coelho Netto quer a simplificação do curso gymnasial. Acha absurdo o programma vigente. Conta que estê programma pede ao examinando dis-
correr sobre dez seculos de litteratura em..., um quarto de hora. Assim são todos os pontos

Alumnos vindos dos famosos cursos de semina-
rios equiparados ao Gymnasio, aprovados com dis-
tincção no quinto anno, nada sabem. A um d'esses,
Coelho Netto teve occasião de perguntar :

— Que entende o senhor por litteratura drama-
tica?

— Litteratura do theatro — respondeu o rapaz.

— E theatro? que é o theatro?

— Theatro é como o theatro de S. Paulo.

A outro, tambem approvado com distincção no quinto anno, perguntara sobre o romantismo, uma figura eminente do romantismo? O examinando demorava a resposta. Então o professor com uma solicitude carinhosa, soprou-lhe:

— Chateau...

Immediatamente o joven quintanista distinto, completou:

— Chateau-Margot.

13 de Outubro.

Estréa de Costa Pinto. Sobre o cheque...

— O cheque é ainda planta rachitica no nosso paiz.

Justiniano de Serpa ouvia o tomado notas. Defronte, Leovigildo Filgueiras, encostado a um pilar, fumava o seu charuto com os olhos no orador.

14 de Outubro.

O cheque. Estréa de Pinto Costa, bahiano, baixo, franzino, de oculos. Desde o reconhecimento até hoje só se manifestou em ápartes. Aproximava-se

de todos os oradores, e, na primeira oportunidade, aparteava. Geralmente o aparte era um protesto. «E' inconstitucional», «V. Ex.^a não tem rasão». E abandonava-se na poltrona até vir outra occasião. Estreou afinal, sobre o cheque. Com o seu habito de aparte, chegou a apartear a si proprio.

— Eu penso assim.

E em seguida :

— Mas porque penso assim ?

A pergunta obteve resposta. Pinto Costa é ex-quesito na expressão :

— Conjecturas existenciaes attinentes... — Ou

— O cheque é o expoente das relações privadas de uma sociedade commercial nimiamente mercantil ..

Ao fim da estréa, o velho deputado bahiano Aristides Spinola felicitou-o :

— V. Ex.^a disse a ultima palavra sobre o cheque visado...

15 de Outubro.

Leitura do parecer da Comissão de Diplomacia contra a emenda de Barbosa Lima mandando extinguir a legação brasileira junto á Santa Sé. O relator, Leão Velloso, deu parecer contrario á emenda. Essa emenda foi, em annos anteriores, apresentada por Thomaz Cavalcante, cearense, militar e positivista. Elle, porém, não veiu deputado esta legislatura. Substituiu-o, portanto, Barbosa

Lima. A rejeição da emenda é questão importante para o Barão do Rio Branco. Por isso o relator fica dispendo de um emprego, para filho ou protegido, no ministerio do exterior: logar na secretaria, ou mesmo n'alguma legação.

Em quanto o secretario lia o parecer, circulou esta proposição com a assignatura de Monteiro Lopes. «Proponho que se inclua no regimento interno a seguinte disposição: — Os deputados poderão fumar durante as sessões, menos cachimbo, sendo-lhes, porém, vedado mascar... Sala das sessões, *Monteiro Lopes*». A pilheria foi attribuida a Germano Hasslocher.

Justiniano de Serpa defendeu o seu projecto sobre o cheque visado. Esgotou o assumpto. Falou como velho advogado erudito e pratico.

16 de Outubro.

A camara votou uma licença ao deputado pernambucano Pereira de Lyra «por tempo indeterminado», como elle pedira.

— Discurso de Coelho Netto pedindo melhor predio para o funcionamento da Camara. Recordou as tradições da Cadeia Velha, evocando figuras do abolicionismo. D'entre todas salientou Joaquim Nabuco, varonil e eloquente, prégando a liberdade.

Ripper, combatendo as docas de Santos, contou, em discurso, a seguinte anecdotá.

Um individuo, tendo comprado um peso de carne verde e precisando fazer outras compras, deixou-o por algum tempo sob a guarda do açougueiro. Durante a ausencia este, para fazer mais lucrativo o negocio, trocou o peso de carne por um menor. Quando o comprador voltou, o papagaio do açougueiro contou-lhe tudo: «a carne está trocada». Houve barulho, e o papagaio foi castigado, com pancada, o bico no cachimbo a arder, unhas cortadas, depenação geral e exilio. Tendo vagado algum tempo, ferido, friorento, chagado como Job, o papagaio encontrou uma ninhada de pintos novos. Como os pintainhos não tinham penas, o papagaio fez um breve raciocínio e perguntou:

— Camaradas, vocês tambem contaram da carne?

—

19 de Outubro.

Monteiro Lopes fez o elogio funebre de Cesar Lombroso.

—Lombroso era um genio. Foi um homem que deixou no mundo um vacuo extraordinario. No mundo e na sua patria.

Germano Hasslocher perguntou-lhe sobre as idéas sociaes de Lombroso.

—Era radical socialista. E meu correligionario.

—

O embaixador chinez, Lui She-Shun, que veiu agradecer a representação do Brasil no enterramento do imperador da China, visitou a Camara. Rosto simples, muito largo. Physionomia serena. Vestia saio lilaz de sêda lavrada, tinha os pés mettidos n'uns deselegantes sapatinhos de lã e usava rabi-cho, uma fita preta presa á trança do cabello.

—

20 de Outubro.

Germano Hasslocher, contestando affirmações do discurso de Monteiro Lopes, fez eruditamente o elogio de Lombroso.

— 21 de Outubro.

Ataque de Luiz Murat ao presidente Nilo. Durante o discurso, Ripper disse:

— Quando prometeu *paz e amor*, o sr. Nilo era sincero.

Moacyr sorriu:

— Mas o *amor* era platonico...

— E agora — explica Barbosa Lima — veio a sociedade da posse.

Mas como Raul Fernandes, defendendo o presidente, falasse em longaminidade, irritou se e respondeu, com o indicador no ar:

— Essa longaminidade ha de ser cotejada com a nossa! Hão-de vêr! Hão de vêr o que é longaminidade e longaminidade!

— 22 de Outubro.

Longa discussão entre deputados fluminenses. Faria Souto pedia a revolução:

— Reajamos! Reajamos com a revolução!

— 23 de Outubro.

Sergipe. A bancada está dividida em dous gru-

pos adversarios. Os antagonistas do presidente do Estado mostram uma renuncia escripta e assignada por elle; os outros negam a authenticidade da renuncia. Vendo o papel, João Cordeiro critica:

— Este sello federal é que foi uma rata.

E Germano Hasslocher:

— Esse sello está mesmo na cabeça de quem renuncia sem motivo, se elle renunciou...

A bancada pernambucana advoga os partidários da renuncia.

25 de Outubro.

Pedro Doria, irmão do presidente de Sergipe, defendendo-o, disse textualmente:

— A pretensa renuncia de meu mano...

26 de Outubro.

Joviniano de Carvalho abundantemente declarou acreditar na renuncia do presidente do seu Estado. Depois do discurso, Germano Hasslocher perguntou-lhe:

— Mas, qu'é do meu papagaio, *seu Joviniano?*

— Vem, agora vem. Aquelle, aquelle mesmo, vem.

—

27 de Outubro.

A proposito do assassinio dos estudantes, exclamou Barbosa Lima:

— No Brasil, justiça é palavra vã, de feia ironia. Os pequenos, os que não teem recursos pecuniarios, succumbem sem que os seus gemidos sejam ouvidos, depois de serem atirados ao xadrez arbitrariamente.

—

estreia de José Maria Tourinho. E' magro, cabisbaixo, cabello á escovinha. Muito moderado. No entanto, para enfeitar com uma citação sabia o discurso, disse, na defeza de um irmão juiz:

— Stuart Mill, na sua obra *O espirito das leis...*

Raymundo de Miranda commentava para Galeão Carvalhal:

— Aqui já se pediu prisão preventiva para um vice-presidente da Republica ... Felizmente, nós encontrámos um juiz que negou...

— 28 de Outubro.

Rejeitada a emenda extinguindo a legação brasileira junto á Santa Sé. Durante a votação, monsenhor Valois de Castro conversava com Medeiros e Albuquerque, a um canto. Monsenhor sustentava a grandeza futura do catholicismo. Incredulo, Medeiros ouvia com um sorriso gentil e ironico.

— Até os estadistas, nas crises sociaes ameaçadoras da ordem e do destino das nações, já olharam para a egreja. — Fallières, conversando com lord X, disse, ha pouco : «Não sei se em dias proximos teremos de recorrer a uma instituição que parece estar morrendo, mas que talvez seja chamada a salvar a França.» E' o catholicismo.

Continuando a sorrir, Medeiros abanou a cabeça negativamente.

— E então? — perguntou monsenhor.

— Não creio...

— Porém, se eu li!

— Embora! Mas não creio que o Fallières...

— Isso — atalhou Correia da Costa, conciliador — deve ser telegramma. Nos telegrammas vem muita coisa errada...

— 31 de Outubro.

Eleitores do Distrito estão invadindo a saleta do café. Dão «facadas» ou pedem empregos aos deputados cariocas. Irineu entregou aos cuidados de Bettencourt da Silva um que se queixára de lhe haverem negado o título eleitoral.

—

Fala-se da «neutralidade» do presidente Nilo relativamente ás candidaturas presidenciaes. Irineu enfurece-se:

— Neutralidade! Neutro já é elle. Neutro muito conhecido! E' um neutro feito presidente da República.

Alguns collegas «civilistas» se referiam á situação d'elle na politica, atacando o governo como ataca.

— Mas eu não tenho medo! Quando me ameaçam, me botam a faca aos peitos, ahí é que eu sou uma fera! Eu não tenho medo!

Depois, sobre o senador Augusto de Vasconcellos:

— Ora que todo o mundo mette-se em politica, fica pobre, o Vasconcellos está rico! Se vive a fazer batotas!

Acalmou-se, descansou, porém recomeçando:

-- Falam em me matar. Querem matar-me? ! Matem-me! Elles dizem que só ha um meio de eliminar-me, matando-me! Pois matem me! Já me metti, vou adiante. Hei-de contar a vida do *Rapadura*!

Foi á tribuna e fez um longo e aggressivo discurso contra o referido senador *Rapadura*.

1 de Novembro.

Entra o deputado Ruy Barbosa, filho, com o seu cunhado Baptista Pereira Um redactor dos *Debates* dirigiu-se ao genro de Ruy Barbosa :

— Vocês devem estar sobresaltados com a prophecia do Mucio.

De facto, Mucio Teixeira prognosticára a morte proxima de uma alta personagem cujo nome tinha as iniciaes R. B.

— Não Eu estive com o Mucio, e elle me disse que o desastre se daria com o Rio Branco, e não com o Ruy.

Soube-se depois que, a um amigo do barão do Rio Branco, Mucio Teixeira consolára affirmando que o morto seria Ruy Barbosa ...

Só agora se começam a discutir os orçamento

Fazem-n' o apressadamente. A actividade principal é para a apresentação de emendas, sendo que a maior parte das emendas da minoria tem por fim obstruir.

3 de Novembro.

O criminalista João Vieira fez o elogio do constitucionalista João Barbalho.

4 de Novembro.

Estréa de Francisco Portella, velho, baixo, longa barba branca. Continua a usar sobrecasaca azul e não dispensa a perpetua rôxa na lapella. Vendo-o a falar, Pedro Moacyr disse:

— *Sic pater Eneas orsus ab alto.*

Durante as votações, um photographo assestou a sua machina d'uma sacada do fundo para o recinto, apanhando a mesa, grande parte dos deputados e a galeria esquerda. Muita gente grave fez «pose» para o retrato. E estavam todos assim bem, dispondo a sombra em que desejam chegar á posteridade, quando o magnesio espocou com um estrondoso tiro. A galeria direita não raciocinou. Preci-

pitaram-se uns por cima dos outros n'uma tentativa louca de fuga, e só depois que os legisladores rebentaram n'uma livre e barulhenta gargalhada, animados, voltaram á primitiva posição.

Na sala do café, indignava-se, diante de uma chicara de matte, Balthazar Bernardino:

— Sou contra isso. Avalie que estivesse ahi um cardiaco! Morria. Um tiro igual a um tiro de revolver! Na Camara! Todo o mundo distrahido! Não! Eu sempre fui contra isso, em festas, em banquetes, em tudo. Está a gente quieto, quando menos espera, lá vem um tiro de magnesio: bei! Não! Eu sou contra isso, francamente!

Como houve mortes nas eleições de 31, o deputado Béttencourt atacou a policia. Ninguem respondeu, e Ripper alegrou-se com isso:

— Não responderam! Está ahi! Não responderam! Tiveram medo de responder!

— Medo não! — reagiu Rivadavia Correia. — Ninguem tem medo!

— Tiveram! Tiveram medo!

Tumulto. Troca de palavras insultuosas entre Rivadavia e Irineu. Sessão suspensa por vinte minutos.

5 de Novembro.

Contou Irineu a um grupo de deputados paulistas que, na occasião do instantaneo, quando espocou o magnesio, Rodolpho Paixão sobresaltara se:

— Isso não se faz, *seu* Irineu! N'esta casa ha gente que soffre do coração e pôde morrer de uma d'essas!

Depois, aparteando um orador, disse Irineu:

— O presidente da Republica, p'ra mim, é igual a zero.

6 de Novembro.

Os oppositionistas, quando se referem ao sr. Nilo Peçanha, só lhe chamam *vice-presidente em exercicio*.

8 de Novembro.

O deputado sergipano Silva Marques protestou por ter o governo mandado força federal apoiar o presidente de Sergipe. A oposição defendeu os adversarios do presidente Doria, sustentando como verdadeira a renuncia. Depois da discussão, José Bezerra pilheriou com Joviniano, e pegando-lhe a corôa imperial pendurada á corrente do relogio:

— Você é monarchista, Joviniano?

— Sim; quando vocês vierem, eu já estou...

9 de Novembro.

Discurso de Cardoso de Almeida contra o serviço da E. F. Central. Contou que os carros dormitórios são sujos, ha persevejos e máo cheiro.

— Na Central, tudo féde. Ha cheiro de acetylene, ha cheiro de desinfectante e de outros perfumes.

Rippert olhou-o de uma estranha maneira. Sorriram os dois e Cardoso de Almeida levantou discretamente uma perna, passou a dextra na abadofraque, dizendo baixo:

— E' dos peidos...

— Na Central? — perguntou Costa Marques.

— Sim — respondeu-lhe Ripper. — Os cheiros lá são todos *centraes*...

10 de Novembro.

Chegam á Camara protestos contra as taxas exigidas no edital que estabelece a concorrencia para o arrendamento do caes do porto. Barbosa Lima ameaçou:

— Ou o goyerno trata d'esta questão, ou nós não daremos orçamentos este anno.

Seabra está ausente. O «leader» substituto, Bueno de Paiva, não se sente commodamente no cargo.

— Eu não dou para isso. E' uma exhibição que está fóra da minha natureza. Para trabalhar estou prompto, mas para barulhada falta me geito... Trabalho é comigo. Agora mesmo tenho que fazer, vou trabalhar.

E, com um sorriso, saiu para a sala das comissões.

11 de Novembro.

Os deputados do norte, os de Minas e aquelles que estão muito ligados a zonas do interior dos Estados recebem constantemente pedidos, cuja enumeração seria de um curioso pittoresco. Do Ceará, Rio Grande, Alagoas, pedem até bordados, rendas valencianas, amostras de gorgurão, o excellente purgativo «Le roy», livros de terceira leitura, agulheiros, córtes de setineta. Conta-se que na monarquia, um matuto bahiano pediu a senador seu compadre uma commenda, e outro encarregou um deputado de verificar se aqui na corte as mulheres dos doutores usavam mesmo dentes de ouro... Ultimamente, com a sécca, o commercio das pequenas cidades pede açudes, estradas de ferro, que os deputados

não conseguem facilmente, porque para o norte nem as sobras dos benefícios que exigem os Estados ricos se concedem . . .

Este é o lado triste. Pessoalmente, muito letrado do sertão, sente as necessidades todas de sua terra e, por si, escreve ao deputado Na correspondencia ultima de Eloy de Souza, que é popular no seu Rio Grande do Norte, veiu hontem uma poesia do verselador Davino, conheidissimo no Rio Grande :

A ESTRADA DE FERRO

Quando chegará à mão direita
 Para Mossoró ennobrecer,
 O alto sertão prosperar,
 O grande commercio florescer ?
 A Republica melhora o mundo
 Se o governo fôr jocundo.
 Na Capital Federal tão sublime
 Deus o bem lhe illumine.

A pobreza toda suavisa,
 Tantos ostracismos se vão,
 A sim o governo jocundo queira
 Fazer proselytos de salvacão.
 O mundo marcha com a Republica
 Que tanto tem augmentado.
 A estrada é grande utilidade
 Para prosperar a humanidade,
 Vindo logo, sem demoras
 Vão-se tantas caiporas,
 Evita perecer a pobresa :
 Deus propague tal nobresa.

Tanto que temos vontade
 De melhorar este torrão,
 Se vindo a estrada de ferro
 Dos Grossos para o sertão.

E' a mais facil do mundo
 Pelo traçado Graf fecundo.
 Grandioso lucro dará o sal.
 Em cinco annos salda capital,
 Em vinte dará resultado
 Liquidando o capital gasto.

Mandai, oh ! Nilo, o bem á terra,
 Que um bom Deus vos pagará.
 Evitae que morra de fome
 A pobresa que tem vechame.
 Com a estrada salvar-se-ões
 Os povos d'estes sertões.
 Trará a Republica prosperidade
 Para aplacar tal crueldade.

29—8—1909.

12 de Novembro.

Serapião queixa-se de que alguns deputados lhe comem os bolos sem pagar.

16 de Novembro.

Discurso de Monteiro de Souza com um unico ouvinte. Eis o aspecto do recinto:

Na bancada do Rio Grande do Sul estavam apenas José Carlos de Carvalho e conselheiro Maciel conversando animadamente. Ouvia-os, com somno, a mão no queixo, Henrique Valga. Na do Paraná, ninguem. Maranhão: Coelho Netto ouvia u ma lei

tura ao Christino Cruz. Goyaz, vasia. Matto Grossos: Costa Marques, pensando, puxava a pêra tristemente. Alagoas: Natalicio Camboim, entre o Seraphico e Manoel Tavares, fazia sucesso contando as suas impressões das festas de 15. Bahia: Costa Pinto demonstrava qualquer coisa a Ruy Filho. Entre os dois, o João Mangabeira abria e fechava a carteirinha distraidamente. A' ponta da bancada Rodrigues Lima, junto de Pinto Costa, namorava a cortina verde d'uma tribuna. Ao lado, mas já sob a galeria, o Rodrigues Alves Filho era caceteado por Marcello Silva. S. Paulo: Galeão Carvalhal trocava palavras vagas com Rodolpho Miranda e Alberto Sarmento. Minas: A' direita do orador, Alaor Prata desejava ouvil-o, mas demorava resolver-se. Delphim Moreira coçava o cogote. Com um parecer debaixo dos olhos, Josino de Araujo lia-o, pontuando-o com arrotos demorados. Carneiro de Rezende, repoltreado na poltrona, digeria debaixo do seu eterno collete branco Muito attento diante da ordem do dia, Arthur Bernardes decorava, não se sabe o que, mas decorava. Vianna do Castello, com a perna traçada, um resto de cigarro na ponta dos dedos amarellos, pensava. As duas mais felizes memorias da bancada mineira, José Bonifacio e João Penido, conversavam fraternalmente. Scismava Christiano Brazil. Isolado, á sombra da galeria esquerda, Domingos Pena lia o *Novo Mundo*. Na bancada de Pernambuco, Annibal Freire e Simões Barbosa,

unicos, commentavam coisas leves. Sergipe: Joviniano, só, puxava o bigode com os olhos tristes. Rio de Janeiro: Entre Raul Veiga e Pereira Nunes, Porto Sobrinho fazia ponderações. Adiante, o Annibal de Carvalho mantinha a sua physionomia zangada. Capital Federal: Honorio Gurgel lia um folheto. Junto, Bulhões Marcial olhava abstratamente o andó de Simeão Leal que escrevia á mesa. O orador era aparteado por Eloy de Souza. Ceará: De oculos, a boca aberta, Francisco Souto lia o *Novo Mundo*. Adiante, Euclides Barroso estava parado na poltrona. Waldemiro Cavalcante tambem. Pará: ninguem. Só ao fundo, encostados á parede, Barbosa Lima e Teixeira de Sá, falavam com um ar de bondade e naturalidade que não era daquella casa.

17 de Novembro.

Votou-se sem numero legal. A maioria não se dispõe a resistir á minoria.

Quando começaram as votações, antes que o primeiro projecto fosse approvado, o Palmeira Ripper ergueu-se:

— Pela ordem! Requeiro verificação de votação!

—Mas não se fez votação nenhuma — ponderou o presidente.

Ripper corou, mas, com esforço, conseguiu dizer :

—Pois quando se fizer a votação ! Requeiro.

18 de Novembro.

Goyaz. Marcello Silva, respondendo a Eduardo Socrates, chama-lhe calumniador.

—Calumniador é você !

—E' elle !

—E' você, não seja tolo !

Afinal, Marcello declarou que não tivera intenção de offendêr.

20 de Novembro.

A minoria foge do recinto sempre que começam as votações. Da maioria é insuficiente o comparecimento. Seabra apresentou um requerimento pedindo sessões nocturnas para ver se se adianta a discussão dos orçamentos.

Paula Ramos diz num grupo:

— No Brasil dá-se isto : si o Estado é máo administrador, é pessimo fiscalisador.

João de Siqueira contou em palestra com Torquato Moreira:

— Eu fui militar, e tive 43 prisões por indisciplina.

«Quarenta e tres prisões! Uma vez saí da fórmula para brigar com uns capoeiras. Eu era sargento nesse tempo. Tínhamos entrado em fórmula quando, do meu lado, uma capoeirada quiz romper a fileira, e atirou se contra nós. Ah! Eu não perguntei mais nada, saí da fórmula e sacudi coronhada para todos os lados. Quando o commandante chegou no logar, estava eu no meio delles naquelle reboliço, atirando coronhada num, coronhada noutro. Um sarceiro!

Não tendo havido sessão por falta de numero, Bezerril Fontenelle commentava para João Cordeiro :

— *Home*, a festa da *bandéra* deu *in vadiação* até aqui.

— 22 de Novembro.

Votação do requerimento de Seabra pedindo

sessões nocturnas. Irineu requereu verificação. Estavam apenas 103.

— Ora! — exclamou elle — Só estão 103 — E com repentina colera — Não! Agora ha de se acabar com este sistema de votar sem numero!

Estréa do deputado goyano Ramos Caiado. E' moço e expansivo. Levou o discurso escripto, leu-o naturalmente.

— A politica do sr. Xavier de Almeida é uma politica de traição.

Passos de Miranda conversava.

Gastão da Cunha já dizia que aqui, ou se é fulice, ou bagaço, ou se incorre na pecha de pedante. Trazer discurso preparado para esta casa! não dá resultado. E' falar de improviso, dizer muita asneira, assim é que se vence aqui!

Discurso de Irineu protestando contra o acto do delegado que mandou revistar frequentadores do Conselho Municipal Diz-se que o proprio Irineu fôr revistado. Seabra respondeu opinando que até

os deputados podem ser revistados pela policia.

23 de Novembro.

Discurso de Barbosa Lima, Discurso opo-sicio-nista. Era a justificação de um requerimento desa-gravando a Camara pelo revistamento de Irineu no conselho. Censurando a opinião de Seabra sobre o revistamento dos deputados, chamou-lhe «uma por-ta sacrilega para futuras aggressões ao poder legis-la-tivo.» Mas a opo-sição reagiria:

— Porque nós — e deu um murro fortissimo na carteirinha — Porque nós! dentro da lei! havemos de cumprir o nosso dever.

Faz uma pausa. E depois:

— Porque nós! dentro da lei! — E dando outro murro na carteirinha — havemos de cumprir o nos-so dever! E sem vãos temores!

Seabra declarou não se sentir attingido pelo re-querimento. Barbosa Lima sorriu:

— E' o caso do hymen complacente...

O Nuno de Andrade, debruçando-se á bancada mineira, sorriu tambem:

— *Paz e amor...*

— 23 de Novembro

Seabra appellou para os sentimentos dos republicanos da maioria pedindo comparecimento afim de se votarem as leis de meios.

Luiz Murat leu um estudo largo sobre o actual presidente do Rio de Janeiro, Alfredo Bocker. Eloquiativo.

— 24 de Novembro

Seabra na tribuna. O recinto repleto de pessoas estranhas á casa, corredores, galerias cheias.

— Eu quero desannuviar os horisontes.

Galeão aparteou:

— Elles nunca estiveram annuviados...

São Paulo tem um ministro no governo Nilo. Seabra pretende que a bancada paulista manifeste francamente, se faz ou não oposição ao governo. Barulhenta discussão Toda a minoria fala Os paulistas se declararam solidarios com Barbosa Lima, portanto, opositionistas. E Galeão aconselha Seabra:

— V. ex.^a não se importe com o ministro da

agricultura. Elle é paulista e saberá cumprir o seu dever.

Os bahianos aplaudiram. Seabra perguntou :

— Que significam essas palmas da Bahia?

Germano Hasslocher explicou:

— E' porque o Galeão é bahiano...

Durante a votação Irineu:

— Peço a palavra pela ordem.

N'essa occasião a maioria levantava-se para votar.

— Peço a palavra pela ordem! Peço a palavra pela ordem!

Estavam de pé os deputados da maioria.

Irineu sentado:

— Peço a palavra pela ordem! Peço a palavra pela ordem! Peço a palavra pela ordem !

A maioria continuava de pé irresoluta.

— Peço a palavra pela ordem! Peço a palavra pela ordem.

Toda a Camara olhava a Irineu, que, sentado á bancada paulista, entre dois collegas oposicionistas não cedia:

— Peço a palavra pela ordem !

E esmurrando a carteirinha, já de pé e rubro :

— Peço a palavra pela ordem!

Então Seabra adeantou-se e censurou-o com re-

volta. Da bancada mineira censuravam-no tambem. Não se conseguia, porém, ouvir a Seabra, porque os gritos de Irineu sobresahem:

— Peço a palavra pela ordem! Peço a palavra pela ordem!

Ahi, Ubaldino de Assis, da bancada bahiana, curvou-se para Irineu de punhos cerrados :

— Cala a bocca, bandido!

Com uma espantosa rapidez, Irineu atirou-se contra elle, por cima das bancadas. Ao mesmo tempo, o deputado carioca Bithencourt da Silva Filho, do corredor central, sacudia-se entre os dous, que se procuravam corajosamente agarrar. Pela interposição de Bithencourt, Irineu apenas tocou á gola do fraque de Ubaldino, enquanto este só conseguiu arrancar-lhe os oculos. Os deputados proximos detiveram a ambos imediatamente; sendo que Ramos Caiado tomou o braço a Ubaldino, detendo-o e defendendo-o ao mesmo tempo.

Uma vez seguros, os dous se calmaram. Mas Eloy de Sousa e Alfredo Ruy, que vinham do corredor, deparando a scena, inda se precipitaram por sobre as poltronas: Eloy num pulo admiravel; Ruy, caminhando de joelhos por cima das carteirinhas. Já estava findo o conflicto, e elles nada mais tiveram a fazer. Ubaldino estava ferido no rosto. Dizia-se que fóra uma bofetada de Irineu. Não acontecera tal. Ubaldino ferira-se com os oculos de Iri-

neu; quando o afastavam d'este, tentando livrar-se dos que o detinham, elle se feriu.

O presidente suspendeu a sessão. Desceu e inda pôde ver Ubaldino limpando o rosto e Barbosa Lima com os oculos de Irineu, que se mantinha de pé, myope, movendo a cabeça com um sorriso.

Quando se reabriu a sessão, falou Irineu. Ubaldino chamou lhe «individuo». Irineu reagiu :

— Nem eu dou attenção a transfugas !

Um «oh!» collectivo, em coro, foi o bastante para abafar a descompustura que começava.

— Oh!!!

26 de Agosto

Discussão do requerimento Barbosa Lima. Seabra chamou «equilibrista» a politica do presidente Nilo.

— Uma politica serena, *equilibrista*.

Riso da minoria. Seabra manteve o qualificativo:

— Pois eu vou repetir: «politica equilibrista.»

«*Politica equilibrista* porque S. Ex, procurou equilibrar os elementos politicos, chamando colaboradores de todos os partidos para o seu governo.

Irineu negou seriedade ás explicações dadas pelo delegado.

— E v. ex.^a por que não foi revistado? — perguntou Seabra.

— Porque resisti.

Seabra sustentou que o delegado, ao contrario do que se dissera, não levara ordem do presidente :

— Esta é que é a verdade.

— Esta é que é a mentira! — grita Irineu.

— Mentira! . . . Mentira de quem?

— De V. Ex.^a.

Seabra estendeu-lhe o braço.

— Não seja insolente! Retire a expressão! E' uma insolencia. Eu o tratei com a maxima delicadeza! Sou incapaz de mentir!

— E' mentira! — repetiu Irineu. — E' mentira! E' mentira!

— Sr. presidente — diz alto Seabra — peço a V. Ex.^a convidar o deputado a retirar a expressão injuriosa que me dirigiu.

— Deve retirar — acompanham diversos deputados gauchos.

O presidente convida-o a retirar a expressão.

— Não retiro! Retiro, mas depois que o sr. Seabra declarar que as minhas affirmações foram verdadeiras.

— Eu não tenho nada a declarar!

— Também eu não tenho nada a retirar!

— Insisto — torna o presidente, que era João Lopes — na retirada da expressão.

— Retiro depois que o sr. Seabra retirar a sua.

— Eu não tenho nada a retirar.

— Pois — diz o presidente na fórmula do regimento, o incidente não figurará nos annaes.

Seabra olha a mesa:

— Eu me submetto ao regimento, mas protestando contra a aggressão do deputado pelo Districto Federal.

E para Irineu:

— E' assim que V. Ex. representa bem o brioso e delicado povo carioca, vindo dizer que um deputado mente! O sr. deputado dirigiu-me uma expressão indelicada, pouco educada. Eu me submetto ao regimento. Mas não tenho medo de careta de fantasmas!

O conflicto cessou por estar finda a hora do expediente. Mas, antes de deixar a tribuna, Seabra se referiu ao governo de Barbosa Lima em Pernambuco.

— Eu — diz o *leader* da minoria — colloquei sempre a discussão num terreno elevado; não admitto que se venha descer a apreciações de factos de 92 e 93, que nada têm com a discussão!

— Vou concluir — avisa o orador. — Vou concluir.

-- V. Ex. quer concluir deixando espinho, mas eu não guardo espinhos. Eu já tive occasião de apelar para o Sr. Julio de Mello sobre esses casos, que se deram n'uma hora reaccionaria!

No fim do conflicto, Correia da Costa pediu a monsenhor Valois de Castro:

— Valois, benza essa gente...

Para impedir a votação de um orçamento, Trineu falou oito vezes.

— 27 de Novembro

Discurso de Galeão. Gordo, parecido com Solano Lopes. Palavra arrastada. Inda o caso dos testamentos no conselho Municipal, a opinião de Seabra, o requerimento Barbosa Lima

— Chegámos até o ponto de serem deputados revistados por soldados de polícia!

Barbosa Lima aparteou:

— O presidente atirou a neutralidade ás ortigas.

Entrando, Moacyr disse:

— A maioria pode commetter es erros que quizer; mas fique certa de que a expiação será fatal. O presidente Nilo entregára o Districto Federal ao Prefeito, annullando as eleições do conselho. Galeão chamou a esse acto «um golpe de Estado» Terminou promettendo reacções do povo carioca:

— Porque o povo é como a ave da floresta; odeia a gaiola e ama a liberdade.

— A maioria votou o requerimento Barbosa Lima, justificando o voto o *leader* por ter promettido a minoria votar os orçamentos. Barbosa Lima interveiu:

— Porém a situação não mudou.

Varios civilistas apartearam Seabra, que protesta.

— Oh! senhores! — Fala um membro da minoria, todos nós o ouvimos com attenção; fala um deputado da maioria e grita-se desse modo.

Da primeira fila de poltronas, a bancada paulista, Alberto Sarmento responde:

— E' porque V. Ex. é irritante!

— Irritante, não senhor! VV. EEx. é que perturbam o orador, se elle é da maioria!

Alvaro de Carvalho e Ruy Filho aparteam:

— Não é a maioria, é o *leader*!

Como Sarmento se poz a repetir nervosamente que Seabra é irritante, Seabra corou muito e irritando lhe retorquiu:

— Ora! Saiba v. exc. que não estamos num collegio de pretorianos !

Depois de uma obstrucção ininterrupta para evitar a passagem dos orçamentos, a minoria cedeu.

Cedeu, porém, mediante acordo com a maioria, que se compremetteu, na pessoa do seu *leader*, concorrer para a passagém das emendas offerecidas pelos oposicionistas. Deputados da maioria e da minoria apresentam, portanto, emendas ás centenas, cada qual mais onerosa para o Thesouro. Apesar da obstrucção e apesar do acordo, Cincinato Braga pronunciou um discurso declarando que a bancada paulista, a minoria, sempre esteve disposta a votar os orçamentos.

Em seguida, Barbosa Lima, com a sua responsabilidade de *leader* da minoria, confessou:

— Nós não demos numero e fizemos o possivel para não passarem os orçamentos !

29 de Novembro.

Convidado para ministro da Agricultura, em substituição ao ministro civilista Cândido Rodrigues, Rodolpho Miranda foi á Camara despedir-se dos collegas. Seabra abraçou-o primeiro. Vieram outros. Rodolpho teve de ficar no centro de um grupo recebendo abraços. Quando pode caminhar, o almirante Araujo Pinheiro disse, baixo, protestos taes, que o manifestado repetiu:

— Já sei. Eu sei. Pois se eu não sei !

João Lopes, da presidencia, acompanhava com os olhos os movimentos dos manifestantes. Torqua-

to Moreira perguntou a Rodolpho se effectivamente fora convidado, se aceitava. Rodolpho baixou a vista.

—Eu ainda estou reflectindo...

Porem, como outros lhe perguntassem quando tomava posse:

—Talvez amanhã...

Raymundo de Miranda, depois do abraço, pediu-lhe um emprego para um afilhado.

Os paulistas olhavam o collega reservadamente. Mas Rodolpho encontrou-se com Galeão.

—Ah!

—Ah!

Rivadavia separou-os com o seu abraço silencioso. Reentrando Galeão na Bancada, Cincinato perguntou-lhe.

—Que ha? Elle vai?

—Homem, elle me disse que foi convidado.

—E onde está elle?

—Saiu para o corredor.

Cincinato ganhou o corredor.

Mas Rodolpho entrava na bancada. E rindo-se:

—Vim submeter-me a uma interpellação. Vou submeter-me a uma interpellação, Sócrates...

Cincinato, que voltava do corredor, debruçou-se na carteirinha, e abraçou o ministro.

—Rodolpho, politicamente, você sabe. Mas, pessoalmente. E com a mão no peito — regosijo-me muito.

---Obrigado, Cincinato.

Approximava-se José Lobo, com o seu enorme charuto fumegando. O ministro levantou-se:

— José, benze-me...

José Lobo gesticulou em cruz sobre a cabeça delle:

— O que eu sinto é perder o companheiro de bancada.

Abraçaram-se. Antes de Rodolpho sair, João Lopes apresentou lhe um filho.

— Você já conhece o homem?

— Não.

— Pois está ahi elle. Ahi o tem.

Irineu obstruiu, não obstante acordo. Só no encaminhamento de uma emenda falou 20 vezes.

Approvada a ultima emenda ao orçamento da receita, Irineu pediu a palavra.

— Não pôde! Não pôde! disseram da bancada gaucha.

Irineu voltou-se para a maioria:

— Mas que é isso? Os senhores estão perturbando.

— Senta! Senta! Senta!

— Sr. presidente, a maioria está perturbando a ordem dos trabalhos, reclamou Irineu.

Ainda rendeu a balbúrdia. No fim João Lopes disse:

— O orçamento votado vai á commissão de redacção.

Irineu, rindo, lembrou:

— Mas eu pedi a palavra.

— Oh! Oh! Oh! — Fizeram de todos os lados Quasi sem poder conter o riso, Irineu insistiu.

— Mas eu pedi a palavra.

Diversos disseram alto:

— A votação estava terminada!

— Mas eu estava com a palavra! Eu estava com a palavra. Peço a verificação da votação.

— Tem a palavra o sr. Irineu Machado.

Deputados da maioria protestaram.

— Não pôde dar a palavra depois de terminada a votação!

Frederico Borges gritou da bancada cearense:

— Isso é uma falta de energia.

João Lopes contestou:

— Tenho a consciencia de que sempre cumprí o meu dever.

Da bancada mineira Alcindo Guanabara indignou-se:

— Pois não cumpriu agora.

— Tenho a consciencia de que sempre cumprí o meu dever.

A minoria então lhe deu uma salva de palmas demorada.

— E' um presidente da minoria — Reprova-o Alcindo Guanabara

— Da minoria não — brada Irineu — presidente da Camara

— Pois é fácil verificar. Se é da Camara — responde Alcindo — é facil verificar.

E para os collegas

— Ora, senhores! Depois de annunciar que o projecto passou em 3.^a discussão, dar a palavra a alguém!

No fim da sessão, Irineu disse considerar-se divergindo dos demais collegas:

— Eu não sou maioria nem minoria...

2 de Dezembro.

Obstrucção. Tendo pedido a palavra para discutir o orçamento da receita, Socrates só se ocupou de politica, atacando o governo.

— Sobre que está elle falando? — perguntou Raul Fernandes.

— Receita... — respondeu Seabra ironicamente.

3 de Dezembro.

A maioria deu numero no dia do subsidio. Hoje se verificou só estarem 88.

Fala-se das manifestações de desagrado ao marechal Hermes na sua viagem a Minas. José Carlos pondera:

—Se o Hermes fosse commigo, com o doido, não haveria aquelle barulho todo, mas foi com a gente de juizo...

Ao entrar no vestiario, cada deputado recebeu um enveloppe. Na mesa do continuo havia um maço d'elles, dirigidos aos 212. Era o seguinte bilhete-circular:

«Sr. Dr. F., Saudações.— Peço-lhe vir aqui ver uma boa pequena *chic*. — Da cr.^a admiradora e obrg.^a, *Laura.*»

Indicava a rua, numero, etc.

— 5 de Fezembro

Não tendo conseguido sessões nocturnas, obteve Seabra sessão ao domingo.

Votação de uma emenda de Graccho Cardoso em favor de interesses do Lloyd. Bettencourt da Silva justificou o seu voto:

— Eu dou o meu voto á emenda do Graccho. Pois senhores! o Buarque acaba de dar uma passagem a um homem que vinha aqui diariamente morder-me em dois mil reis...

— 6 de Dezembro.

— Votação de uma emenda de Monteiro Lopes. Palma pediu a Alvaro de Carvalho:

— *Seu* Alvaro. Vote a emenda do preto...

— Nada. Não voto!

— Mas é uma homenagem á Africa — ajuntou Ripper.

— Não voto!

— Mas você, Alvaro — disse ainda Palma — faz isso com o preto?

— Faço.

E não votou.

Julio de Mello defende o seu parecer sobre uma emenda, contra a critica de Rodolpho Paixão, que

disse haver a commissão de Finanças usado dois criterios no julgamento de certas emendas.

— Ora, querem mandar os seus bilhetes eleitoraes e vêm agora com isto, «a commissão teve dois criterios».

Protestaram da bancada mineira:

— Não apoiado! Não apoiado!

E Rodolpho Paixão:

— Bilhetes eleitoraes!... Que besta!...

Justiniano de Serpa fez com muita energia e brilho um discurso contra o abandono dos interesses dos pequenos Estados, quando se trata dos grandes.

Antes de terminar a sessão, houve perto um começo de incendio e, de repente, o recinto encheu-se de fumaça. Correram muitos deputados para as sacadas e nas galerias os populares espantaram-se. Defronte da bancada de Pernambuco conservaram-se as vidraças abertas. Pedro Pernambuco olhou para o continuo que estava perto.

— Feche isso, que está incomodando os deputados.

— *Seu* doutor, eu tenho ordem p'ra não fechar...

— Feche! Feche! E' o deputado que manda!
O continuo obedeceu.

— *7 de Dezembro.*

Estréa de Felix Pacheco. Estatura mediana. Moreno, alguns cabellos brancos. Usa lunetas. Levou-o á tribuna o fallecimento do governador do Piauhy, Anisio de Abreu. Discurso methodico, moldado n'uma forma serena e bella. Toda a camara ouviu com sympathia a estréa de Felix Pacheco. Ao terminar, abraçaram-no effusivamente

— *10 de Dezembro.*

Na commissão de Finanças. Dois ministros, o da Fazenda, Leopoldo de Bulhões, e da Viação, Francisco Sá, vem prestar informações relativas ao Lloyd a proposito dos ataques de Germano Hasslocher e da emenda de Graccho Cardoso. Bulhões confessa :

— O governo não quiz ter a gloria de abrir a fallencia do Lloyd.

Hasslocher é pela liquidação do Lloyd e entrega da empresa a quem a possa dirigir sem prejuízos para a nação.

11 de Dezembro

Alguns deputados da minoria, apesar de renovaada a obstrucção, começam a votar. Grande parte dos da maioria, dos governistas não comparecem por isso, confiando nos adversarios. Inicia se uma votação, logo um oposicionista pede verificação e, porque não ha numero, procede se á chamada. Fazem-se varias chamadas e a tarde se passa assim.

13 de Dezembro

Honorio Gurgel julga o prefeito do Districto, Serzedello Correia:

— Sombra de prefeito. Elle é uma sombra de prefeito. Porque o prefeito é o secretario.

14 de Dezembro

Votaram-se hoje mais de cem emendas. Afóra os signatarios de cada uma e o relator, ninguem prestava attenção, ninguem sabia o que votava.

—
15 de Dezembro

Felix Pacheco explicou o que se dá actualmente no Piauhy, respondendo aos que proclamam haver no Estado perseguição religiosa aos catholicos. Discurso reflectido, claro, brilhante. Elucidou o caso, contando que, no Piauhy, ha simplesmente uma lucta entre dois partidos politicos. Succede, porém, que os oppositionistas têm, como orgão do partido, um jornal chamado *União Catholica*. D'ahi a exploração, os telegrammas pedindo garantias ao governo ao mesmo tempo que a *União Catholica* publica, para fazer oposição, que o governador desviara duzentos contos de reis dos cofres públicos. Isso se publicava precisamente quando os representantes do Piauhy accordavam offerecer a sua ajuda de custas annual á viuva do governador, que ficará muito pobre.

—
17 de Dezembro

A minoria hoje obstruiu. Continua insufficiente o comparecimento da maioria.

—
19 de Dezembro

Discutem os deputados fluminenses. Erico Coe

Iho refere-se assim ao presidente Bocker:

—E' o Antonio Silvino! E' o Antonio Silvino que está governando o Rio de Janeiro. Eu hei de rovar com a minha auctoridade de velho republicano!

Durante o tumulto, Bueno de Paiva, sorrindo, cantava baixo a *Marselhèsa*:

Aux armes, citoyens! . . .
Aux armes, citoyens! . . .

20 de Dezembro

Inda o Rio de Janeiro. A uma affirmação de Erico Coelho, Paulino de Sousa Junior aparteou:

—O que V. Ex.^a está dizendo é uma injuria! E' uma infamia! E' falso!

—Como?

Vermelho, a bocca tremula no rosto redondo, Paulino Junior repetiu:

—O que V. Ex.^a está dizendo é uma injuria! E' falso!

—E' uma injúria? E' falso? — perguntou Erico com um olhar desprezador.

—E'!

O orador ahi franziu o sobr'olho, revoltado:

—Isso é uma offensa que V. Ex.^a faz á Cama-

ra! Não é a mim só que V. Ex.^a offendeu! E' á Câmara tambem!

— 22 de Dexembro

Conversam, na saleta do café, Barbosa Lima, o ex-deputado Figueiredo Rocha e o coronel osé Faustino, uniforme branco, *cavaignac* comprido e alvo roçando nos botões dourados.

— E a noticia da *Folha do Dia*, Barbosa Lima? — perguntou Figueiredo Rocha. — E' verdade? Você vai se bater em duello?

— Não. Mas eu já tinha um cacho de bananas para as testemunhas.

— 26 de Dexembro

Votou-se uma reforma da secretaria creando varios logares.

— 27 de Dexembro

Discurso violentissimo de Irineu contra o presidente Nilo.

Só agora se conclue, apressadamente, a votação dos orçamentos.

—

29 de Dexembro

A minoria combinou obstruir para que não seja aprovado o tratado com o Uruguai sobre a Lagôa Mirius. E' esta a vingança que exerce contra o barão do Rio Branco por não haver elle aceitado a candidatura á presidencia em oposição ao marechal Hermes. O conselheiro Maciel, velho e tradicional politico gaúcho, pronunciou um longuissimo discurso contra o tratado. Tambem combateu o tratado Dunshee de Abranches, apesar de, no seu discurso elogiar illimitadamente o barão. Ao deixar Dunshee de Abranches a tribuna, já diversos deputados civilistas estavam inscriptos para o obstruir, impedir a aprovação do tratado. Seabra recorreu a uma prorrogação da sessão até ás dez horas da noite. Em seguida Alcindo Guanabara fez a defesa do presidente Nilo. No fim da ovação de Alcindo Guanabara pediu a palavra Correia Defreitas. Eram 5,35 da tarde. Falou até ás 10,35.

— Desde que se trata de limites, eu aproveito e vou tratar da questão de limites do meu Estado com Santa Catharina.

Queixou-se depois de estar doente. Dizia-se que Correia Defreitas rompera um pacto das duas bancadas, que haviam assentado não tratarem do conflito entre os dois Estados na Camara. Vendo-o

começar, Seabra procurou um meio de pedir-lhe não demorasse na tribuna:

— Demais, você está doente . . .

— E'.

Correia Defreitas falava da bancada mineira Deputados da maioria e da minoria sahiram para jantar. A's 7 e meia da noite começaram a chegar, os da minoria Da maioria voltaram menos de oito. O recinto estava profusamente illuminado Nas galérias havia poucos populares. Nas palestras censurava-se que a minoria escolhesse para se vingar do barão justamente um tratado cuja não approvação impressionaria mal no estrangeiro. Felix Pacheco disse:

— E' preciso ter estado na Argentina, como eu estive, para ver a importancia da approvação do tratado já.

A's 8,40, sem jantar, fatigado, Correia Defreitas pediu e obteve permissão para falar sentado. Sentou-se, abriu um livro. Seabra passeava agitado Passando por elle, Irineu disse a rir:

— Ainda amanhã não se encerrará a discussão, por que nós não queremos.

Seabra estacou, fitou-o :

— Faça o que quizer! Amanhã eu tambem tenho o direito de dizer o que vocês devem ouvir! Vá plantar batatas!

Sem responder palavra, Irineu afastou-se. A minoria pretende, com a obstrucção d'agora, provo-

car uma sessão extraordinaria e aproveitá-la para campanha eleitoral civilista. Distante de Seabra, Irineu disse, n'um grupo, que Seabra, naturalmente, dirá amanhã que o governo não convocará sessão extraordinaria. Passou-se mais meia hora de discurso de Correia Defreitas. Seabra aproximou-se d'elle e pediu, em voz baixa, que concludisse. Irineu também se havia approximado e aconselhou alto:

— Continue. Está muito bem!

Sem olhar o, Seabra observou:

— Eu não estou falando com o senhor

— Nem eu com V. Ex^a — E rindo para os vizinhos: — Eu estou até de costas . . .

Indignado, Seabra voltou-se na poltrona:

— E' preciso respeitar a Camara ! Não pense que está dando vaias na rua.

Com os punhos cerrados, Irineu ergueu-se:

— Arruaceiro é V. Ex^a!

— E' V. Ex.^a — E em pé: — E' V. Ex.^a, que sempre foi um arruaceiro!

O conselheiro Maciel tomou o braço de Seabra. Deputados collocaram-se entre os dois. Irineu gritava:

— Governista ! Ha quinze annos que V. Ex^a não faz outra coisa que lamber os pés dos presidentes da Republica!

— É uma injuria!

Secundando o conselheiro, Socrates tomou o outro braço de Seabra, que se calou em vista de estar acompanhado. Irineu retomára o logar onde se achava no começo do conflicto. Aconselhou então o conselheiro que Seabra se sentasse á bancada paulista.

— Não' Eu vou para onde estava

Foi e sentou-se silencioso. Um deputado pedia calma a Irineu.

— Calma o quê! Eu não estava perturbando. Não tenho culpa do deputado Seabra ser malcriado!

— Malcriado é V. Ex.^a! — E levantando se— Malcriado é V. Ex.^a!

Interpuzeram-se alguns collegas, os dous calaram-se e Correia Defreitas proseguiu como se nada ouvisse. Barbosa Lima sentára-se a distancia, sere-namente. Presidia o secretario Saboya Irineu foi até á mesa. Saboya dirigiu-lhe um gracejo. Elle deu um murro na pasta do presidente. Junto á mesa, Moacyr dizia a Dunshee de Abranches:

— Que a sessão se prolongue até meia noite, vá. Mas, indo adiante, não sei o que farei. Depois de meia noite, só se o Seabra quizer levar isso a bala.

Não era possivel ir a sessão além de meia noite. Dez minutos antes das 10 horas o presidente avisou ao orador estar finda a hora. Pediu a pala

vra, pela ordem, Seabra. A minoria achou que se lhe não devia dar a palavra.

Seabra não insistiu. Apesar d'isso, Irineu encarou a Saboya:

— Isso é uma casa de tolerancia! Isso não é Camara!

— Ordem! pediu Saboya. — Eu vou ler o regimento.

Houve um grito:

— Não pôde.

Outros se seguiram, em côro:

— Não pôde! Não pôde! São 10 horas!

João Mangabeira correu para a mesa:

— Agora não pôde! São 10 horas! Está encerrada a sessão!

— Pôde! — respondeu Mascarenhas

Os deputados da minoria, distribuidos nas diversas bancadas, vociferaram:

— Não pôde! Não pôde!

— Pôde!

Seabra repetiu da bancada de Pernambuco:

— Pôde!

— V. Ex.^a olhe o relogio — bradou Socrates

A minoria continuava, sem pausa:

— Não pôde! Não pôde! Não pôde!

Em vão o presidente erguia a voz. O orador suspendera o discurso e olhava espantado. Perguntaram lhe:

— Você não pediu a prorrogação da hora, Correia Defreitas?

— Pedi.

No entanto, Costa Pinto pôz-se a gritar, precipitando a tampa da carteirinha:

— Não pôde! Não pôde! São dez horas!

Candido Motta berrava o seu «Não pôde!» sacudindo-se para a mesa com a face congestionada. Até Cincinato gritava:

— Não pôde!

Em vão, o presidente pedia atenção:

— Atenção! Eu peço atenção dos nobres deputados.

Foi Barbosa Lima, que, collocando se á frente dos collegas oposicionistas, logrou calal-os. Levantou a mão pacificadoramente e pediu:

— Attendamos. Ouçamos a mesa.

Só Candido Motta ficou renovando o seu «Não pôde!» isolado. O presidente anunciou:

— O deputado Correia Defreitas requereu a prorrogação da hora

Com o braço extendido para a presidencia, Faria Souto contestou, insinuando a Correia Defreitas contradizer-se:

— Ia requerer, mas não quero mais!

Seabra adeantou-se:

— Pois eu requeiro a prorrogação...

Socrates atalhou:

— E' um absurdo!

Os outros, porém, cochichavam e consentiram na prorrogação. Havia combinado obstruir até meia noite. Na saleta do café, Irineu disse, sentando-se alegremente:

—Agora, babáos... Foi um dia o tratado.

A's 10,35, Celso Bayma pediu a palavra. A's 11,50 espalhou se no recinto que estacionavam 30 praças de cavallaria nas immediações da Camara. Todos os deputados da minoria presentes entraram a protestar. Celso avisou que não continuaria, não podia continuar o seu discurso com a presença da força. Presidia Eusebio de Andrade. Desenvolveu-se uma immensa gritaria:

—Mande retirar a força! E' uma indignidade! E' uma affronta ao poder legislativo!

O presidente batia os tympanos. As vozes dominavam-lhes a vibração. Mas Cincinato convidou os outros:

---Vamos ouvir o presidente.

Disse então Eusebio de Andrade que o pedido de força fôra seu. E fizera-o porque a Camara estava em uma sessão tumultuosa e á noite. Quizera com isso garantir a ordem nas immediações do edificio, pois haviam-lhe avisado que se pretendia perturbar a ordem.

De repente, Cincinato trepou se n'uma poltrona,

Leão Velloso e outros fizeram o mesmo e principiaram a insultar o presidente. Prudentemente, Eusebio de Andrade mandou retirar a força, encerrou a sessão e dirigiu-se para o tróço de barulhentos. Irineu e Cincinato bradavam :

— V. Ex.^a não está em Alagôas ! Nós não somos o povo de Alagôas ! Isto aqui não é Alagôas !

Sem se intimidar, sempre se chegando para o grupo, Eusebio respondeu :

— E' uma injustiça O povo alagoano é tão digno como o povo paulista. E V. Ex.^a lembre se que S. Paulo é governado por um filho de Alagôas. Fóra d'isso, fiquem sabendo que eu não tenho medo de gritos !

30 de Dezembro.

Eusebio de Andrade explicou da tribuna que solicitara força porque fôra avisado pelo director da secretaria de que Irineu, em palestra, ameaçara :

— Esta sessão acaba hoje a tiro ou a muita bordoada !

Irineu falou tambem, mas conciliador, pilheiriando.

Orava Erico Coelho quando constou que o barão do Rio Branco estava no gabinete do director

da secretaria. Seabra pediu a palavra, subiu á tribuna, appellou para a maioria e para a minoria, pediu a todos que approvasssem o tratado.

— A Camara deve votar o tratado feito pelo maior dos brasileiros.

No gabinete, era o barão cumprimentado por membros da commissão de diplomacia. Seabra foi informal o da situação excepcional da Camara da difficultade que a minoria oppunha á approvação do tratado. A minoria dava como justificação a circumstancia de haver chegado tarde á Camara o tratado. Apparentemente calmo, o barão tirou o cigarro da boca:

— Ora! O tratado é ha muito conhecido. Eu esperei, portanto, que a Camara terminasse a votação dos orçamentos.

Alludiam tambem ao tratado com o Perú.

— Mas eu não o havia de mandar á Camara antes de ser elle approvado no Perú.

O barão contou que trabalhára até 5 horas da manhã e não dormira.

—

Falava Cincinato Braga, quando entraram no recinto, vindos do corredor direito, dois rapazes ás taponas. Irineu separou-os e deu ordem de prisão ao mais aggressivo, o academico Theodoro de Almeida.

— Está preso!

O presidente, Torquato Moreira, suspendeu a sessão e, rapido, caminhou para o logar do conflito:

— Que foi isso?

— E' este homem — contou Irineu — que deu uma bofetada n'um rapaz. Foi preso por mim.

Pallido, mas destemido, o academicº respondeu:

— Estou preso por um homem que devia estar preso ha muito tempo!

Torquato repelliu o:

— Cale-se! Está preso tambem por mim, que sou o presidente da Camara !

Os dous rapazes foram levados para a secretaria.

Reaberta a sessão, Cincinato começou a atacar o presidente Nilo. Os outros oradores tinham proferido o nome do barão do Rio Branco sem que as galerias dessem palmas.

— Qu'é das palmas da galeria? — perguntava satisfeito Costa Pinto. — A popularidade do barão foi-se!

As pessoas presentes, entre as quaes estava o diplomata Enéas Martins, sorriam discretamente. Costa Pinto continuou:

— Agradeça o barão ao marechal Hermes.

Saiu e, parando n'outro grupo:

— Viram? As galerias não deram palmas ao nome do barão. E' um ídolo de pés de barro...

Depois, pondo a mão em pala á altura da testa:

— O Ruy está preparado para discutir o tratado até aqui.

Moacyr sucedia a Cincinato, atacava também ao presidente Nilo. Em seguida, Barbosa Lima saudou o tratado. Pelo tratado falaram também Medeiros e Albuquerque e Carlos Peixoto. Mas encerrou-se a ultima sessão sem que a minoria permittisse a approvação.

Um a um, os deputados, já recebido o subsídio, foram deixando a Camara. Ao anoitecer illuminára-se o recinto. Restava na casa Irineu Machado, junto á curul do presidente, conversando com o ex-deputado Neiva; Faria Souto revia um discurso. Alguns reporters organizavam as suas notas, e Correia Defreitas perguntava a um continuo:

— Então isso aqui amanhã é obrigado a casaca...

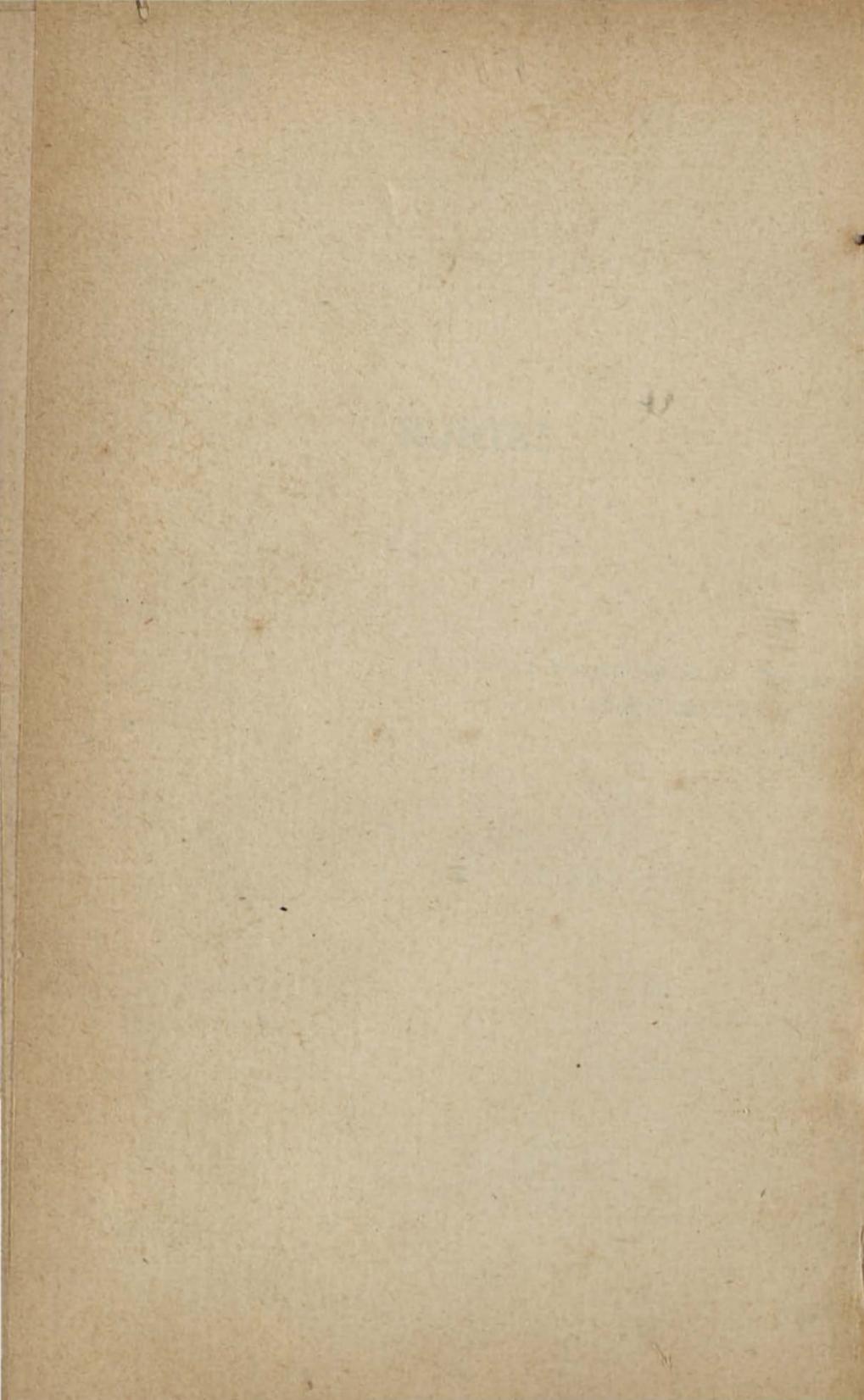
— Não, *seu doutô*. Não é aqui, não. Vai *sê* no Senado. E não se leva casaca, não.

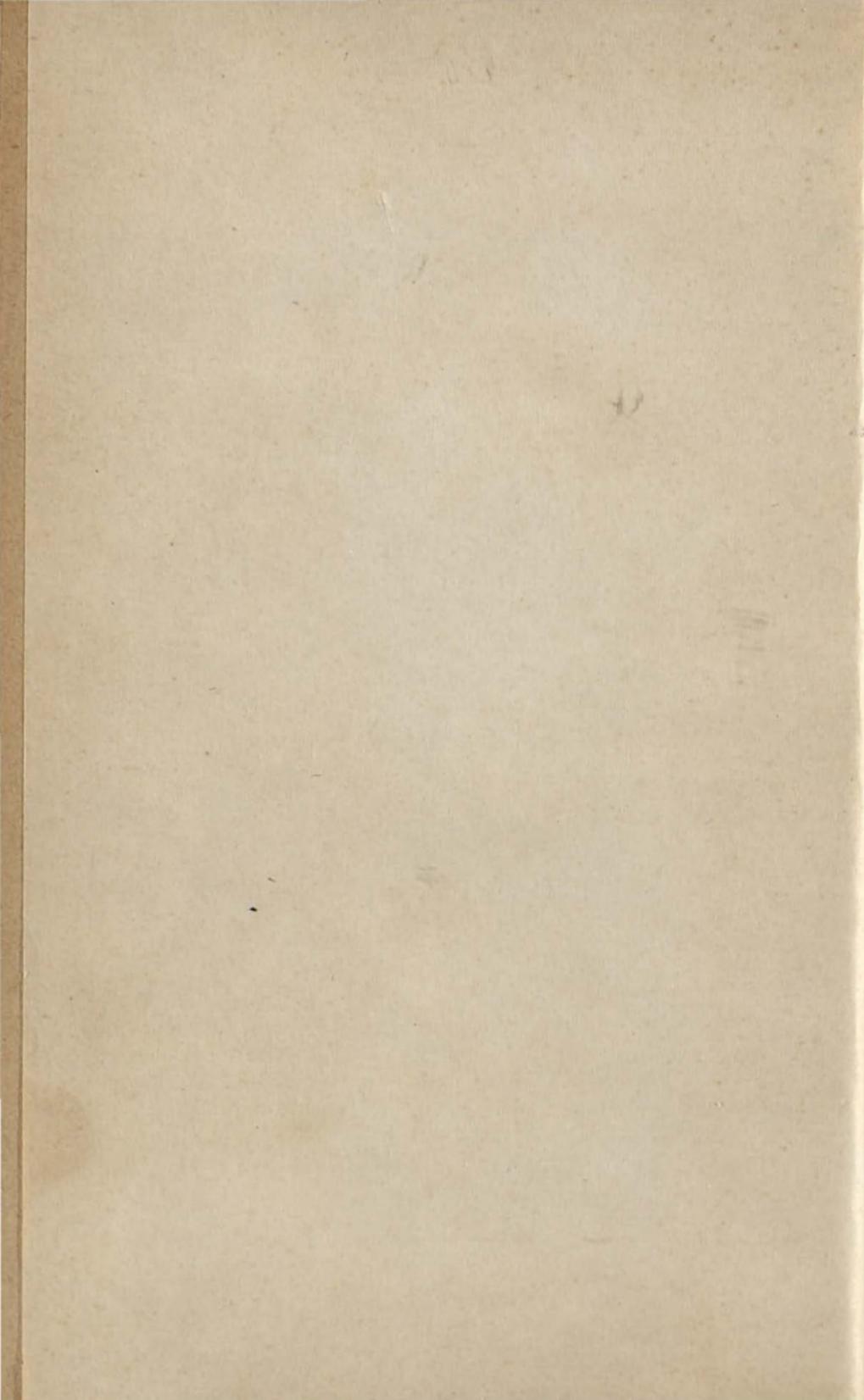
Sob o relogio, entre os dois pannos verdes do reposteiro, aparecia o ex-deputado Thomaz Cavalanti, fardado de coronel do exercito, pensativo, os galões dourados brilhando mais sob a luz.

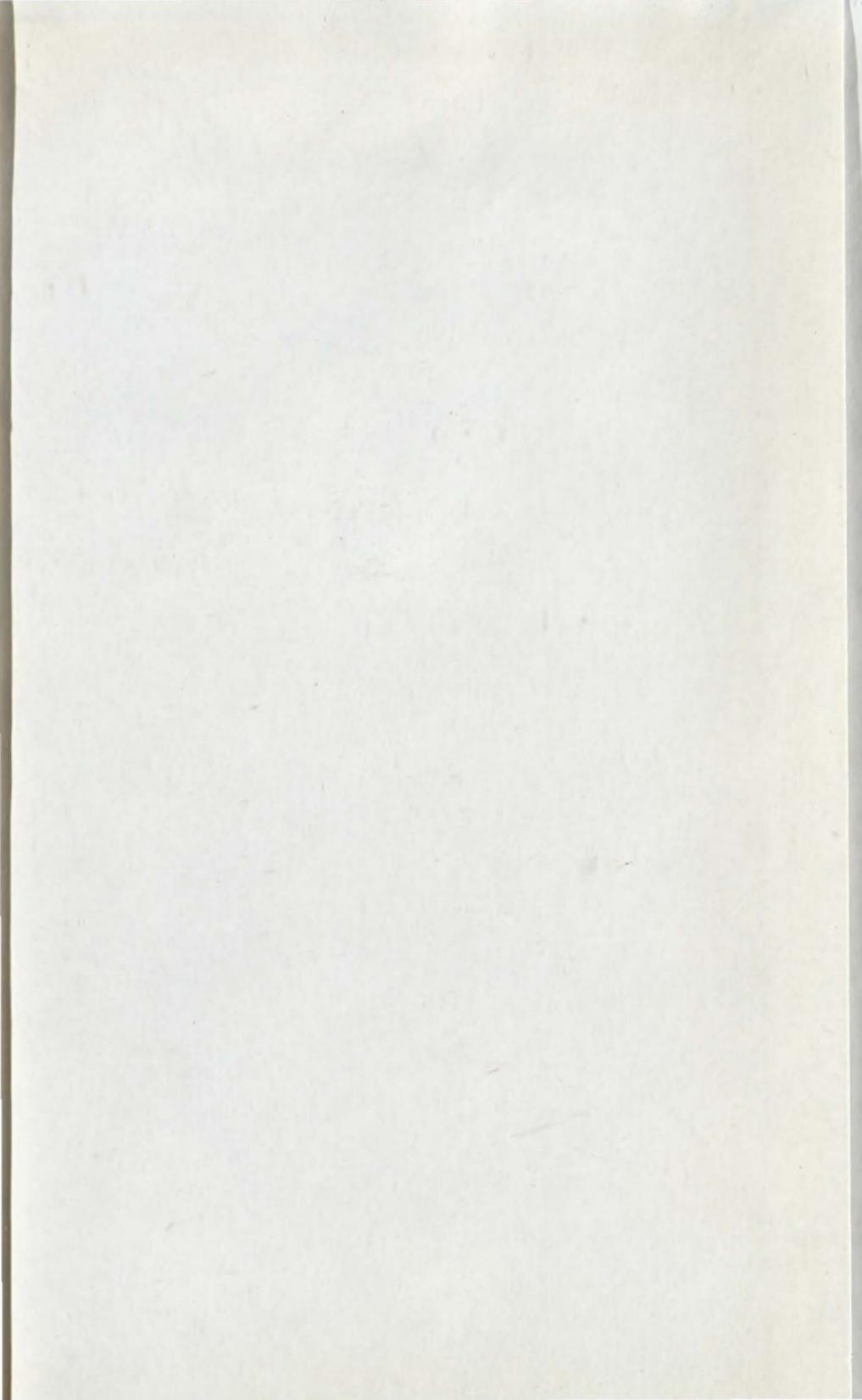
FIM

INDICE

	pag.
Quem faz a politica sou eu	5
O estoiro da boiada	105
Paz e amor	165
A Comissão do Cine	33
A Reunião	34
A Comissão de Legislação	36







Câmara dos Deputados

CEDI - BIBLIOTECA

- Procure ser pontual na devolução da obra emprestada
 - Se necessária a prorrogação da data, renove pessoalmente ou pelos telefones:

(61) 3216-5679 / 3216-5682

Esta obra deve ser devolvida na última data carimbada





Câmara dos Deputados

Câmara dos Deputados